



TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**ANÁLISE COMPARATIVA DE ASPECTOS DE HUMOR E  
INTERTEXTUALIDADE NA OBRA “PEQUENOS DEUSES”  
DE TERRY PRATCHETT: SUTILEZAS QUE FAZEM A  
DIFERENÇA NA TRADUÇÃO.**

**Raquel Pavanelli Porlan**

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**

INSTITUTO DE LETRAS

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
Instituto de Letras  
Departamento de Letras e Tradução

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**ANÁLISE COMPARATIVA DE ASPECTOS DE HUMOR E  
INTERTEXTUALIDADE NA OBRA “PEQUENOS DEUSES”  
DE TERRY PRATCHETT: SUTILEZAS QUE FAZEM A  
DIFERENÇA NA TRADUÇÃO.**

**Raquel Pavanelli Porlan**

*Trabalho de conclusão de curso submetido ao Departamento de Letras e Tradução  
como requisito parcial para obtenção  
do grau de Bacharel em Letras Tradução Inglês*

**Banca Examinadora**

Profa. Dra. Alessandra Matias Querido  
*Orientadora*

\_\_\_\_\_

Profa. Dra. Norma Diana Hamilton  
*Coorientadora*

\_\_\_\_\_

Profa. Dra. Alessandra Ramos de Oliveira Harden  
*Professora - Avaliadora*

\_\_\_\_\_

## FICHA CATALOGRÁFICA

PORLAN, RAQUEL PAVANELLI

ANÁLISE COMPARATIVA DE ASPECTOS DE HUMOR E INTERTEXTUALIDADE NA OBRA “PEQUENOS DEUSES” DE TERRY PRATCHETT: SUTILEZAS QUE FAZEM A DIFERENÇA NA TRADUÇÃO. [Distrito Federal]2023.

xvi, 121 p., 210 x 297 mm (IL/LET/UnB, Bacharel, Letras Tradução Inglês, 2023).Trabalho de conclusão de curso - Universidade de Brasília, Instituto de Letras.

Departamento de Letras e Tradução

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

PORLAN, R. (2023). *ANÁLISE COMPARATIVA DE ASPECTOS DE HUMOR E INTERTEXTUALIDADE NA OBRA “PEQUENOS DEUSES” DE TERRY PRATCHETT: SUTILEZAS QUE FAZEM A DIFERENÇA NA TRADUÇÃO*.

Trabalho de conclusão de curso, Departamento de Letras e Tradução, Universidade de Brasília, Brasília,DF, 121 p.

## CESSÃO DE DIREITOS

AUTOR: Raquel Pavanelli Porlan

TÍTULO: ANÁLISE COMPARATIVA DE ASPECTOS DE HUMOR E INTERTEXTUALIDADE NA OBRA “PEQUENOS DEUSES” DE TERRY PRATCHETT: SUTILEZAS QUE FAZEM A DIFERENÇA NA TRADUÇÃO.

GRAU: Bacharel em Letras Tradução Inglês ANO: 2023

É concedida à Universidade de Brasília permissão para reproduzir cópias deste Projeto Final de Graduação e para emprestar ou vender tais cópias somente para propósitos acadêmicos e científicos. O autor reserva outros direitos de publicação e nenhuma parte desse Projeto Final de Graduação pode ser reproduzida sem autorização por escrito do autor.

---

Raquel Pavanelli Porlan

Departamento de Letras e Tradução

Universidade de Brasília (UnB)

Campus Darcy Ribeiro

CEP 70919-970 - Brasília - DF - Brasil

## **AGRADECIMENTOS**

A minha orientadora Alessandra Matias Querido, por não desistir de mim, me acompanhar e me incentivar a não desistir desde o começo dessa jornada.

A minha coorientadora Norma Diana Hamilton, por aceitar se tornar parte deste trabalho.

Aos professores do Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, por me moldarem e me fazerem chegar até aqui, em especial a professora Alessandra Ramos de Oliveira Harden, por me ajudar na luta de encontrar uma orientadora.

Aos meus amigos do curso de Letras, em especial a Leona Cristina, por sempre me dar forças e estar disposta a conversar por horas sobre o meu trabalho.

Ao meu noivo, por ser a minha rocha, me abraçar e me apoiar nos meus momentos de desespero.

A minha família por torcer por mim e não me pressionar, mesmo que a conclusão dessa etapa tenha demorado mais que o esperado.

E a minha psicóloga e psiquiatra por me ajudarem durante todo esse processo.

---

## RESUMO

Este trabalho propõe a tradução comparada de um trecho do livro *Pequenos Deuses* (1992) de Terry Pratchett (1948-2015), do inglês para o português. Nele, além de apresentar um breve resumo da obra e algumas características do estilo da escrita do autor, discorreremos sobre a importância do estudo da tradução do humor, bem como sua relação com a intertextualidade. Para isso, utilizaremos os conceitos propostos por Paulo Ramos (2011) e Veera Pullinen (2016), respectivamente. Em seguida, após apresentação da metodologia utilizada, será feito um relatório de tradução comparando a Primeira Tradução da obra feita por Alexandre Mandarino (2015) e a Tradução Proposta, de nossa autoria, tendo como base o Texto Fonte. Por fim, serão mostradas as considerações finais deste trabalho.

**Palavras-chave:** Estudos da Tradução, intertextualidade, humor, escolhas de tradução, Terry Pratchett.

---

## ABSTRACT

This paper proposes the compared translation of an excerpt of the book *Small Gods* (1992), by Terry Pratchett (1948-2015), from English to Portuguese. In it, in addition to presenting a brief summary of the book and some characteristics the author's writing style, we will talk about the importance of studying how to translate humor, as well as how it relates to intertextuality. To do that, we will employ concepts presented by Paulo Ramos (2011) and Veera Pullinen (2016), respectively. Then, after presenting the methodology, a translation report will be done by comparing the book's First Translation, by Alexandre Mandarino (2015) and the Proposed Translation, done by us, with the Source Text as a basis for it. Finally, this paper's final considerations will be displayed.

**Keywords:** Translation Studies, intertextuality, humor, translation choices, Terry Pratchett.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	6
<b>1 O AUTOR E A OBRA</b> .....	8
1.1    SOBRE O AUTOR, TERRY PRATCHETT.....	8
1.2    SOBRE A OBRA, <i>SMALL GODS</i> .....	11
<b>2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS</b> .....	14
2.1    INTERTEXTUALIDADE .....	14
2.2    HUMOR .....	20
2.3    INCONGRUÊNCIA .....	27
2.4    TRADUÇÃO DO HUMOR.....	34
<b>3 METODOLOGIA</b> .....	39
<b>4 RELATÓRIO DA TRADUÇÃO</b> .....	41
4.1    HUMOR.....	41
4.2    SUTILEZAS .....	46
4.3    MODALIDADES DE TRADUÇÃO.....	50
4.3.1    Omissão.....	50
4.3.2    Acréscimo.....	51
4.3.3    Explicitação.....	52
4.4    EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS .....	54
<b>5 CONCLUSÕES</b> .....	56
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	57
<b>APÊNDICES</b> .....	58
APÊNDICE I: Texto Fonte.....	58
APÊNDICE II: Tradução Proposta.....	84
APÊNDICE III: Primeira Tradução .....	112

## INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo propor uma análise comparativa entre a Primeira Tradução feita por Alexandre Mandarino (2015) e a Tradução Proposta neste trabalho elaborada pela autora (PORLAN, 2023), da obra escrita por Terry Pratchett (1992), “*Small Gods*” mediante as problemáticas envolvendo a tradução do humor e, conseqüentemente, as soluções de trechos de humor encontrados nela. A escolha de realizar uma tradução comparada dessa obra, como tema e objeto de análise se justifica pela percepção de que alguns aspectos, especialmente aqueles relacionados ao contexto da história e às características do estilo do autor, poderiam ser reconsiderados, quando levada em conta a Primeira Tradução.

O humor terá um maior foco nesta pesquisa pois, em um contexto acadêmico, a análise do humor pode fornecer *insights* valiosos sobre a sociedade, a cultura e a psicologia humana. Neste trabalho, exploraremos a intertextualidade do humor na obra de Terry Pratchett, com ênfase em personagens como Brutha, Om e Vorbis, e o Narrador, com influência majoritária de dois teóricos: Paulo Ramos (2011) e Veera Pullinen (2016).

Terry Pratchett é um autor britânico conhecido por suas obras de fantasia e humor, que usa de referências implícitas e explícitas a outros textos (intertextualidade) muitas vezes já conhecidos, como também de muitos elementos do real para criar um humor inteligente e satírico. Em “*Small Gods*”, Pratchett apresenta o personagem Brutha, um jovem ingênuo e devoto, que se torna o último crente no deus Om. Om, por sua vez, é um deus frustrado que foi reduzido a um jabuti por conta da falta de crença de seus “fiéis” em seu poder. Com isso, a relação entre Brutha e Om é uma fonte rica de humor.

O rico trabalho de Pullinen (2016) acerca da intertextualidade, termo proposto por Julia Kristeva (1969), refere-se à relação entre textos, à medida que um texto faz referência a outro. No caso de Pratchett, ele faz uso dessa técnica ao incorporar elementos da mitologia e da religião em suas histórias. A figura do deus Om, por exemplo, é uma paródia da divindade onisciente e todo-poderosa presente em muitas religiões. Portanto, ao transformar Om em um jabuti, Pratchett subverte as expectativas do leitor e cria situações cômicas.

Para os estudos do humor, ainda que suas obras não tenham sido usadas diretamente neste trabalho, as teorias criadas e desenvolvidas por Salvatore Attardo (2009) e Victor Raskin (1985) foram essenciais para a compreensão do humor e seus mecanismos de transferência e recepção, sempre um produto de uma interação entre dois indivíduos. O elemento linguístico humor, como será visto especialmente na obra de Ramos (2011), se mostra como

excessivamente volátil, sua definição mais sintética é de: um segundo *frame* marcado pela contradição ao primeiro *frame*, que deve ser uma surpresa para a leitora.

Foram usadas também teorias desenvolvidas por Arthur Koestler (1964), bissociação, e José Luiz Fiorin (2008), mudança de isotopia, para entender as formas de (re)criação do humor e como elas podem ser recuperadas e percebidas pela leitora. Ambos os conceitos serviram de apoio para classificar como o humor poderia se manifestar e, por fim, saber distinguir onde a tradução deve agir com incongruência para garantir o humor.

O aspecto instável do humor, um reflexo do caos, foi o que mais causou problemas durante o fazer tradutório, pois a simples compreensão do humor na sua língua de partida já é um desafio devido às barreiras culturais. Contudo, através da obra de Jiri Levy (2011), entendemos a tradução como um ato (re)criativo, possibilitando que as escolhas de tradução fossem feitas de maneira consciente, porém com uma maior liberdade criativa a fim de garantir o sentido e a recuperação do humor na língua de chegada.

A divisão deste trabalho foi feita em cinco capítulos. O primeiro traz informações a respeito do autor (vida profissional, influências e estilo de escrita), bem como sobre a obra “Pequenos Deuses”, que inclui um breve resumo e análise dos personagens mais relevantes. No segundo capítulo, apresentamos os pressupostos teóricos que guiaram a pesquisa, com destaque para os conceitos de humor e intertextualidade. Em seguida, trazemos a metodologia utilizada e, logo depois, o relatório de tradução, feito em formato de tabelas comparativas, onde serão apresentados exemplos de segmentos relevantes. Por fim, apresentamos as considerações finais, buscando finalizar o trabalho de maneira coesa e de fácil entendimento.

A análise do humor na tradução literária é um tema que na minha concepção deveria ser mais explorado no campo dos Estudos da Tradução, o que motivou a escolha do autor e do corpus trabalhado. Dessa forma, espera-se que esta pesquisa possa contribuir para um maior entendimento das soluções de trechos de humor presentes na obra selecionada, bem como para a ampliação do conhecimento acerca da utilização do humor na tradução de modo geral.



## 1. O AUTOR E A OBRA

Neste capítulo, traremos informações relevantes acerca do autor e da obra que serão objeto de estudo no presente trabalho, com o objetivo de contextualizar o leitor.

### 1.1. Sobre o autor, Terry Pratchett

Sir Terence David John Pratchett nasceu em 28 de abril de 1948, em Beaconsfield, Inglaterra, marcando o início de uma nova era “*sagrada*” e como todo grande profeta da literatura, sua palavra foi capaz de alcançar diferentes grupos sociais e assim, quem sabe, causar uma mudança significativa no rumo das coisas, especialmente, no pensamento e na percepção humana acerca da presença e relação com elementos bases da cultura: religião e política.

Pratchett cursou o ensino médio no *High Wycombe Technical College*, lugar de sua primeira publicação, aos 13 anos, na revista da escola “*The Technical Cygnet*” (1962), com o título “*Business Rivals*”. O texto é sobre um pacto entre um advogado e o diabo, no qual o diabo tem certeza de que irá ganhar mais uma alma, porém é manipulado e driblado pelo advogado que, não só ganha o acordo, como também se torna governante do inferno, enquanto o diabo deve voltar ao céu.

Logo no ano seguinte, 1963, publicou “*The Hades Business*”, na revista “*Science Fantasy*”, recebendo 14 libras, as quais ele investiu em uma máquina de escrever e deu continuidade ao seu trabalho, porém, apenas para prazer próprio.

Em 1965, aos 16 anos, decidiu sair da escola e começar a trabalhar em um jornal local chamado “*The Buck Free Press*”, escrevendo uma coluna semanal chamada “*Children’s Circle*”, que continha histórias que foram publicadas posteriormente no livro “*Dragons at Crumbling Castle*”. Foi graças ao trabalho de jornalista que conseguiu sua primeira publicação no meio editorial quando, em 1968, Pratchett entrevistava um editor local chamado Peter Bander van Duren e comentou sobre o seu manuscrito de “*The Carpet People*”. Duren, então, solicitou-o e passou-o para seu co-diretor, Colin Smythe, que mais tarde seria também editor de Pratchett. A obra foi originalmente escrita em torno de 1967, quando Pratchett tinha 17 anos, porém só foi publicada em 1971, aos 23 anos. Esse foi também o ano em que se casou com sua esposa, Lyn Purves.

Além do “*The Buck Free Press*”, trabalhava também no “*Western Daily Herald*” e no “*Bath Chronicle*”, o que impedia que se dedicasse com afinco a suas próprias obras, motivo pelo qual os livros “*The Dark Side Of The Sun*” (1976) e “*Strata*” (1981) demoraram para

serem publicados. A essa altura Pratchett havia começado a publicar mais obras, porém, Butler (2001) aponta que, durante as duas primeiras décadas de sua carreira, ainda não tinha um público consolidado.

Na obra "*The Pocket Essential*" (2001), de Andrew M. Butler, vemos uma coletânea de informações e fatos curiosos sobre a vida e jornada de Pratchett, como uma de suas influências ser o renomado autor da literatura inglesa, J.R.R. Tolkien. Tolkien também foi responsável pela disseminação do gênero fantasia, primeiro com "O Hobbit" (1937) e, conseguinte, através da trilogia "Senhor dos Anéis" (1954-1955). Coincidentemente, foi a primeira obsessão literária de Pratchett, o que pode explicar sua forte inclinação para o fantasioso.

A fama de Pratchett teve início com a publicação de "*The Colour of Magic*", o primeiro livro da série "Discworld", que acabou totalizando 41 livros publicados e bem-sucedidos. Butler (2001) observa que, diferente de outros autores, Pratchett tem uma recepção variada quanto ao gênero e idade de seus leitores, pois suas obras não apresentam uma linguagem que pode ser descrita como de homens para homens, com um personagem masculino que representa apenas o homem e não o humano. Dentro de Discworld, inclusive, existe a obra "*Equal Rites*" (1986), que trata do feminismo.

Esse alcance de suas obras é explicado pelo próprio autor em uma entrevista para a BBC, de 1992, em que, a princípio, é questionado sobre como ele definiria o gênero fantasia. O autor responde como a fantasia é ampla e adaptável ao estilo que se deseja criar, por exemplo, de que ficção e romance policiais podem ser diferentes formas de fantasia, algo que é limitado pela própria crença popular de que a fantasia existe apenas no irreal. Isso o levou a questionar o porquê em se ir tão longe se a melhor referência para um novo mundo é nosso próprio mundo.

Obviamente, Pratchett não descarta o valor do irreal. Pelo contrário, ele se aproveita do conhecimento prévio e popular sobre determinados mitos e crenças para ancorar suas contextualizações, usando a intertextualidade para a criação de cenários e momentos humorísticos e a composição de seu repertório textual pode ser mais ou menos familiares de acordo com os conhecimentos prévios da leitora.

No caso da obra "Pequenos Deuses" (1992), objeto de análise deste trabalho, a referência religiosa é essencial tanto para construção quanto para a compreensão do sentido. Na entrevista citada anteriormente, Pratchett cita o mito/crença da tartaruga gigante no espaço com os quatro elefantes andando sobre suas costas, enquanto sustentam o mundo. Essa crença vem da religião hindu que sugere a existência desses seres cósmicos responsáveis por sustentar o mundo (elefantes) e caminhar pelo cosmos (tartaruga).

No entanto, para países colonizados, como o Brasil, por terem sofrido bastante

influência de dogmas do cristianismo, essa informação pode ser de mais difícil acesso para população por não estar tão presente no imaginário popular. Mesmo assim, a presença de diferentes grupos religiosos ajuda a leitora a compreender o conflito presente na obra, pois a ambiguidade apresentada por Pratchett é perceptível pela oposição de um fator conhecido para um desconhecido.

Na mesma entrevista, é questionado também acerca do seu público-alvo, ao que o autor responde como sendo indefinido. Isso é evidenciado por sua própria vivência, como receber a carta de uma menina de sete anos em contraste a de um pesquisador de 85 anos da Universidade de Oxford, com comentários sobre o mesmo livro, ainda que com suas referências (repertório textual) intertextuais sejam particulares e únicas. O autor comenta que durante seus encontros para autógrafos acaba recebendo diferentes tipos de pessoas com diferentes estilos e idades.

Outra indicação do seu alcance ultrapassar a faixa etária é o prêmio *Carnegie Medal*, pelo seu livro infantil *"The Amazing Maurice and His Educated Rodents"*, de 2002. Pratchett afirma que de todos os prêmios que já recebeu, esse é o de maior orgulho. Até mesmo mais do que o de se tornar cavaleiro, título concedido pela rainha em 2009 por seus serviços à literatura.

Em confirmação a sua influência e recepção positiva, Butler (2001) sugere que de todo o corpo literário que compõe o território inglês, ao menos 1% de toda produção publicada é de Pratchett. Com o decorrer dos anos, é muito provável que esses números tenham mudado, fazendo com que sua porcentagem tenha caído, porém Pratchett continua como um dos grandes nomes da literatura inglesa. Sua arte não se limitou apenas ao campo da literatura e ao espaço do papel, como também proporcionou diferentes adaptações audiovisuais, como *"Good Omens"*, produção em parceria com Neil Gaiman, também com temática religiosa.

Escrever sobre essa temática recorrentemente poderia causar um afastamento do público geral, justamente por se tratar de um tema delicado. Entretanto, Pratchett é capaz de construir uma relação fluida, sustentando-se em uma crítica humorística, sem que haja uma resistência *negativa* por parte do leitor quanto ao tema. Ao fazer isso, utiliza de elementos linguísticos como a paródia e a alusão, que já se refere a um (sub) gênero, que se manifesta, comumente, em discursos de humor com auxílio de referências intertextuais.

Pratchett já havia publicado 43 livros até o ano de 2013, de uma maneira assídua em oposição à doença que enfrentava desde 2007, a Atrofia Cortical Posterior (PCA) ou síndrome de Benson, uma variante rara do Alzheimer, que afeta principalmente a visão. Até o ano de 2015, ano em que morreu, Pratchett acumulou diversos prêmios e uma multidão de fãs, foi também o ano que publicou *"The Shepherd's Crown"*, concluído meses antes de sua morte.

## 1.2. Sobre a obra, **Pequenos Deuses**

“*Small Gods*”, ou “Pequenos Deuses”, em português, foi publicado em 1992 e se passa no mundo fantasioso de Discworld. Em ordem cronológica, foi o 13º livro publicado nessa saga, de 41 volumes. No entanto, a história não depende de nenhum conhecimento prévio a respeito dos demais livros passados nesse universo para ser entendida.

O poder dos deuses, em Discworld, está diretamente relacionado com a força da fé de seus fiéis, bem como com a quantidade deles. Então imagine a surpresa de Om, um dos mais antigos e poderosos deuses, quando ele volta ao plano dos mortais e, em vez de tomar a forma de um poderoso touro, ou quem sabe uma respeitosa águia, capaz de gerar respeito e se comunicar com seus fiéis, ele aparece como um jabuti caolho, que aparentemente não pode ser escutado por ninguém.

Isso muda quando Om é levado por uma águia, que buscava fazer dele seu jantar, e acidentalmente cai na horta de um dos muitos noviciados da Cidadela e encontra Brutha, a única pessoa capaz de compreendê-lo, até então. Brutha é descrito como um rapaz lento, mas obediente, que tem dificuldade de formular ideias e não entende muito bem sutilezas como metáforas ou sarcasmo. No entanto, devido justamente a esse modo mais simples de pensar, bem como à sua criação, feita por uma avó extremamente religiosa, Brutha cresceu não apenas acreditando, mas *sabendo* da existência do Grande Deus Om.

Devido a isso, Brutha é a única pessoa capaz de entender Om quando ele se manifesta em forma de jabuti, pois ele é seu único fiel de verdade. Isso pois, apesar de a Igreja do Grande Deus Om ser uma das maiores de Discworld, seus fiéis não acreditam realmente no Deus, pois são motivados não por sentimentos de crença, mas sim de medo, por parte dos cidadãos, ou ambição e vontade de poder (e ainda sim, grande parte, por medo) por parte dos membros da Igreja.

Um exemplo de destaque no livro é o personagem Vorbis, um dos líderes da Quisição, entidade responsável por punir e torturar aqueles suspeitos de heresia. Vorbis, por sua posição na Igreja, mas muito mais por sua aura ameaçadora e postura egocêntrica, causa medo em todos aqueles que cruzam seu caminho. Sua ambição é o que motiva os acontecimentos da história, pois, em sua busca por poder, mascarada como intenção de apenas seguir as vontades do Deus, Vorbis lidera uma expedição a Efebo, na esperança de anexá-la ao território de Omnia e ainda quem sabe conseguir o título de profeta no processo.

Apesar de tratar de temas pesados, como a opressão causada por instituições religiosas, bem como a sede de poder de seus membros, a escrita de Pratchett traz a todo momento

momentos de humor, muitas vezes realizados pelo narrador, mas também com a dinâmica da dupla improvável entre Om e Brutha. Aqui é importante ressaltar que o humor presente no texto nunca é feito de maneira cruel, para tirar sarro das religiões ou personagens, mas sim, constitui uma sátira inteligente e bem-humorada das situações descritas acima.

Suas reviravoltas estão sempre ligadas à presença do personagem-herói, porém seus heróis raramente se enquadram naqueles capazes de grandes feitos ou até mesmo influências significativas para o contexto da obra, se olhados por cima. Vemos isso com Brutha, personagem principal da obra “Pequenos Deuses”, que inicia sua jornada com um grande ar de ignorância e inocência para um mundo cruel e guiado por relações de dominação. Ao não se enquadrar no papel de herói tradicional, ele raramente instiga as mudanças e os acontecimentos da obra, mas sim, se vê sendo levado pelas ações dos outros personagens, sempre mantendo sua honestidade e visão única do mundo. Isso leva a que, finalmente, no clímax da obra, ele seja o principal responsável por impedir a ocorrência de uma guerra, sendo reconhecido posteriormente como profeta e herói.

Essas relações são determinadas por uma briga de crenças, reais, e sutilmente trabalhadas, em que uma deseja se sobrepor a outra. O Poder é um aspecto quase que essencial para Pratchett, se manifestando em boa parte de suas obras. Seja por meio de personagens “bons” ou perversos, sabendo que o segundo caso se apresenta quando os personagens vivenciam um confronto em que o próprio poder está em jogo e caso será capaz de resistir às armadilhas do poder. É interessante notar o porquê de *bons* estar entre aspas, pois ao analisar todos os seus personagens em um campo *humano*, percebe-se que as ditas “boa pessoas” surgem, ao contrário das perversas, no confronto entre si e a moral.

Essa conclusão surge da obra em questão, ao se levar em consideração os três personagens com maior presença e cujas escolhas influenciam de maneira mais significativa o desenvolvimento dos acontecimentos presentes no livro. Brutha, Om e Vorbis são o reflexo do *bom*, do *humano* e do *perverso*. O intrigante é a inversão da percepção acerca de cada um.

Brutha, no começo, não apresenta nenhum aspecto que seria tipicamente considerado valoroso ou digno para a sociedade. Porém, sua natureza curiosa o posiciona, constantemente, frente ao confronto entre si e moral/ética, mostrando que o seu crescimento é único e merecedor, na medida do possível. Om, ainda que, ou até mesmo por conta de ser o deus de toda uma nação, possui uma natureza mesquinha e individualista. Porém, com o passar dos acontecimentos, sua natureza “perversa” se desenvolve para uma personalidade mais emotiva, mais questionadora, mas humana, devido a seu contato com Brutha. Por fim, Vorbis, o suposto divino apodrecido pela própria humanidade e pelo próprio divino, é um personagem ditatorial, com sede de poder,

uma índole má e manipuladora e que ainda usa o status do divino para justificar atos hostis e sedentos por poder. Ele é usado, por Pratchett, para mostrar a pior faceta possível que pode existir em qualquer grupo religioso e como as pessoas podem usar a religião para justificarem atos egoístas e de extrema violência e discriminação.

## 2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Nesta seção serão desenvolvidos conceitos que se mostram frequentes na escrita de Pratchett, a intertextualidade e o humor, características da constituição psicossocial da humanidade e dois aspectos cujas definições estão em constante debate nas diversas áreas de conhecimento que os estudam. Esses elementos demonstram, como introduzido no capítulo anterior, que são a base para a alta receptividade das obras de Pratchett e suas contribuições para a literatura, assim como, por trabalhar tão intrinsecamente com a realidade, suas obras seguem sendo objetos de estudo para compreensão das relações humanas a partir de um mundo fantasioso.

### 2.1. A intertextualidade

Veera Pullinen (2016), em “*Intertextuality as a Source of Humor in Terry Pratchett’s Novels*”, tenta apresentar uma definição, ainda que não completa, sobre o que é a *intertextualidade*. A linha de definição mais comum é a de seria um texto composto por dois ou mais textos dentro de um mesmo contexto, com referências implícitas ou explícitas, que servirão de plano de fundo para a construção de um novo texto original em criatividade e singularidade. Ressaltando o que fala Pullinen (2016) acerca das questões de originalidade de que nada se cria, mas se recria.

A intertextualidade é um aspecto humano, presente tanto na oralidade, quanto na escrita. É ainda um elemento essencial para a criação do discurso, visto que “referências a outros textos podem nem sempre ser óbvias, enquanto em outras instâncias, a referência é clara e o texto fonte é mencionado” (PULLINEN, p. 5, 2016 - Tradução nossa)<sup>1</sup>. Portanto, infere-se que o humor, ainda que um objeto de estudo individual, pode ser observado como um elemento intertextual, visto que ajuda a posicionar o sentido e a compreensão do contexto.

Isso poderia explicar o alto nível de recepção das “novidades” apresentadas nas obras de Pratchett, pois o autor possui um jogo discursivo, pelo que pudemos observar, bem desenvolvido pelo uso da linguagem oral na linguagem escrita. Pullinen (2016) cita a obra “*Intertextuality*”, de Graham Allen (2000), quanto aos efeitos reflexivos da intertextualidade

---

<sup>1</sup> [Original] *The references to other texts might not always be so overt whereas in some instances the reference is clear and the source text is mentioned.* PULLINEN, p. 5. 2016.

em relação aos acontecimentos humanos e como ela torna possível não apenas uma visão crítica como também uma visão mais específica de uma sociedade, evento histórico e/ou eras.

O estudo da intertextualidade e do humor, seja como objetos diferentes ou, nesse caso, funcionando em uma relação intrínseca à emissão e a recepção do sentido, são os responsáveis pelas enigmáticas e engraçadas obras de Pratchett. Delia Chiaro (1992 apud: PULLINEN, p. 6, 2016) aponta que ambos podem ser tão “culturalmente específicos” que sua recepção por estrangeiros pode ser impossível.

Porém, após uma (re)leitura e uma análise, percebemos que as fortes referências intertextuais usadas pelo autor permitem que alguns elementos culturais específicos possam ser recuperados na língua alvo com o mesmo sentido. Esses seriam os principais componentes responsáveis para uma possível recepção do humor de Pratchett em outro contexto e outra cultura, uma vez que já teve seus textos traduzidos para 37 línguas diferentes.

Para entender como esses elementos e efeitos socioculturais afetam as escolhas da tradução, continuaremos a observar o trabalho de Pullinen (2016) que se divide em cinco partes gerais: Introdução, Histórico, Metodologia e Dados, Resultados, e Discussão e Conclusões. A primeira contendo as definições e possíveis conceitos para o que é a *Intertextualidade* e o que é o *Humor*, dois “aspectos” humanos que só foram ser trabalhados com mais ênfase academicamente em torno do século XX.

De acordo com ela, a definição mais comumente aceita do que seria a intertextualidade surgiu nos estudos da literatura durante os anos 60. Entretanto, os conceitos básicos de intertextualidade surgiram a partir dos estudos e teorias desenvolvidas por Ferdinand de Saussure no início do século XX. Em “Introdução a Linguística”, José Luiz Fiorin (2003) disserta sobre a distinção entre linguagem (heteróclita e multifacetada, que possui vários domínios), língua (produto social da fala – um sistema de signos) e a fala (um ato que usa dos códigos, sistemas de signos, da língua para expressar e estabelecer comunicação – por meio mecanismos psicofísicos).

Entende-se que os signos são elementos instáveis constituídos a partir das relações de seres humanos, criaturas mutáveis com a capacidade de manipular o discurso por meio de elementos linguísticos, como a ironia e o sarcasmo. Na literatura, isso se mostra ainda mais volátil, com os signos assumindo uma função metafórica para o significado contrário pretendido pelo autor. Eles são capazes de “não apenas escolher suas palavras de um sistema linguístico, mas também escolhem, por exemplo, enredos, aspectos genéricos, formas de narrativa, até



frases e sentenças de uma tradição literária e textos literários anteriores” (ALLEN, 2000 apud: PULLINEN, pg. 10, 2016 - Tradução nossa).<sup>2</sup>

Ademais, Allen aponta uma dificuldade que pode ser tendenciosa em autores de literatura, que, por mais que escrevam *ficção/fantasia*<sup>3</sup> baseadas ou com tendências a um movimento literário, sempre se voltam para uma maior fidelidade com a realidade. Pratchett (1992) demonstra um alto nível de consciência das influências do mundo real sobre suas influências, ele afirma que se trata da sua maior fonte de inspiração para um novo mundo.

Dito isso, é de se esperar a presença de um elemento de apoio que compreende e comprova a existência da intertextualidade mesmo que de maneira inconsciente. Em referência aos trabalhos de Roland Barthes (1993)<sup>4</sup> e Allen (2000: 12), Pullinen (2016) conclui que a relação entre autor, texto e leitor resulta a partir das conexões entre signos e palavras com influência de sistemas de significados específicos para cada contexto, relativos de acordo tanto com a proposta quanto com a realidade base pretendida pelo escritor.

O teórico literário russo Mikhail Bakhtin, também foi responsável por auxiliar na definição da intertextualidade. A teoria de Bakhtin (2010) afirma que as palavras só existem e possuem sentido a partir de interações sociais, assim como a relação entre palavra(s) e enunciado(s) são codependentes, por meio do surgimento de uma pergunta e a necessidade de uma resposta, esse par costuma resultar no diálogo verbal ou não verbal.

Pullinen (2016) considera o trabalho de Julia Kristeva (1993) como um ponto de partida, visto que foi a primeira pesquisadora a utilizar o termo *intertextualidade*, durante a década de 60. Esse termo foi desenvolvido a partir da sua compreensão envolvendo os efeitos e resultados desenvolvidos por Saussure e Bakhtin, visto que nenhum dos autores utiliza-o.

A primeira menção ao termo foi feita em seu ensaio “*Puhuva subjekti*” (1967-1993), em que base de seu argumento era uma das ideias desenvolvidas por Bakhtin, de que a *palavra literária* é o ponto de encontro para textualidades e diálogos “nos quais os participantes são o escritor, o receptor e o contexto cultural” (KRISTEVA, p. 22, 1993 apud: PULLINEN, pg. 11, 2016 - Tradução nossa).<sup>5</sup> A literatura e sua estrutura é nada mais que o reflexo da própria codependência humana. Há ainda os resultados provenientes do diálogo, que:

---

<sup>2</sup> [Original] In that case, authors do not only choose words from a language system, but they choose for example plots, generic features, ways of narrating and even phrases and sentences from the literary tradition and the previous literary texts (ALLEN, p. 11, 2000 apud: PULLINEN, p. 10, 2016).

<sup>3</sup> Nesse caso, essas palavras servem como termo referencial para aquilo que é *irreal*.

<sup>4</sup> BARTHES, R. (1993), *Tekijän tuolema, tekstin syntymä*. Tampere. Vastapaiano.

<sup>5</sup> [Original] [...] in which the participants are the writer, the receiver and the cultural context (KRISTEVA, p. 22, 1993 apud: PULLINEN, p. 11, 2016).

ocorre simultaneamente, tanto horizontalmente, entre o escritor e o receptor, quanto verticalmente, entre o texto e o contexto cultural ou tradições anteriores. Kristeva aponta que isso revela que todo texto é uma encruzilhada para textos, dos quais outros textos podem ser lidos. (PULLINEN, p. 11, 2016 - Tradução nossa).<sup>6</sup>

Uma das definições de encruzilhada se refere a um cruzamento entre duas ou mais ruas. Ao levar isso em conta, é possível inferir que todo texto é uma encruzilhada (um cruzamento) de informações, que vão se conectando no intuito de criar mais um produto intertextual, surgindo com novas possibilidades de interpretação. Encruzilhadas também podem ser vistas como o ponto de encontro para uma das primeiras formações de troca intertextual entre duas culturas, pois registros históricos apontam que muitas interações humanas e culturais costumavam acontecer em encruzilhadas. Portanto, pode ser lida como um cenário de escolha, um caminho com consequências, exatamente como o funcionamento da língua e da fala.

Entretanto, Kristeva (1993) foi capaz de expandir sobre os conceitos de Bakhtin ao evidenciar que o ser humano vive em função da criação de termos mais abstratos. A língua é fluida devido a criatividade humana e referências históricas. Há elementos textuais que indicam a presença da intertextualidade, que também serviram para embasar a teoria apresentada por Kristeva, sendo a alusão ou as citações. Posteriormente, Anna Makkonen (apud: PULLINEN, p. 11, 2016), em “*Onko intertekstuaalisuudella mitään rajaa?*” [Há algum limite para a Intertextualidade?] estabelece uma crítica aos pesquisadores da época, ao afirmar que a rejeição com o estudo da intertextualidade devido a sua dificuldade de análise, não se justifica por haver estudos extensos sobre paródias ou alusões, possibilitando o reconhecimento de subtextos.

Para que o *diálogo*, decorrente deste contato textual possa ser categorizado, e consequente, classificar um intertexto, deve apresentar aspectos que os excedam. Através do trabalho “*Intertextuality Research in text theories*” (1991), de Heinrich Plett, Pullinen (2016) pontua que o intertexto apresenta “dupla coerência: coerência intratextual significa coerência do próprio texto e coerência intertextual cria relações estruturadas em relação a outros textos” (p. 12, 2016 - Tradução nossa).<sup>7</sup>

Essa dupla relação dentro do texto garante que seu conteúdo seja rico e polido para a compreensão do sentido. Um texto que não apresenta relação com nenhum outro, pode de fato ser lido como autossuficiente, mas já não carrega mais uma capacidade comunicativa. Uma das

---

<sup>6</sup> [Original] [...] occurs simultaneously both horizontally, between the writer and the receiver, and vertically, between the text and previous cultural context or tradition. Kristeva points out that this reveals that every text is a crossroad for texts, from which another text can be read. (PULLINEN, p. 11, 2016)

<sup>7</sup> [Original] [...] twofold coherence: intratextual coherence means coherence within the text itself, and intertextual coherence creates structural relations with other texts.

noções apresentadas por Makkonen (1991), como citado por Pullinen (2016), é de que “ler textos através da intertextualidade acostuma as pessoas a também relacionar os textos entre si ao invés de apenas refletir a realidade” (p.12, 2016 - Tradução nossa).<sup>8</sup>

A coerência intertextual ultrapassa os múltiplos níveis das interações humanas, razão pela qual um texto só sobrevive se for capaz de interagir numa relação *coerente*, porque “[S]em coerência o texto se torna difícil de compreensão, perde sua identidade e é dificilmente comunicável” (PULLINEN, p. 13, 2016 - Tradução nossa).<sup>9</sup> Apenas se for capaz de manter uma coerência intra/intertextual o texto poderia continuar influenciando na linguagem e na história.

Ainda assim, as fortes influências, muitas vezes inerentes ao próprio texto, interferem na captação do sentido. Esse efeito costuma ser causado pela pessoa que está lendo o texto, ela irá buscar no seu próprio armazenamento intertextual os referências que auxiliarão nessa captação. A leitura é um ato particular, resultando em mais intertextos tão emaranhados que a análise do texto central corre o risco de se perder em subtextos.

Analisar conexões intertextuais requer priorização. Um texto deve ser o foco, os outros serão subtextos, a ordem cronológica é o melhor jeito de fazer isso. Além disso, é razoável desconsiderar ver referências intertextuais a textos fontes que foram publicados depois do texto que está sendo analisado. (PULLINEN, p. 13, 2016 - Tradução nossa).<sup>10</sup>

Devido a isso, a intertextualidade costuma estar mais associada a uma análise do próprio texto, por justamente ser capaz de se perder nas próprias referências intertextuais. Entretanto, é uma relação de ganho e perda, de um jeito ou outro, pois, para o intertexto sobreviver ele deve morrer um pouco, já que ao “sair” do autor não possui mais todo seu sentido, a intertextualidade começa a agir no surgimento de outros sentidos e significações, no contato com a leitora.

Isso não é apagar a intenção do autor, uma vez que muitas vezes nem o próprio autor está ciente de todas as influências presentes em seu próprio texto. Devido a isso, por meio da pesquisa de Pekka Tammi (1991)<sup>11</sup>, Pullinen (2016) reforça que a tradutora e/ou a leitora, também não costuma estar ciente dessas verdadeiras intenções. A leitora sendo, possivelmente,

---

<sup>8</sup> [Original] [...] reading texts through intertextuality accustoms one also to relate texts to other texts instead of only mirroring it to reality (MAKKONEN, p. 25, 1991, apud: PULLINEN, p. 12, 2016).

<sup>9</sup> [Original] Without coherence the text becomes difficult to understand, it loses its identity and is hardly communicable (PULLINEN, p. 13, 2016).

<sup>10</sup> [Original] Analysing intertextual connections requires prioritising. One text has to be the focus text and others subtexts, and chronological order is the best way to do this. Therefore, it is reasonable to exclude seeming intertextual references to source texts that have been published after the text that is being analysed (PULLINEN, p. 13, 2016).

<sup>11</sup> TAMMI, P. (1991). Tekstistä, subtekstistä já intertekstuaalisista kytkennoistä. In: A. Viikari (ed.) *Intertekstuaalisuus. Suuntia já sovelluksia*, 9 - 30. Tietolipas 121. SKS, Helsinki.

o último estágio do texto, deve demonstrar um domínio cultural que pode ou não ser capaz de captar essas referências. A singularidade da “leitura é sempre seletiva e interpretar intertextualidade é tão subjetivo quanto depende do leitor a capacidade de percebê-la” (MAKKONEN, p. 18, 1997 apud: PULLINEN, pg. 14, 2016 - Tradução nossa).<sup>12</sup>

Martin Montgomery (et al. 2007) no trabalho “*Ways of Reading*”, estabelece três estágios que permitem a análise intertextual na literatura. “Primeiro, a referência intertextual deve ser percebida e reconhecida” (PULLINEN, pg. 15, 2016 - Tradução nossa).<sup>13</sup> O que requer a presença da leitora e, conseqüentemente, de um conhecimento prévio e, caso não haja, reconhecer uma alusão ou outro elemento intertextual não será possível. Porém, como afirma Montgomery (2007), uma alusão ou outra referência intertextual costuma se destacar, por exemplo, através de “diferente registro ou estilo”.

O segundo estágio refere-se ao processo de pesquisa. Caso o texto fonte não tenha sido citado, é papel da leitora pesquisar o texto original usado na respectiva referência, aumentando a chance de perceber o sentido pretendido pelo autor. Por fim, no terceiro estágio, da análise intertextual na literatura, com o auxílio do suposto ou determinado texto fonte, a pesquisadora pode identificar as similaridades e as diferenças, além do seu novo significado em um novo contexto.

Os diferentes tipos de referências intertextuais se encontram no que são chamadas “entrelinhas”, pois nessa relação, percebe-se os “ecos” entres os textos e como eles se unem para dar continuidade ao processo de (re)criação. Com o auxílio desses conceitos e definições sobre formas de intertextualidade, acaba se tornando mais fácil diferenciar e reconhecer a presença dessas referências. Pullinen (2016), define que:

Antes de mais nada, a intertextualidade pode ser dividida em referências implícitas e explícitas. Alusões verbais podem ser separadas de outras referências intertextuais, considerando que elas formam uma categoria clara. Referências intertextuais também podem ser categorizadas com base no que se referem, já que podem se referir tanto a um texto identificável ou um gênero ou uma tradução literária no geral (PULLINEN, p. 15, 2016).<sup>14</sup>

Dito isso, é importante reforçar a noção de que a intertextualidade, sendo um elemento

---

<sup>12</sup> [Original] [...] reading is always selective, and interpreting intertextuality is subjective as it depends on the reader's ability to recognise it (MAKKONEN, p. 18 1997, PULLINEN, p. 14, 2016).

<sup>13</sup> [Original] When the reference has been detected, it has to be recognised (PULLINEN, p. 15, 2016).

<sup>14</sup> [Original] First of all, intertextuality can be divided into implicit and explicit references. Verbal allusion can be separated from other intertextual references, since they form a clear category. Intertextual references can also be categorised based on what they refer to, since they can refer to either an identifiable text or a genre or literary tradition in general (PULLINEN, p. 15, 2016).

cultural, continuará perdurando ainda que de forma inconsciente tanto no autor, quanto na leitora e, conseqüentemente, na tradutora. Entender que a intertextualidade é um aspecto natural humano permite analisar a obra de Pratchett e recuperar suas diferentes referências intertextuais, buscando, se preciso, o conhecimento necessário para a recuperação do sentido. Porém, antes disso, é necessário entender como o humor é definido para auxiliar no mapeamento dos problemas e soluções durante o fazer tradutório, com maiores chances de preservar o máximo de elementos do original.

## 2.2. O humor

As problemáticas a respeito do estudo do humor estão diretamente ligadas a quem o *produz*, o ser humano. Em referência a teoria de Salvatore Attardo<sup>15</sup> (2009), Pullinen (2016) parte da pergunta “O que conta como “humor?”, e em resposta, conclui-se que é uma competência intrínseca ao falante, “algo que eles sabem como fazer, sem ter o conhecimento de como e como sabem” (p. 16, 2016 - Tradução nossa). É algo que vem no momento, baseado em um conhecimento prévio sobre o tema e acompanhado de um controle criativo da linguagem.

“Algumas vezes o humor é definido como o oposto da tragédia e da seriedade” (PULLINEN, p. 16, 2016 - Tradução nossa). Porém, para diversas áreas de estudos humanos, como antropológicos e psicológicos, conclui-se que há diversas interpretações possíveis para o que cada pessoa consideraria engraçado. Dentro dos estudos da literatura, ainda é necessária uma categorização do humor, uma tentativa de análise, em gêneros como paródia, farsa, sátira. Área essa que não, necessariamente, apresenta uma solução mais precisa, visto que, é possível haver humor até mesmo dentro de um discurso trágico e/ou sério.

Pelo que afirma Attardo (2009 apud: Pullinen, p. 16, 2016), a definição de *humor* se mostra complexa ao se observar que é um ato ligado às concepções de uma única pessoa, o que impede um filtro objetivo e único sobre “O que é humor?”. Isso pode ter causado o afastamento do humor como objeto de pesquisa, porém, ao observar o histórico da literatura na humanidade,

---

<sup>15</sup> Salvatore I. Attardo nasceu no ano de 1962, em Anderlecht, Portal da Bélgica, e atualmente reside no Texas, onde exerce função de professor interino na *Texas A&M University - Commerce*. Attardo é um linguístico que tem como objeto principal de estudo o humor, sendo também o autor e responsável pela Teoria Geral do Humor Verbal (GTVH - General Theory of Verbal Humor). Essa pesquisa é um trabalho continuado dos estudos do humor desenvolvidos por Victor Raskin em *Script-Base Semântica da Teoria do Humor (SSTH - Script-based semantic theory of humor)*. Attardo também foi editor chefe do periódico de *HUMOR: International Journal of Humor Research*, entre os anos de 2001 à 2011.

percebe-se que não se trata de algo novo ou que sua presença não apresenta influência na compreensão da obra, existe até em um campo lexical próprio.

Em referência ao trabalho de Attardo e Victor Raskin,<sup>16</sup> Paulo Ramos, autor de “Fases do Humor: uma aproximação entre piadas e tiras” (2011), observa a criação e percepção do humor através de piadas, dentro de três grupos teóricos: a teoria da superioridade, a teoria do alívio e da incongruência. A teoria da incongruência se mostra a mais propícia a uma compreensão do que pode ser visto como engraçado/humorístico/um produto do humor.

Para Henri Bergson, o pensamento ligado à incongruência não explicaria por que o cômico faz os homens rirem. O autor defende que o riso tem uma função social, relacionada à relação existente entre o que chamou de mecânico e vivo. Estes seriam os elementos próprios do curso natural do mundo e da sociedade; aquele, uma espécie de desvio do que é natural. O cômico seria uma imperfeição do vivo, um elemento antissocial que necessitaria ser corrigido. O riso seria a correção (RAMOS, p. 40, 2011).

Mas o riso não deve ser visto como base para definição do que é humor, Pullinen (2016) parte da referência feita por Attardo (2009) ao trabalho de Lucie Olbrechts-Tyteca (1974).<sup>17</sup> Olbrechts-Tyteca afirma que a associação do riso ao humor não serve como parâmetro, pois “o riso excede em muito o humor, visto que também pode ser provocado fisiologicamente, por exemplo, através de cócegas. Em segundo lugar, risada nem sempre tem o mesmo motivo” (PULLINEN, p. 16, 2016). A intensidade do humor também reflete se a resposta será uma gargalhada, uma risada ou apenas um sorriso. Novamente, a leitora se mostra o ponto chave do problema e da resposta em definir humor de forma sucinta.

Do mesmo modo, a análise do humor é dividida de acordo com a sua intensidade. Por esse motivo, entender os conceitos de superioridade, alívio e incongruência são essenciais. A primeira está relacionada com a miséria e dor do outro, associando-o a uma forma de agressão, como apontado por Guy Cook (2000, p. 71 apud: Pullinen, p. 17, 2016)<sup>18</sup>.

Trata-se de um conceito desatualizado e apesar de possuir o seu valor, não representa todas as variedades de humor possíveis a partir do contato entre dois indivíduos. Porém, Aaron Smuts (2009 apud: Pullinen, p. 18, 2016)<sup>19</sup> afirma que há um apoio empírico na razão pela qual

---

<sup>16</sup> Victor Raskin nasceu em 17 de abril de 1944, Irbit, antiga URSS e atual Rússia. Atua como professor de linguística, na *Purdue University* - Indiana (USA) e possui Ph.D. em linguística estrutural, matemática e computacional pela Universidade Estatal de Moscou. Seus trabalhos de maior influência envolvem os estudos da linguística do humor, especificamente, a Teoria de Script Semântico do Humor (Semantic-based Script Theory of Humor -SSTH). Raskin também é responsável pela criação do periódico *HUMOR: International Journal of Humor Research*.

<sup>17</sup> OLBRECHTS-TYTECA, L. *Le Comique du Discours*. 1974.

<sup>18</sup> COOK, G. *Language play, language learning*. Oxford University Press.

<sup>19</sup> SMUTS, A. *Humor*. 2009. Internet Encyclopedia of Philosophy. Originally Published in 2006.

o sentimento de superioridade alimenta o humor. Esse tipo de humor, muitas vezes, se associa a cenários de poder, onde há um dominante e um dominado.

A segunda teoria, do alívio, entende o humor como algo fisiológico e psicofisiológico. Sua base está nos estudos de Sigmund Freud (1983),<sup>20</sup> em que a risada é entendida como um *disjuntor*, “a risada ele define como energia física, formada no corpo humano e que precisa ser solta naturalmente”. Freud (1983 apud: Pullinen, p. 18, 2016), afirma também que a função da risada no alívio costuma estar associada a supressão de alguma associação pessoal com um tipo de tabu. Entretanto, mais uma vez não se mostra capaz em sintetizar o humor, ou como aponta Pullinen (2016), seria mais fácil definir como teoria da risada.

Por fim, há a teoria da incongruência, que compartilha um grau de importância em ambos os autores, Ramos (2011) e Pullinen (2016), pois sua análise está no cerne da contradição entre o que está escrito e o que se pretende dizer, causando uma quebra de expectativa do que se espera ao final do discurso, escrito e/ou oralizado. Em seu trabalho, Pullinen (2016) se baseia na obra “*The psychology of humor: an integrative approach*” de Rod A. Martin, publicada em 2007. Na qual Martin (2007) argumenta que a respectiva teoria observa o humor como algo “surpreendente e inusitado”. A análise exige que dois objetos sejam postos em comparação, com apenas um contendo a disparidade de sentido, normalmente, onde há o humor.

Apesar do conceito ser claro, em que o humor está localizado na incongruência de um dos dois *frames*, ainda não há plena garantia de que ele é capaz de sobreviver ao fim da tradução. Seria possível dizer que todo humor é incongruente, porém nem toda incongruência é humor. Para que exista humor, também, é necessária uma resolução lógica. Em referência a teoria incongruência-resolução desenvolvida por Thomas Shultz<sup>21</sup> (1972), entende-se que “o ponto principal de uma piada cria uma incongruência ao introduzir uma informação que não é compatível com o entendimento inicial estabelecido pela piada” (SHULTZ 1972 apud: MARTIN, p. 64, 2007 - Tradução nossa)<sup>22</sup>. Ao se voltar para o começo da piada/história, dotada de senso crítico, a leitora percebe o ponto de ambiguidade entre os dois cenários apresentados e, por fim, o humor presente.

---

<http://www.iep.utm.edu/humor/> (9 June 2016)

<sup>20</sup> FREUD, S. *Vitsi já sem yhteys piilotajuntaan*. Juva: Love kirjast.

<sup>21</sup> O conceito incongruência-resolução foi apresentado pela primeira vez na obra *The role of incongruity in children 's appreciation of cartoon humor*. *Journal of Experimental Child Psychology*. (1972). Trabalho desenvolvido junto a *McGill University*.

<sup>22</sup> [...] the punch line of a joke creates an incongruity by introducing information that is not compatible with our initial understanding of the joke setup (p. 64, 2007).

A ambiguidade pode tomar diversas formas, no nível gramatical, para que consiga garantir a recepção do humor. Martin (2007) argumenta que pode ser tanto de uma maneira “fonológica, lexical, superfície ou profundidade da estrutura e formas não linguísticas de ambiguidade” (p. 64, 2007 - Tradução nossa).<sup>23</sup> Novamente o conhecimento prévio é a melhor solução para o humor, pois o final esperado precisará ser resolvido para uma coisa que faz sentido, o que exige uma rápida e completa análise da piada.

Jerry Suls<sup>24</sup> (1972, 1983 apud: MARTINS, p. 64, 2007), apresenta uma teoria similar à de Shultz, em que a principal diferença está na maneira com que a leitora pode perceber o humor. O teórico afirma que o estranhamento da leitora a leva a uma busca de sentido cognitivo, cuja regra percebe o ponto de incongruência, aplica-se uma lógica e cria-se a relação com o material geral da piada. Por esse motivo, assim como Shultz, sua teoria possui um valor *problema-resolução*, pois ao resolver a incongruência, automaticamente, percebe-se o *setup* da piada. Portanto, caso a leitora não encontre a regra cognitiva, o humor continua um quebra cabeça e não se é percebido.

Em contrapartida, Marijn Petra Mulder e Antinus Nijholt<sup>25</sup> na obra “*Humor Research: State of Art*” (2002), argumentam que nem toda forma de humor é capaz de ser resolvida pela teoria incongruência-resolução. Pela direta relação com o conhecimento gramatical, essa teoria pode não ser o suficiente para (re)criar o humor na leitora, por muitos elementos existirem a partir de um contexto cultural e/ou social. “O receptor normalmente não busca compreender o humor da mesma maneira que busca entender um texto ou discurso mais sério” (MARTIN, p. 73, 2007 apud: Pullinen, p. 20, 2016). Podendo causar um efeito reverso, em que muita lógica afasta o *setup* do humor que deve ser caótico e incongruente.

Com base nos conceitos apresentados, as três teorias percebem o humor como um aspecto singular e que, dificilmente, é passível a uma análise completa. Visto que, por exemplo, ao se focar nos elementos gramaticais, nem sempre o contexto funciona de maneira simultânea. Da mesma maneira, os diferentes sentidos apresentados nos dois cenários podem não estar ligados a uma solução gramatical, mas sim cultural ou social. Pullinen (2016), afirma que todas

---

<sup>23</sup> [Original] [...] phonological, lexical, surface structure, deep structure, and nonlinguistic forms of ambiguity (MARTIN, p. 64, 2007).

<sup>24</sup> SULLS, J. M. (1972). A two-stage model for the appreciation of joke and cartoons: An information-processing analysis. In J. H. Goldstein & P. E. McGhee (Eds.) *The psychology of humor: Theoretical perspectives and empirical issues* (p. 81 - 100). New York: Academic Press

SULLS, J. M. (1983). Cognitive processes in humor appreciation. In P. E. McGhee & J. H. Goldstein (Eds.) *Handbook of humor research, Vol. 1: Basic issues* (p. 39-57). New York: Springer-Verlag.

<sup>25</sup> Mulder & Nijholt são membros da University Twente, ambos possuem pesquisas relacionadas à relação entre seres humanos e tecnologia. De acordo com o perfil de Nijholt, disponível na plataforma da própria universidade, seu interesse está nas interações não convencionais e problemáticas dessas relações.



as teorias possuem uma conclusão similar, de que o humor, assim como sua incongruência natural, existe na surpresa ao que é estranho para a leitora.

Ramos (2011), diferentemente dos autores citados, traz o foco para um outro gênero capaz de produzir o humor: a piada que é um rico mecanismo de comunicação e (re)criação do humor. Assim como o humor, a definição “d’O que é uma Piada?”<sup>26</sup> está longe de ser singular, pois sua aplicabilidade é intrínseca ao contexto e surge, normalmente, a partir do resultado obtido. Isso é, se a ouvinte ou a leitora está captando o humor.

Como visto ao longo deste capítulo, o humor existe paralelo à humanidade, proveniente de diferentes fontes, como por exemplo, através de uma desgraça ocorrida com outra pessoa, como quando ela cai, o que argumenta a teoria da superioridade. Por esse motivo, iremos considerar a piada como um produto do humor, pois essa surge de uma construção específica e muitas vezes de uma interação entre duas pessoas.

Em “O campo semântico do riso” (1999), Vera Lúcia Natale considera 33 termos como possíveis componentes para gerar o que seria o riso e que a piada existe dentro desse campo, por ter como objetivo produzir o riso. Entender a relação desses termos, apesar de não ser obrigatório, auxilia na compreensão do que pode ser visto como engraçado/humorístico. Pois, como argumenta Pullinen (2016), em resumo, as definições do humor voltam para a resposta mais perceptível, o riso. Natale (1999 apud: RAMOS, p. 33, 2011) afirma que o sentido do riso só existe na relação entre contexto e visão pessoal, o cunho do riso seja ele positivo ou negativo continuará mudando e muitas vezes já está no *setup* da piada.

Nos exemplos presentes na página 34, de “FACES do Humor”, Ramos (2011) disserta sobre as diferentes formas que uma piada pode tomar e como sua construção é relevante para seu objetivo. Para classificá-los, o autor aponta primeiro o que o “Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa” considera como piada (2001 apud: RAMOS, p. 33 e 34, 2011). O autor conclui que os casos 2, 3 e 5 (p.34) se classificam na primeira definição do dicionário: “dito ou alusão engraçada”

O caso quatro já demonstra um funcionamento diferente, até mesmo com um objetivo diferente, com uma construção mais elaborada, por meio de um jogo de pergunta e resposta, o qual também já serve como base para esse “sub-gênero” de piada. Daniele Marini chamou de “fronteira” entre piada e adivinha (RAMOS, p. 335, 2011). O humor e, talvez, o riso surge da resolução deste enigma, com a quebra da fronteira que permite a “passagem” da adivinha para a piada.

---

<sup>26</sup> Título do segundo capítulo de Faces do Humor: uma aproximação entre piadas e tiras, Ramos (2011).

No nível das incongruências, percebemos que as adivinhas são uma *incongruência-solução*. Funcionam como a teoria desenvolvida por Suls (1972 - 1983), em que a leitora, para compreender o ponto de ambiguidade, deve resolver a *regra cognitiva*, ou seja, o ponto de lógica, para então a ambiguidade ter o efeito desejado. Adivinhas não costumam exigir conhecimento cultural ou social, devido ao aspecto de raciocínio lógico.

O *setup* da adivinha precisa de dois fatores para transmitir o humor: a forma como será construída (a resposta presente na pergunta) e se a pessoa terá o raciocínio lógico para perceber o ponto de ambiguidade. Ramos (2011) afirma que, respondida ou não, a adivinha ainda possui um potencial humor, se moldada na forma de uma narrativa, automaticamente, assume valor de piada.

O formato da narrativa é composto por dois elementos essenciais e habituais: o narrador e o diálogo. Ramos (2011) chama a atenção para a possibilidade em se usar da adivinha para criação do humor, a piada é o resultado dessa “intertextualidade entre gêneros, ou seja, de um diálogo entre características de gêneros diferentes em um mesmo texto” (RAMOS, p. 36, 2011). A piada torna-se um gênero com maior efeito na percepção da leitora, pois a narrativa empatiza com a leitora, construindo um caminho mais interativo para a solução. Diferente de uma simples adivinha, que responsabiliza e pressiona apenas a leitora.

No primeiro capítulo deste trabalho, foi introduzido o conceito de intertextualidade como um elemento coexistente à humanidade, o humor também poderia ser visto dessa forma, porém em um nível menor, visto que para existir é relativo ao contexto. O que não diminui seu aspecto ilimitado e atemporal, pois pode surgir em diversos campos discursivos. Sua associação com o riso é responsável por esse transporte discursivo.

Ramos (2011) apresenta um breve resumo dos “Estudos Sobre o Riso e o Cômico”, um apanhado teórico datando desde a Antiguidade até a atualidade. O autor se baseia nos estudos feitos por Verena Alberti<sup>27</sup>, que afirma que a maioria dos referenciais sobre o que seria *humor* existentes no século XX são pensamentos intertextuais, indiferente a haver uma concordância ou não entre esses, e posteriores, estudiosos.

Platão é responsável por apresentar a primeira problemática envolvendo o riso e sua relação com a humanidade. Para ele, o riso é objeto de uma reflexão ética e moral, composta por dois prazeres em peso. O prazer verdadeiro (conhecimento, formas puras etc.) e o prazer falso (prazer e dor).

---

<sup>27</sup> ALBERTI, V. *O riso e o risível na história do pensamento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

O riso surgiria a partir da mistura do prazer (o riso em si) com uma das dores da alma, a inveja (manifestada na pessoa que é risível). É uma característica do espírito que afasta os homens da razão, do conhecimento de si mesmos, e, por isso, seriam prazeres falsos. Ocorreria o mesmo com as manifestações artísticas, que configuram uma aparência do real, afastando as pessoas do conhecimento filosófico. Por isso, riso e artes são condenados por Platão (RAMOS, p. 37, 2011).

Apesar da visão negativa associada ao riso, até mesmo Platão entende a impossibilidade em dissociar esses dois prazeres, pois o que ele considera puro ou digno da razão, só existe pela própria incongruência humana em prazeres irracionais, carnavais. Pela incongruência, o humor surge do conflito entre ordem e caos. Como afirma Mulder (et. al, 2002 apud: Pullinen, 2016), nem todas as formas de humor são compreendidas no par resposta/pergunta (provavelmente o único humor aceito por Platão), porém, até o humor mais caoticamente sádico precisa do conflito com a razão para ser engraçado.

Já na Idade Média o riso tomou uma curva ainda mais sombria, pois era visto como o resultado do que há de ruim no ser humano. Foi também mais uma das propriedades da igreja, que defendia que a visão do riso se desassociava diretamente da imagem de Deus.

O raciocínio pode ser resumido num silogismo: Cristo, Deus feito homem, não demonstrava ter rido nos textos bíblicos; os homens devem ser imagem e semelhança de Deus; logo, não é próprio do homem rir. O riso, ou o não-sério, era visto como desnecessário (RAMOS, p. 38, 2011).

Seria então uma ferramenta de dominação do corpo, mente e alma. Não há um momento exato da ruptura dessa visão da igreja, no entanto, no século XII, a figura de São Francisco de Assis surge como exemplo de uma pessoa feliz, sorridente e bondosa, uma mudança refletida na forma como os sermões eram passados.

Enquanto isso, em 1579 surge o “Tratado sobre o riso”, de Laurent Joubert, opondo-se às crenças negativas quanto ao humor. Ele tinha a medicina como seu foco e, ao contrário do que afirmava a igreja, defendia que os benefícios do riso ao corpo estendiam-se ao interno e ao externo. No próprio corpo, conclui Joubert, garante longevidade e boa saúde. No ambiente, auxilia nas relações sociais.

A visão desses grandes períodos históricos nos mostra que o humor (riso) sobe e desce nos valores humanos, o que reforça seu aspecto de singularidade. Questionado em diversas áreas do conhecimento, como na filosofia, na psicologia e na literatura, o humor segue sem uma resposta exata, por isso, a análise do humor presente em “Pequenos Deuses” considerará o contexto do mundo imaginativo de Pratchett.

### 2.3. A incongruência

Considerando o que foi dito anteriormente, para que seja possível, no fazer tradutório, recuperar as referências intertextuais de humor, deve-se entender a maneira como esse humor está sendo apresentado. Apresentar correntes teóricas da incongruência irá auxiliar a compreender os desafios nos Estudos da Tradução a respeito do Humor, pois sua dificuldade de definição impede que a tradução siga um fluxo “lógico”.

A tradução literária já possui seus próprios problemas, mas, ao se ter o humor tão presente, como na(s) obra(s) de Pratchett, exige da tradutora uma abertura para diferentes fontes que auxiliem, primeiro, a identificar o humor e como esse se apresenta, para então garantir a solução com uma maior proximidade de sentido.

Uma corrente das *Teorias da Incongruência* (RAMOS, p. 41, 2011), é da bissociação, estudo iniciado em 1964 por Arthur Koestler, que consiste na presença de dois *frames* incompatíveis.

Ramos (2011), indica que “[F]rame pode ser entendido como modelos mentais estereotipados ou prototípicos acionados durante o processo de interação” (p. 41, 2011). Não exigindo que a leitora tenha um conhecimento aprofundado sobre ambos os *frames*, apenas que a ambiguidade não apresente muita resistência. Attardo aponta que se trata de um caso mais cognitivo do que linguístico.

A segunda corrente teórica da incongruência é da *mudança de isotopia*. Algridas Julien Greimas apresentou o termo isotopia com enfoque nos estudos da *Semiótica*, auxiliando o linguista José Luiz Fiorin<sup>28</sup> a inferir que a isotopia se refere “a recorrência do mesmo traço semântico ao longo de um texto” (FIORIN, p. 81, 1994, apud: RAMOS, p. 41, 2011). A *mudança isotópica* funciona no sentido contrário quando visto na construção do humor por meio da piada, pois, na constância semântica, aquilo que for inconstante indica a posição do humor, essa ruptura semântica é classificada como um *disjuntor* (RAMOS, p. 41, 2011).

Após aplicar o modelo de *disjuntor isotópico*, Attardo e demais pesquisadores concluíram que o local mais comum do *disjuntor* é ao final, com exceção das vezes em que se encontra no pré-final. Independentemente do tipo de piada, ou forma de humor, o desfecho esperado precisa do fragmento lógico ao início para então causar a quebra de expectativa.

---

<sup>28</sup> *Elementos da Análise do Discurso*. 4 ed. São Paulo: Contexto, 1994, p. 81.

Ramos (2011) parte dos conceitos apresentados por Violette Morin, “em estudo vinculado ao estruturalismo” (p.42, 2011), em que a construção de histórias curtas, com final inesperado de humor, exibia o mesmo padrão composto de três funções:

1. *Função de normalização*: situa os personagens
2. *Função locutora de deflagração*: coloca o problema a ser resolvido dentro da narrativa
3. *Função interlocutora de distinção*: resolve comicamente o problema

Ramos (2011) entende que o elemento *disjuntor* se encontra na terceira função, responsável por (re)estruturar a narrativa de uma maneira inesperada. Morin define essa troca de narrativa como *narrativa parasita*. Aqui, considere conceitos da biologia quanto a tipos de relações parasitas. Há uma conotação negativa que pode inferir na análise do humor presente no texto, gerando uma maior resistência da pesquisadora.

Pois então, até que ponto o *disjuntor* assume o papel de parasita sobre o primeiro *frame*, início do cenário, apenas se aproveitando. Talvez, quando observada a *parasitagem* do humor dentro de um gênero oposto ao seu, do discurso trágico ou sério, faça sentido o termo *narrativa parasita*. Porém, quando vista dentro do gênero e/ou no campo discursivo do humor, não faz sentido, pois já há intenção por parte do autor em causar a ruptura, o que Attardo classifica como *piada pronta*.

O conceito de *piada pronta* pode ser entendido através da Teoria dos Scripts, ou SSTH (*Script-Based Semantic Theory Of Humour*) de Raskin (1985) que, assim como nas teorias e correntes teóricas citadas, define que a surpresa e a contradição são essenciais para que haja a percepção do humor. Sua teoria deduz que os falantes de uma língua possuem uma *competência humorística*, referência ao termo de Noam Chomsky, *competência linguística*, uma habilidade nata do falante, que é também produto de um contexto social específico.

Raskin (1985) afirma que a *competência humorística* permitiria uma recepção mais aberta a uma solução “*non bona-fide* (não confiável), que se sobrepõe a *bona-fide* (confiável) no processamento textual, tornando-se o modo preferível” (RAMOS, p. 43, 2011). Para a tradução, acaba servindo como uma ferramenta, permitindo uma solução não convencional, para o conteúdo de humor, deixando a forma do texto em segundo plano.

A tradução, para o texto literário de humor, precisa da incongruência e ser incongruente, para se permitir soluções criativas. Uma ferramenta que permite uma proposta singular e, em quesito de fidelidade, fiel ao humor pretendido do autor, algo que será desenvolvido mais a

frente, por meio do estudo de Célia Maria Carcagnolo Gil (1991), uma referência crucial para Ramos (2011) e para o próprio estudo da Teoria dos Scripts e da (re)construção da piada.

De acordo com Raskin, há “duas premissas: 1) o texto precisa ser compatível, no todo, ou em parte, com dois scripts diferentes; 2) os dois scripts com os quais o texto é compatível precisam ser opostos” (RAMOS, p. 43, 2011). Na obra *Pequenos deuses*, há dois personagens, cujos diálogos representam bem a teoria proposta por Raskin. Brutha e Om, os personagens centrais, representam a inocência, Brutha (humano/mortal), e a malícia, Om (divindade/imortal), o que em si já é uma noção incongruente se levados em consideração os padrões da realidade a respeito do puritanismo do divino e a malícia da humanidade.

Raskin apresenta um conjunto de seis etapas para o mapeamento da piada e sua, conseguinte, validação. São elas:

1. troca do modo de comunicação *bona-fide* para o *non-bona-fide*;
2. o texto possui uma intenção de ser piada;
3. há dois *scripts* compatíveis com o texto;
4. ocorre uma relação de oposição entre os dois *scripts*;
5. um gatilho, óbvio ou implícito, evidencia a oposição de *scripts*;<sup>29</sup>

Esse modelo serviu como base também para o mapeamento da tradução e das soluções que indicavam uma maior, ou mais próxima, recuperação do conteúdo de humor e foi considerado em casos como no trecho a seguir:

Brutha hesitou. Ocorreu-lhe, muito lentamente, que demônios e súcubos não tomavam a forma de pequenos e velhos jabutis. Não faria muito sentido. Até mesmo o Irmão Nhumrod teria de concordar que, em termos de erotismo desenfreado, havia coisa bem melhor que um jabuti caolho.

– Eu não sabia que jabutis podiam falar – afirmou.

– Eles não podem – falou o jabuti. – Leia meus lábios.

Brutha olhou mais de perto.

– Você não tem lábios – disse ele.

– Não, nem cordas vocais apropriadas – concordou o jabuti. – Estou falando diretamente na sua cabeça, você entende?

– Deus!

---

<sup>29</sup> Modelo extraído da página 43 do livro *Faces do Humor*, de Paulo Ramos (2011).

– Você entende *mesmo*, não é?

– Não.

O jabuti revirou o olho.

– Eu deveria saber. (...)

O ponto de incongruência desse trecho está no assunto entre os personagens, a capacidade ou não de jabutis falarem, especialmente quando observados anatomicamente. Vemos uma frequência semântica quando há uma repetição de palavras com o mesmo sentido, mas com uma entonação e um objetivo discursivo diferente. No caso de Brutha, há dúvida, enquanto no caso de Om, há ironia e desdém. O ponto disjuntor vai além da forma gramaticalmente estabelecida, ele está na oposição da intenção do personagem, evidenciada e percebida por meio do narrador (personagem), que contextualizou o sentido de humor com a noção de que demônios não assumem formas inferiores como a de um jabuti para tentar os fiéis.

Pelo que observa Ramos (2011), a teoria de Raskin possui, por ser um aspecto inato à competência humana, uma base estereotipada quando o assunto é humor. O humor surge a partir da sequência de fatos e situações cotidianas envolvendo um grupo específico, um *alvo*, perceptível no *setup/punch line*<sup>30</sup> através de um *gatilho*<sup>31</sup>. Podendo servir como um reforço para a teoria da superioridade, assim como a própria discussão de ética e moral envolvendo a fonte do humor, normalmente a mal do outro.

Na relação entre Brutha e Om, observa-se que a linguagem cria um discurso de poder. Primeiramente, Om exerce poder sobre Brutha, entretanto, a dinâmica muda quando Brutha percebe que sua fé é justamente seu poder sobre Om, então seu discurso se altera para sobrepor o de Om. De formas diferentes, Pratchett apresenta duas linguagens singulares, com elementos únicos, com forças diferentes, que sobem e descem nessa relação de poder, mas sem que nenhum *parasite* o outro de fato. Tudo isso sem perder as essências de inocência e malícia.

Contudo, a Teoria dos Scripts, logo demonstrou problemas ao ser aplicada em gêneros de humor que não fossem piadas, pois, caso o texto contivesse mais de dois scripts poderia sobrecarregar o efeito contradição, o que poderia dificultar a percepção do *gatilho*. A teoria exige *frames* curtos e rápidos. Muniz (2004 apud: RAMOS, p. 41, 2011), chama a atenção para a presença do narrador, sendo ele o responsável por enriquecer o texto com elementos não verbais.

---

<sup>30</sup> *Punch line*, ou trecho-chave (tradução de Ramos - 2011), termo usado por Raskin (1985).

<sup>31</sup> Tradução de Ramos (2011), termo usado por Raskin (1985).

Isso foi algo que não foi tão considerado por Raskin na SSTH. Até que, pelo menos, Raskin e Attardo revisaram a teoria, elevando-a à Teoria Geral do Humor Verbal (General Theory of Verbal Humor - GTVH). Essa teoria aprimorada contava com seis modelos que consideram mais a presença dos falantes no processo da criação da piada, representados abaixo:

1. **Linguagem** - Envolve a parte verbal da piada e todos os níveis de informações linguísticas.
2. **Estratégia narrativa** - A piada se manifesta textualmente dentro de determinada organização narrativa, quer seja num diálogo, num par pergunta/resposta, numa exposição feita pelo narrador. Ao incluírem esse item, Raskin e Attardo deixam claro que veem as piadas como um texto essencialmente narrativo (ou predominantemente narrativo, como pondera Kassandra Muniz).
3. **Situação** - É o assunto sobre o qual a piada versa e onde os personagens estão inseridos.
4. **Oposição de *scripts*** - São basicamente os mesmos princípios apresentados no modelo teórico da Teoria dos Scripts.
5. **Mecanismo lógico** - Evidencia a maneira como os dois *scripts* paralelos são trabalhados juntos no texto da piada.
6. **Alvo** - Envolve os conhecimentos acionados em relação aos alvos da piada, pode ser um grupo ou uma pessoa individualizada. O estereótipo, segundo os autores, é um recurso muito usado nesse aspecto.<sup>32</sup>

Ramos (2011), através da GTVH, percebe que a *punch line* está no sexto modelo apresentado, o *alvo*, e é frequentemente representada por meio de elementos estereotipados, algo que aparenta estar intrínseco à natureza humana. Em “Pequenos Deuses”, há a presença ou breve menção a diversos estereótipos. Um é mencionado através da avó de Brutha, a representação do estereótipo de inferioridade da mulher na igreja e, no caso da obra, na sociedade por conta da igreja.

Raskin e Attardo, como citados em Ramos (2011), afirmam a existência de uma hierarquia entre os seis itens do modelo. Afirmam ainda que:

A tendência é a linguagem ser determinada, algo comum, às diferentes pessoas que se valem da piada. Já a oposição de *scripts*, por ser um assunto variável e mais específico, tende a ser um elemento menos determinado entre falante/ouvinte ou escritor/leitor, ou seja, é construído textualmente.

---

<sup>32</sup> Modelo apresentado por Paulo Ramos e extraído do livro Faces do Humor (2011) página 46 e 45.



É possível considerar o ato prático da tradução começando no modelo quatro, oposição de *scripts*, por ser onde o assunto é mais variável e mais criativo, é também onde ocorre a compreensão intratextual do humor (tradutora e texto fonte) e a compreensão intertextual (tradutora e língua alvo). Isso dificulta a catalogação do humor dentro de um único campo discursivo ou, até mesmo, em um gênero literário. A pesquisadora Célia Maria Carcagnolo Gil,<sup>33</sup> desenvolve uma teoria, baseada na SSTH, antes da GTVH, de que a piada é um texto *suis generis*, sem origem ou autoria definida, pois são mensagens em *modo jocosus*, algo que se equipara ao *non-bona-fide* de Raskin.

A autora também defende que a mensagem de humor só é possível se a leitora recuperar o significado pretendido, resultante do conhecimento prévio. Ramos (2011) observa os princípios de *antecedente* e *consequente* de Gil (1991) como um parâmetro confiável para compreender como a piada será construída e se terá seu significado recuperado. Gil diz que:

A coerência da piada se realiza de uma forma específica e própria dessa espécie de humor. Ela se expressa através de uma estrutura que se compõe de um antecedente e um consequente, à semelhança do silogismo estudado por Aristóteles. A primeira parte, os antecedentes, apresenta as personagens, fornece os elementos da história e sugere um tópico. A segunda, o consequente, como no silogismo, apresenta a conclusão. Mas se no silogismo o consequente se governa pela analogia e procura as semelhanças entre os termos, na piada ele se orienta pelo princípio da surpresa e ressalta as oposições entre as partes (GIL, p. 133.1991, apud: RAMOS, p. 49, 2011)

Essa relação entre *antecedente* e *consequente* prova que a piada só existe no receptor, pois é uma competência da leitora/ouvinte, é onde o elemento da surpresa não pode ser catalogado, diferente do *antecedente* que já apresenta uma estrutura regular. Não há efeito de humor caso a leitora não possua as ferramentas sociolinguísticas necessárias para captar o sentido.

Não significa que o *consequente* não deve ser analisado, as pesquisas e teorias apresentadas se orientam, prioritariamente, pela relação *autor/leitora*, não considerando que a *tradutora* cria um segundo *antecedente*, ao compreender o humor e assim traduzi-lo com eficiência.

---

<sup>33</sup> GIL, C. M. C. *A linguagem da surpresa: Uma proposta para o estudo da piada*. São Paulo: 1991. 200 f. Tese (Doutorado em Letras Clássicas e Vernáculas). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

Gil (1991), reforça também a essencialidade da presença do narrador dentro do texto, especialmente na construção do humor. Principalmente, se tratando de textos longos com mais de 300 palavras, havendo uma chance de 11,06% em haver humor e ele ser perceptível.

Isso é algo que faz parte das características básicas da piada. Essas ferramentas que garantem o efeito da piada são os recursos narrativos e os diálogos. A tendência a textos curtos é por conta da dificuldade em manter a tensão e a surpresa em textos longos.

Algo que, de fato, poderia complicar a análise da obra de Pratchett, porém, diferente do que argumenta Pullinen (2016), sobre outras teorias, além da teoria da incongruência serem completas o suficiente para analisar a obra de Pratchett, partimos do pressuposto de que o efeito *suis generis* é algo do próprio humor e, como aponta Ramos (2011), é um guarda-chuva que “abriga diferentes possibilidades textuais” (p. 51, 2011).

Ou seja, não há motivo para limitar as ferramentas e referências de análise do humor, quando nem o texto de origem foi escrito com base em um único formato textual, além destas diferentes influências garantirem a tradutora a compreender e recuperar o humor por meio de elementos linguísticos com maior confiança e criatividade.

Em referência ao trabalho de Neal R. Norrick (1989),<sup>34</sup> Pullinen (2016) conclui que a intertextualidade do humor só existe se a leitora/ouvinte possuir domínio sobre eventos sócio-históricos. Antes do ato do humor, há o ato da referência, que costuma estar associada diretamente à realidade, a qual se reconstrói, por meio de uma nova forma discursiva, dentro de um contexto de oposição.

Contudo, nem o elemento *real* e nem o elemento *disjuntor* podem ser desconhecidos à leitora, cujo conhecimento de apenas um dos *frames*, o mais comum sendo fragmento *antecedente*, não garante a recuperação do humor. Sem o domínio sobre as variantes que envolvem a oposição do *antecedente*, a leitora não percebe o humor.

No entanto, há gêneros textuais que servem de apoio para a leitora perceber e compreender o humor com uma maior precisão. Além da piada, há também a alusão e a paródia, que serão percorridas a seguir por estarem presentes nas obras de Pratchett, dois gêneros que são construídos com base na intertextualidade e no humor.

A alusão é uma forma de intertextualidade com referências que podem ser definidas como implícitas ou explícitas. Montgomery et al. (207 apud: PULLINEN, p. 14, 2016) afirmam que alusões verbais explícitas costumam ser óbvias e estar acompanhadas de aspas, enquanto,

---

<sup>34</sup> NORRICK, N. R. (1989). Intertextuality in humor. *Humor - International Journal of Humor Research* 2

alusões verbais implícitas não indicam de nenhuma maneira como foi feita a citação. Os autores também apontam que apesar da dificuldade em se perceber uma alusão verbal implícita, ela tende a se destacar do texto a sua volta, porém, isso não garante que a alusão, ou sua função, contenham elementos de humor, ao contrário da paródia, que já é, de acordo com Pullinen (2016), um elemento essencial para o humor intertextual, com a modificação de um e/ou discurso já conhecido pela leitora para se obter o humor.

Entretanto, para Norrick (1989, apud: PULLINEN, p. 21, 2016) não se trata de uma simples piada alusiva, já que a alusão, mesmo implícita, costuma divergir do texto, enquanto a paródia é uma referência clara e que também é a base para a construção do novo texto. A paródia também já é um texto de teor e objetivo humorístico, diferente da alusão que pode ou não ser de humor.

Pela leitura das obras de Pratchett é possível perceber essas duas formas de referências, e como afirma Butler (2001), suas obras dependem de um par de ideias, um duplo *frame* constante, desenvolvidos através de elementos linguísticos verbais e não verbais, uma técnica de Pratchett que permite os sobes e descas dos momentos de tensão e surpresa ao decorrer de toda a obra.

Um fato intrigante de sua obra "Pequenos Deuses" é a falta de divisão de capítulos de forma óbvia, podendo aumentar a sensação quanto à extensão do texto, algo que em tese deveria complicar a estruturação do humor. Entretanto, a forte presença de intertextualidade e em seus textos ajudam na contextualização e construção do humor.

#### **2.4. A tradução do humor**

Todos esses gêneros e elementos linguísticos que foram dissertados estão ou são usados na construção dos textos do Pratchett, essa contextualização é essencial para perceber as problemáticas de tradução do humor. A intertextualidade e o humor foram as principais ferramentas para encontrar as melhores soluções para os confrontos de sentidos entre a língua fonte e a língua alvo com suas culturas e formas de humor singulares, tanto em nível nacional, quanto em nível pessoal.

A tradução é um ato (re)criativo, se o autor do texto fonte passou por um processo criativo baseado nas referências textuais comuns ao seu contexto social, ou naquele de seu interesse, a tradutora deve repensar as intenções e os caminhos que o autor pode ter tomado,

para então reconstruir o sentido do texto fonte no texto alvo de uma maneira coesa e coerente com o sentido e a língua/público de chegada.

Dito isso, também é um processo de decodificação do sentido presente no texto fonte que deve ser recodificado em um novo sistema linguístico. Nargiza Ismatullayeva, em seu artigo, “*The issues of word choice in fiction translation*”, afirma que toda tradução possui um grau de criatividade e no caso de textos literários, o grau de complexidade da tradução é ainda maior, presente em problemas como: “peso, rima, rima, arte, adições visuais, ritmo, tom, estilo do autor, cor nacional, discurso do personagem, construções gramaticais e metodológicas do trabalho, fraseologia, unidade de forma e conteúdo”<sup>35</sup> (ISMATULLAYEVA, p. 6661, 2020).

Tais problemas devem ser solucionados durante o processo de recriação criativa, uma capacidade essencial para a tradutora e para um fazer tradutório capaz de passar para a leitora o sentido pretendido do autor.

[A] artista deve trabalhar nas palavras e imagens de duas culturas, duas línguas de uma vez, todo momento pensando sobre qual das palavras estrangeiras traduzidas e transferidas para o texto traduzido, e se possível, a palavra ou imagem pode encontrar seu lugar na base estrangeira (ISMATULLAYEVA, p. 6662, 2020).<sup>36</sup>

Um texto de humor como “Pequenos Deuses” possui diversas passagens com referências intertextuais, podendo exigir da tradutora a escolha de omitir ou adicionar algo para garantir a compreensão da leitora. O que pode significar que algum desses problemas base para Ismatullayeva (2020), não sejam solucionados na tradução, a fim de garantir uma tradução coerente, ainda que haja perda.

A autora também reforça que não se trata de a tradutora “se colocar” ou se quer corrigir o autor, mas sim de traduzir em função do sentido do texto. O autor não se expressa por formas gramaticais rígidas e vocabulários robotizados, ele se expressa, e por consequência, a tradução e a tradutora, “por meio de palavras artísticas, imagens e equipamentos sintáticos complexos da língua nativa”<sup>37</sup> (ISMATULLAYEVA, p. 6662, 2020).

É dever da tradutora ter o conhecimento necessário para perceber esses momentos e domínio sobre ambas as línguas e culturas. A autora considera a definição de Sh. Safarov, de

---

<sup>35</sup> [Original] [...] weight, rhyme, rhyme, art, visual aids, rhythm, tone, author’s style, national color, character speech, grammatical and methodological construction of the work, phraseology, unity of form and content. (ISMATULLAYEVA, p. 6661, 2020)

<sup>36</sup> [Original] [T]he artist must work on the words and images of two cultures, two languages at once, each time thinking about which of the foreign words can be translated and transferred to the translated text, if possible, the word or image can find its place on a foreign basis. (ISMATULLAYEVA, p. 6662, 2020).

<sup>37</sup> [Original] [...] by means of artistic words, images and complex syntactic devices of the native language (ISMATULLAYEVA, p. 6662, 2020).

componentes da tradução divididos em duas partes, uma principal e a secundária. A primeira se refere aos elementos que asseguram a tradução: “língua, cultura e pensamento”<sup>38</sup> (ISMATULLAYEVA, p. 6661, 2020). A segunda é determinar a relação e os efeitos desses três elementos, evidenciando a criatividade necessária para a diversidade da tradução.

De acordo com a autora, todos os elementos e níveis de um texto, desde o menor pensamento do autor, até todo o conteúdo de um livro, devem ser considerados na tradução. “Ele [tradutora] deve entender e sentir no coração não apenas um única palavra ou sentença, mas todo o capítulo, até mesmo os aspectos que distinguem esse trabalho do autor dos seus outros trabalhos e às vezes as conexões metodológicas entre eles”<sup>39</sup> (ISMATULLAYEVA, p. 6662, 2020). Ao que ela resume como a capacidade de percepção e (re)interpretação de todas as nuances do texto.

Isto é também produto de uma relação sociopolítica, pois, a tradutora, assim como outros membros da sociedade, possui direitos e deveres que envolvem não apenas uma nação, cultura e/ou língua, mas sim dois sistemas sociolinguísticos. Pressupõe-se que a fidelidade da tradutora está no autor, o que pode ser verdade e até pretendido, entretanto, a tradutora possui suas experiências pessoais que, por meio de impulsos inconscientes, influenciam nas suas escolhas. Porém, as escolhas não podem ser inconscientes, elas devem ser consideradas, conscientes em criatividade e cautela.

Ismatullayeva (2020), faz referência a obra “*Fundamentals of Translation*”, de Gaybolla Salomov (1983), que apresenta *indicadores* essenciais para a ficção e, por resultado, para a tradução. Esses indicadores são: “arte, imagem, imaginário, metáfora e alegoria - todas escondidas na palavra, encontradas na palavra e percebidas por meio da palavra”<sup>40</sup> (SALOMOV, p. 73, 1983 apud: ISMATULLAYEVA, p. 6663, 2020).

No livro “*The Art of Translation*” de Jiry Levy, a tradução é um processo de (re)criação artística, uma característica que é tendenciosa ao fazer tradutório, isso porque a análise de uma obra literária tem uma dupla perspectiva:

a) comunicativa, descobrindo o processo envolvido na comunicação de um enunciado pelo autor para o recipiente; b) representativo, preocupado com o que o trabalho compõe e qual a relação entre seu conteúdo e o seu autor, assim como sua relação entre o conteúdo e a interação de seus fatores contextuais (LEVY, p. 23, 2011).

---

<sup>38</sup> [Original] [...] language, culture and thinking.

<sup>39</sup> [Original] He must understand and feel from the heart not only a single word or sentence, but every chapter, even the aspects that distinguish this work of the author from his other works, and sometimes the methodological connections between them (ISMATULLAYEVA, p. 6662, 2020).

<sup>40</sup> [Original] [...] art, image, imagery, metaphor and allegory - all are hidden in the word, found in the word and realized through the word (SALOMOV, p. 73, 1983 apud: ISMATULLAYEVA, p. 6663, 2020).

A compreensão da primeira perspectiva é graças aos estudos da teoria da informação, que entende a língua como um código pré-estabelecido a ser decodificado. Essa teoria também nos permite entender e escolher que elementos linguísticos devem permanecer inalterados na tradução (*i.e. a mensagem*) e qual deve ser substituído (*i.e. o código linguístico*).

A segunda perspectiva vem sendo discutida desde a teoria Aristotélica de *mimesis*, mas que veio se concretizar, ao menos na prática, por meio da teoria marxista da arte, “a qual entende o trabalho da arte como um reflexo da realidade e é analisada, principalmente, por meio do diálogo entre o objeto e o sujeito” (LEVY, p. 24, 2011).

O reflexo da própria realidade e a necessidade de manter uma relação entre o *fantasioso* e o *real* estão sujeitos às influências externas, provenientes do contato entre esses dois elementos, os quais serão codificados de acordo com um campo semântico gramaticalmente estruturado, para enfim serem representados através de uma forma específica e precisa para aquele contexto. O autor argumenta que o tema do trabalho deve se estender até o contexto histórico, previamente condicionado.

Levy (2011) dá o exemplo de um autor clássico que decide fazer uma adaptação contemporânea, envolvendo sua evolução estética e sua percepção política, que são reflexos das suas referências (inter/intratextuais) da sua vivência e do ambiente em que vive. Nesse contexto, ele diz que a (re)escrita criativa não pode ser um ato inconsciente, é necessária atenção para os elementos externos (reais) para que não haja perda do sentido.

O autor aponta que a distinção dos elementos *reais* dentro do texto artístico é o que diferencia sua existência de outras obras, seja na criatividade com a qual elementos *reais* serão trabalhados com os elementos de *ficção*, pode ser até mesmo em relação a todo um movimento literário ou pode ser na forma que o tema se manifesta. Ao estar de frente com o texto, a tradutora precisa manter a calma e ter cuidado ao buscar soluções criativas, pois “alguns tradutores são escritores com um histórico educacional, na língua e na literatura” (LEVY, p. 25, 2011). Por esse motivo, o olhar crítico com as estruturas criativas de ambas as línguas em contato é essencial, pois é no conhecimento preciso do *real* que a tradutora pode encontrar soluções *irreais*, mantendo a essência criativa e o sentido contextualizado na obra.

Levy (2011) nos faz perceber que, se nem o autor é capaz de seguir a realidade, por materiais verbais, a tradutora dificilmente será capaz de manter todos os elementos materiais que constroem o texto. O que obriga, mais uma vez, a tradutora a ser duplamente consciente, ao interpretar “texto do trabalho”, ou seja, as unidades fonéticas que existem em (diferentes) níveis, pois até a menor unidade semântica conta. Enquanto o conceito de “o trabalho em função

do sentido” corresponde ao valor semântico da palavra, o significado por trás, mas não a um simples “sentido pretendido”, é na verdade um “conteúdo em forma”. A relação é simultânea a forma tendo sido escolhida em prol do conteúdo.

O autor ainda divide o processo tradutório em dois estágios. O primeiro estágio é responsável pela forma, que pode conter não apenas elementos culturais, como também características linguísticas nacionais do autor. No segundo estágio, para a (re)criação é preciso concretizar o *sentido*, o que é responsabilidade da tradutora. No entanto, antes de ser tradutora, ela deve tomar o papel de leitora e por esse motivo sua *concretização* deve ser cautelosa.

Levy define esta etapa de *concretização* como um aspecto essencial para o processo e teoria da tradução, um processo que muitas vezes não é levado em conta nos estudos da literatura. Sem essa distinção do conteúdo e da forma, a tradutora não é capaz de fixar as ideias do autor, que materializa, por meio da escrita, suas ideias e sua criatividade. O que difere a tradutora de uma *mera* leitora é o seu senso crítico, que percebe o sentido e o recupera dentro de um novo sistema, com novas concepções linguísticas, que assim como o autor, tende a sofrer influência do contexto histórico,

O autor chama a atenção para a presença da língua nessa relação construtiva do sentido, sendo mais do que apenas uma ferramenta, mas sim um elemento ativo desta construção criativa. Suas influências são determinadas pela *ideia-estética*

### 3. METODOLOGIA

A primeira etapa desta metodologia foi a definição de um corpus composto pelas primeiras 40 laudas do livro “*Small Gods*” na edição de e-book da editora HarperCollins, o qual apresenta tradução realizada por Alexandre Mandarino (2015), publicada pela editora Bertrand Brasil. Essa escolha foi feita tendo em vista a necessidade de usufruir de uma obra que utilizasse o humor como um instrumento fundamental do texto e que possuísse tradução em português para fins de comparação.

A metodologia adotada para este estudo envolveu inicialmente a leitura integral do livro “*Small Gods*” com o propósito de familiarização não apenas com a obra em si, mas também com a tradução anteriormente citada. Em seguida, foi feita a definição e leitura do corpus selecionado, destacando trechos que chamaram a atenção devido à necessidade de uma maior reflexão na tradução, bem como à presença de expressões, construções ou palavras que expressassem humor.

Posteriormente, deu-se início à tradução dos trechos selecionados, utilizando o Google Docs como ferramenta para registrar o processo de tradução e realizar marcações e comentários relevantes. Com base nessa etapa, foi elaborada uma tabela de exemplos comparativos entre a Primeira Tradução e a Tradução Proposta, tendo o Texto Fonte como guia. Essa tabela tem como objetivo explicitar as diferenças entre as duas traduções e mostrar como essas diferenças podem afetar a percepção do leitor em relação ao texto, além de alterar a construção do humor proposta pelo autor.

Ao longo da etapa anterior, encontramos dificuldades a respeito de como classificar os exemplos encontrados. Portanto, decidimos utilizar, entre outros critérios apresentados mais a frente no capítulo do relatório, as modalidades de tradução de Aubert (1998) para esse fim apenas. Essa classificação foi usada em exemplos considerados importantes de se mencionar, por apresentarem uma mudança quanto à tradução de Mandarino (2015).

Com isso, é importante definir o que seriam as modalidades de tradução. Propostas por Francis Henrik Aubert, em um artigo publicado na revista “Tradterm”, elas têm como base os procedimentos técnicos da tradução de Vinay e Darbelnet (1958), que tinham como objetivo “constituir uma referência didática, no quadro da formação de tradutores profissionais” (AUBERT, p. 102, 1998). Aubert, ao apresentar essas modalidades busca reformular os conceitos estabelecidos por Vinay e Darbelnet ao utilizá-los para fins descritivos, resultando em dados quantitativos, para fim de uma análise estatística desses dados. As modalidades buscam avaliar o grau de diferenciação (proximidade/distância) entre o Texto Fonte e o Texto Meta (ou



texto traduzido) e estão divididas em 13 pontos. No entanto, só utilizaremos 3 neste trabalho: a omissão, o acréscimo e a explicitação.

Com essa metodologia, busca-se contribuir para uma reflexão ampliada sobre as soluções de trechos de humor presentes em obras literárias traduzidas, levando em consideração o contexto histórico e as características do estilo do autor.

## 4. RELATÓRIO DE TRADUÇÃO

Este capítulo tem como objetivo justificar algumas das escolhas de tradução feitas ao longo do texto, por meio do uso de tabelas e através de uma comparação com a primeira tradução publicada por Mandarino (2015). É importante ressaltar que as comparações feitas aqui não foram feitas com o intuito de julgar se uma tradução foi “melhor” que a outra, mas sim, salientar as diferentes maneiras que um texto pode ser traduzido, bem como as diferentes escolhas que podem ser tomadas e como isso gera um impacto no humor e no sentido pretendido pelo texto fonte.

Aqui grande parte dos exemplos utilizados serão a respeito do humor e das sutilezas presentes na tradução e como esses aspectos podem impactar na recepção da obra. Além disso, utilizaremos alguns conceitos descritos nas modalidades de tradução propostas por Francis Henrik Aubert (1998), com objetivo de classificar alguns exemplos considerados importantes, mas que não se enquadravam nas classificações apresentadas acima. Por fim, serão apresentados exemplos de expressões idiomáticas, e nomes próprios e topônimos, pois estes também foram considerados aspectos relevantes para se trabalhar no presente capítulo.

### 4.1. Humor

A seguir serão apresentados segmentos em que houve perda, ou tentativa de recuperação, do humor.

Tabela 1 - Exemplo de humor n.º 1

Texto Fonte (T.F.) (PRATCHETT, 1992)	Primeira Tradução (P.T.) (MANDARINO, 2015)	Tradução Proposta (T.P.) (PORLAN, 2023)
When people say “It is written...” it is written <i>here</i> . There are fewer metaphors <b>around</b> than people think.	Quando as pessoas dizem “Está escrito...” está escrito <i>neles</i> . Há bem menos metáforas <b>nisso</b> do que as pessoas imaginam.	Quando as pessoas dizem “Está escrito...” está escrito <i>aqui</i> . Existem menos metáforas <b>por aí</b> do que as pessoas pensam.

Fonte: autoria própria.

Neste trecho, Pratchett está descrevendo os livros que contém toda a história do universo de Discworld. Portanto, o humor vem do fato de que a expressão comum “*it is written*” (está

escrito) não seria uma metáfora, mas sim a realidade, pois *realmente* está escrito em algum lugar, no caso nesses livros. Daí o comentário jocoso “Existem menos metáforas por aí do que as pessoas pensam”.

Por conta disso, há perda do humor e do sentido pretendido pelo autor na P.T., ao fazer a opção de se traduzir o advérbio “*around*” pela contração “nisso”, pois Mandarino transforma uma observação geral, que se refere às metáforas como um todo, em um caso específico. Também não fica claro o que seria o “isso” a que ele se refere. Na Tradução Proposta ainda há certa perda do humor, pois a expressão “está escrito” não é tão usual quanto sua equivalente no inglês. No entanto, seu uso foi confirmado em meios religiosos, ao se referir à Bíblia por exemplo (existe, inclusive, um programa de cunho religioso chamado “Está Escrito” em exibição na rede Novo Tempo), bem como na expressão mais comum “está escrito nas estrelas”.

Tabela 2 - Exemplo de humor n.º 2

Texto Fonte (T.F.) (PRATCHETT, 1992)	Primeira Tradução (P.T.) (MANDARINO, 2015)	Tradução Proposta (T.P.) (PORLAN, 2023)
...besides, when you work with Time every day, some of it tends to <b><u>rub off</u></b> .	... além disso, quando se trabalha com o Tempo todos os dias, parte dele tende a <b><u>se pulverizar</u></b> .	... além disso, quando se trabalha com o Tempo todos os dias, parte dele tende a <b><u>te contaminar</u></b> .

Fonte: autoria própria.

Aqui Pratchett explica porque os monges responsáveis por escrever e cuidar dos livros que contém a história de Discworld seriam tão idosos. O humor vem do fato de que trabalhar com algo tão intangível quanto o Tempo, possa mesmo assim contaminá-lo de certa forma.

Portanto, ao traduzir “*rub off*” como “pulverizar”, a primeira tradução perde o sentido de transferir para outra pessoa expresso pela expressão no inglês e, em vez disso, traz a ideia de se reduzir a pó. Talvez o sentido pretendido fosse o de “pulverizar” como sinônimo de “borrifar”, mas esse sentido é menos usual e, da forma como o período foi construído, não é essa a imagem que se forma na cabeça da leitora. Em contrapartida, a solução “contaminar”, proposta pela T.P. traz uma conotação negativa que não está presente no texto original, entretanto, não foi encontrado um sinônimo que mantivesse a ideia de transferência que fosse usual e não possuísse essa mudança na intensidade.

Tabela 3 - Exemplo de humor n.º 3

Texto Fonte (T.F.) (PRATCHETT, 1992)	Primeira Tradução (P.T.) (MANDARINO, 2015)	Tradução Proposta (T.P.) (PORLAN, 2023)
It had very punctual prophets. <u>You could set your calendar by them</u> , if you had one big enough.	... tinha profetas muito pontuais. <u>Dava para marcar datas no calendário com eles</u> , desde que houvesse um calendário grande o bastante.	Ela tinha profetas bem pontuais. <u>Era possível ajustar seu calendário de acordo com eles</u> , se houvesse um grande o bastante.

Fonte: autoria própria.

Neste parágrafo Pratchett, por meio do narrador, define que é chegada a hora de um novo profeta aparecer em Omnia. Ele diz que é possível saber disso porque eles sempre apareciam com o mesmo intervalo de tempo um dos outros, ou seja, eram muito pontuais.

Na tradução de Mandarinino, a piada se perde, pois a construção do humor nesse trecho depende da primeira oração do segundo período. Ela define que seria possível ajustar um calendário de acordo com os profetas dessa religião, pelo fato de serem tão pontuais, ou seja, aparecerem com uma frequência de tempo muito bem definida. “Marcar datas no calendário” não cria a mesma imagem, pois é possível marcar qualquer data no calendário, isso não expressa o sentido de algo cíclico e pontual, mas sim trivial.

Tabela 4 - Exemplo de humor n.º 4

Texto Fonte (T.F.) (PRATCHETT, 1992)	Primeira Tradução (P.T.) (MANDARINO, 2015)	Tradução Proposta (T.P.) (PORLAN, 2023)
... but tended towards taking people suspected of being less holy and putting them to death in a hundred ingenious ways. This is considered a reliable barometer of the state of one's <u>piety</u> in most of the really popular religions.	... só que com a prisão de todos os suspeitos de serem menos santos, mortos de centenas de maneiras engenhosas. Considera-se isso, na maioria das religiões realmente populares, um barômetro confiável do estado de <u>piiedade</u> de uma pessoa.	... mas consistia em prender pessoas suspeitas de serem menos sacras e executá-las de centenas de maneiras engenhosas. O que é considerado um barômetro confiável do estado de <u>devoção</u> de alguém, na maior parte das religiões realmente populares.

Fonte: autoria própria.

A tradução de “*piety*” pelo falso cognato “piiedade”, na Primeira Tradução, tira parte do

humor construído nesse parágrafo, pois não se encaixa no contexto, uma vez que a igreja aqui conduz punições e torturas para verificar se a pessoa seria realmente devota a ela. Não faria sentido ela medir a piedade das pessoas porque a igreja é, em si, impiedosa. É importante ressaltar que ao longo do texto essa palavra também aparece em outros contextos e foi traduzida por seu falso cognato todas as vezes. Esses outros exemplos não foram incluídos aqui, pois neles não houve necessariamente perda de humor e para evitar uma repetição desnecessária.

Tabela 5 - Exemplo de humor n.º 5

Texto Fonte (T.F.) (PRATCHETT, 1992)	Primeira Tradução (P.T.) (MANDARINO, 2015)	Tradução Proposta (T.P.) (PORLAN, 2023)
... and that it's time to <b>wipe the slate clean</b> . Blood is generally considered very efficient for this purpose.	... e que é a hora de <b>um novo começo</b> . Sangue é geralmente considerado muito eficiente para esse fim.	... e que é hora de <b>limpar o histórico</b> e começar do zero. Sangue é geralmente considerado bastante eficiente para essa finalidade.

Fonte: autoria própria.

Aqui Pratchett faz uma brincadeira com a expressão idiomática “*wipe the slate clean*”, argumentando que sangue seria eficiente para essa tarefa, de literalmente limpar a lousa com sangue, evidenciando de forma humorística a brutalidade dessa religião. Não há uma expressão completamente igual em português que preservasse o humor integralmente, mesmo assim, ao optar por traduzir a expressão em inglês somente como “começar do zero” há a perda desse duplo sentido pretendido pelo autor. Por isso, na Tradução Proposta, houve a adição de “limpar o histórico” que permite a interpretação de que esse histórico pode ser limpo com sangue.

Tabela 6 - Exemplo de humor n.º 6

Texto Fonte (T.F.) (PRATCHETT, 1992)	Primeira Tradução (P.T.) (MANDARINO, 2015)	Tradução Proposta (T.P.) (PORLAN, 2023)
Voices were <b>right up Nhumrod's cloister</b> .	Vozes eram <b>bem comuns no claustro de Nhumrod</b> .	Vozes eram <b>o forte de Nhumrod</b> .

Fonte: autoria própria.

Nhumrod é famoso entre os noviços por ouvir vozes em sua própria cabeça o tempo todo. Nessa frase, Pratchett faz um jogo de palavras ao substituir “*alley*”, da expressão “*right*

*up your alley*” por “*cloister*” (em português, claustro, estrutura arquitetônica comum em mosteiros). Ao elaborar a T.P., não foi encontrada uma expressão em português que coubesse essa mesma substituição, sem haver a perda da identificação da própria expressão. Exemplo: eram a sua praia (claustro). Ao substituir a palavra praia por claustro, a leitora não seria capaz de identificar que foi feita essa substituição, por isso haveria perda do humor da mesma forma. Então, a Tradução Proposta omite a piada como um todo, mas mantém o sentido da expressão em inglês. Na Primeira Tradução, por sua vez, a expressão é traduzida literalmente e, por isso, também há perda do humor, uma vez que o jogo de palavras é apagado. Além disso, também há perda do sentido, pois este muda para vozes serem comuns no ambiente em que Nhumrod está inserido e, não mais, serem sua própria especialidade, devido a suas experiências pessoais.

Tabela 7 - Exemplo de humor n.º 7

Texto Fonte (T.F.) (PRATCHETT, 1992)	Primeira Tradução (P.T.) (MANDARINO, 2015)	Tradução Proposta (T.P.) (PORLAN, 2023)
“I’m doing it straight into your head, do you understand?” “ <b>Gosh!</b> ” “You <b>do understand</b> , don’t you?” “No.”	– Estou falando isso diretamente na sua cabeça, entende? – <b>Puxa!</b> – Você <b>entende</b> , não é? – Não.	– Estou falando diretamente na sua cabeça, você entende? – <b>Deus!</b> – Você <b>entende mesmo</b> , né? – Não.

Fonte: autoria própria.

Ao traduzir “*gosh*” por “puxa”, Mandarino acaba com o humor presente nesse trecho, que se dá pelo fato de Om ser ele mesmo um deus. Isto é, por usar a exclamação “*Gosh!*” (derivada de “*God!*”), Om interpreta que Brutha entendeu que ele é um. A substituição feita por Mandarino tira essa possibilidade de interpretação e, portanto, o humor presente no trecho. Além disso, ao colocar a ênfase em “entende”, Mandarino dá impressão de que Om está incerto. Enquanto isso, manter a ênfase em “mesmo”, um substituto para o “*do*” no texto fonte, retém o sentido de que ele está apenas confirmando se Brutha entendeu.

Tabela 8 - Exemplo de humor n.º 8

Texto Fonte (T.F.) (PRATCHETT, 1992)	Primeira Tradução (P.T.) (MANDARINO, 2015)	Tradução Proposta (T.P.) (PORLAN, 2023)
The tortoise rolled its eye.	A tartaruga olhou para cima e suspirou.	O jabuti revirou o olho.

Fonte: autoria própria.

Nesse último exemplo, Mandarino realiza um alongamento desnecessário, visto que temos uma expressão equivalente e usual no português (revirar os olhos). Ao fazer isso, o humor no trecho se perde, pois é derivado do fato do jabuti ter apenas um olho (como apontado na seção 1.2, do presente trabalho) o que proporciona quebra da expectativa na leitora, justamente ao mudar essa expressão comum para se referir a esse jabuti específico.

#### 4.2. Sutilezas

Tabela 9 - Exemplo de sutileza n.º 1

Texto Fonte (T.F.) (PRATCHETT, 1992)	Primeira Tradução (P.T.) (MANDARINO, 2015)	Tradução Proposta (T.P.) (PORLAN, 2023)
The tortoise is a ground-living creature. It is impossible to live nearer the ground without being under it. <b>Its horizons</b> are a few inches away.	A tartaruga é uma criatura que vive no solo. É impossível viver mais perto do solo sem estar debaixo dele. <b>Seu horizonte</b> fica a meros centímetros de distância.	O jabuti é uma criatura que vive no solo. É impossível viver mais perto do solo sem estar debaixo dele. <b>Seus horizontes</b> estão a alguns centímetros de distância.

Fonte: autoria própria.

A maior, ainda que sutil, diferença entre as duas traduções está na própria “fidelidade” ao original. A simples tradução do plural e ou singular, altera por completo a percepção do leitor acerca do personagem. Mandarino em sua tradução opta por não manter o substantivo “*horizons*” no plural, resultando em uma perda da intensidade. Ao manter o substantivo no plural, percebe-se que não adianta a direção, lugar e/ou tempo, que o mundo da tartaruga não manifesta opções e expectativas distantes. Por esse motivo dizemos que nossa tradução foi fiel ao sentido, enquanto Mandarino, provavelmente, buscou uma fidelidade gramatical, não

atingida.

Tabela 10 - Exemplo de sutileza n.º 2

Texto Fonte (T.F.) (PRATCHETT, 1992)	Primeira Tradução (P.T.) (MANDARINO, 2015)	Tradução Proposta (T.P.) (PORLAN, 2023)
Every month the abbot and two <b>senior</b> monks (...)	Mensalmente o abade e dois <b>velhos</b> monges (...)	Todo mês, o abade e dois monges <b>anciãos</b> (...)
The clear air and untroubled life of the secret valley was such that all the monks were <b>senior</b> .	O ar puro e a vida tranquila do vale secreto eram tão intensos que todos os monges eram <b>velhos</b> .	O ar puro e a vida despreocupada do vale secreto eram tais que todos os monges eram <b>anciãos</b> .

Fonte: autoria própria.

Em inglês, “*senior*” pode se referir tanto a idoso, quanto a alguém de posição elevada. Pratchett faz uma brincadeira com esse duplo sentido ao se referir tanto ao cargo de “*senior monk*” quanto ao fato de que todos eles são muito velhos, pois em um primeiro momento a leitora acredita que o sentido da palavra seria apenas de um cargo, mas posteriormente há uma quebra de expectativa e ela é usada com sua outra definição. Como “sênior” não é muito utilizado para se referir a pessoas idosas, para tentar manter o duplo sentido pretendido, a tradução proposta faz uso do adjetivo “ancião”, pois ao mesmo tempo que é usado para descrever algo muito velho, ainda traz consigo um sentimento de respeito. Em contrapartida, ao usar o adjetivo “velho”, a P.T. perde parte do humor construído ao longo do texto.

Tabela 11 - Exemplo de sutileza n.º 3

Texto Fonte (T.F.) (PRATCHETT, 1992)	Primeira Tradução (P.T.) (MANDARINO, 2015)	Tradução Proposta (T.P.) (PORLAN, 2023)
Currently he was sitting alongside the <b>bench</b> on which lay what was still, technically, the trembling body of Brother Sasho, formerly his secretary.	No presente momento, ele estava sentado ao lado do <b>banco</b> em que repousava o que ainda era, tecnicamente, o corpo trêmulo do Irmão Sasho, seu ex-secretário.	No momento, ele estava sentado ao lado da <b>bancada</b> em que jazia o que ainda era, tecnicamente, o corpo trêmulo do Irmão Sasho, seu ex-secretário.

Fonte: autoria própria.



De acordo com o *Oxford Languages*, “*bench*” tem dois significados, o que se traduziria para banco, utilizado por Mandarino, mas que não se adequa ao contexto, e o que seria um sinônimo de *work table*, traduzido como bancada, na Tradução Proposta. Pelo fato de que presente cena se passa em uma câmara de tortura, acreditamos que a imagem pretendida pelo autor seria a formada pela segunda definição.

Tabela 12 - Exemplo de sutileza n.º 4

Texto Fonte (T.F.) (PRATCHETT, 1992)	Primeira Tradução (P.T.) (MANDARINO, 2015)	Tradução Proposta (T.P.) (PORLAN, 2023)
“And now I shall have to find another secretary. It is too <b>vexing</b> .”	— E agora vou ter de encontrar outro secretário. Que coisa <b>desgastante</b> .	— E agora eu preciso encontrar outro secretário. Muito <b>irritante</b> .

Fonte: autoria própria.

Usar o adjetivo “desgastante” dá a ideia de que Vorbis foi mais afetado pela situação do que o necessário, pois geralmente é usado em situações em que há desgaste físico ou emocional. A verdade é que seu secretário ser torturado até a morte e o fato de que ele precisará arranjar outro é apenas uma leve inconveniência para ele, por isso a palavra “irritante” se encaixa melhor, quando levada sua personalidade em consideração, uma vez que irritações são consideradas mais triviais.

Tabela 13 - Exemplo de sutileza n.º 5

Texto Fonte (T.F.) (PRATCHETT, 1992)	Primeira Tradução (P.T.) (MANDARINO, 2015)	Tradução Proposta (T.P.) (PORLAN, 2023)
“How many soldiers?” said Vorbis. “A <b>bodyguard</b> only.” (...)	– Quantos soldados? – indagou Vorbis. – Apenas um <b>guarda-costas</b> . (...)	– Quantos soldados? – indagou Vorbis. – Apenas uma <b>escolta</b> . (...)

Fonte: autoria própria.

Mais para frente no texto, vemos que a delegação é composta por mais de um soldado, ou “guarda-costas”, então acredito que Mandarino tenha confundido duas possíveis traduções para “*bodyguard*” e optou pela que não se encaixa nesse contexto

específico. Ao traduzir “*bodyguard*” como “escolta” nos certificamos de que os planos para a viagem a Efebo sendo feitos neste ponto da história estejam em concordância com o que será visto quando eles estiverem sendo de fato postos em prática.

Tabela 14 - Exemplo de sutileza n.º 6

Texto Fonte (T.F.) (PRATCHETT, 1992)	Primeira Tradução (P.T.) (MANDARINO, 2015)	Tradução Proposta (T.P.) (PORLAN, 2023)
“(…) He’ll have to dam the river of truth, at its source.” “We must <b>bail out</b> what we can, then,” said another mask.	— (...) Terá de represar o rio da verdade em sua nascente. — Teremos de <b>resgatar</b> o que pudermos, então — disse outra máscara.	— (...) Terá que represar o rio da verdade, em sua nascente. — Devemos <b>escoar</b> o que conseguirmos, então — disse outra máscara.

Fonte: autoria própria.

“*Bail out*” é uma expressão que significa tirar a água de um barco ou navio, e neste caso, do “rio da verdade”. Ao usá-la, os personagens têm a intenção de impedir que a verdade que eles pretendem levar a público seja escondida totalmente por Vorbis, por isso eles devem fazer o possível para revelar o que puderem. Ao traduzir tal expressão por “recuperar”, Mandarino quebra o jogo de palavras construído por Pratchett, de usar uma expressão que se refere ao manejo de água, quando estão falando sobre o metafórico rio da verdade. A T.P. fez a escolha de traduzir como “escoar”, que, embora não tenha exatamente a mesma definição que a expressão proposta, mantém a temática de mexer com água e o sentido geral da expressão em inglês.

Tabela 15 - Exemplo de sutileza n.º 7

Texto Fonte (T.F.) (PRATCHETT, 1992)	Primeira Tradução (P.T.) (MANDARINO, 2015)	Tradução Proposta (T.P.) (PORLAN, 2023)
Put your trust <b>in the God</b> , they said.	Põe tua confiança <b>em Deus</b> , eles diziam.	Coloque sua confiança <b>no Deus</b> , eles diziam.

Fonte: autoria própria.

Pratchett cria, ao longo do texto, construções e maneiras diferenciadas de se referir a Om como deus, como é exemplificado no trecho acima. Ao traduzir essa construção para a

usual utilizada no cristianismo, Mandarino apaga essa diferenciação proposta por Pratchett. A T.P. optou por manter o estranhamento ao utilizar a contração “no”.

Tabela 16 - Exemplo de sutileza n.º 8

Texto Fonte (T.F.) (PRATCHETT, 1992)	Primeira Tradução (P.T.) (MANDARINO, 2015)	Tradução Proposta (T.P.) (PORLAN, 2023)
Now consider the tortoise and the eagle.	Considere agora a tartaruga e a águia.	Considere agora o jabuti e a águia.

Fonte: autoria própria.

O termo “*tortoise*” é muito utilizado ao longo do texto, pois faz referência ao estado em que se encontra Om durante a maior parte da história. Ele aponta a decadência em que se encontra, pois “*tortoises*” são consideradas criaturas inofensivas e indefesas. Além disso, há o contraste com a figura expressa por “*turtle*” reverenciada como símbolo da verdade pela revolução que se forma durante a obra. Portanto, por haver essa distinção entre os dois termos, por mais que, em português, o termo “tartaruga” seja uma espécie de guarda-chuva que abarca espécies mais específicas, como cágados, tartarugas marinhas e jabutis, e, por isso, a tradução de “*tortoise*” por “tartaruga” seja possível, na T.P. foi feita a opção por traduzir esse termo por seu equivalente mais específico “jabuti”.

### 4.3. Modalidades de tradução

Neste tópico serão apresentados exemplos das modalidades de tradução propostas por Aubert (1998), explicadas com mais detalhes anteriormente, no capítulo da Metodologia.

#### 4.3.1. Omissão

De acordo com Aubert (1998), a omissão ocorre a partir do momento em que um segmento apresentado no Texto Fonte não pode ser recuperado no Texto Meta e, portanto, é

feita a opção de omiti-lo por completo. Abaixo temos um exemplo:

Tabela 17 - Exemplo de omissão

Texto Fonte (T.F.) (PRATCHETT, 1992)	Primeira Tradução (P.T.) (MANDARINO, 2015)	Tradução Proposta (T.P.) (PORLAN, 2023)
<u>Talons and claws</u> enough to make a meal of anything smaller than it is and at least take a hurried snack out of anything bigger.	<u>Garras e presas</u> capazes de transformar em refeição qualquer coisa menor do que ela e de arrancar, pelo menos, um lanche rápido de qualquer coisa maior.	<u>Garras</u> o suficiente para fazer uma refeição de qualquer coisa menor do que ela própria e, pelo menos, tirar um lanchinho rápido de qualquer coisa maior.

Fonte: autoria própria.

“*Talons*” e “*claws*” são dois sinônimos para “garras” no inglês. Na tradução proposta, como não foi encontrado um sinônimo usual e facilmente reconhecível no português, optamos pela omissão do segundo sinônimo, deixando então apenas “garras”. A escolha feita por Mandarino em utilizar o substantivo “presas” não caberia nesse contexto, pelo fato de águias não as possuírem. No entanto, usar “bico” também não funcionaria nessa analogia pois elas possuem apenas um.

#### 4.3.2. Acréscimo

Acréscimos são segmentos adicionados ao texto pelo próprio tradutor, não sendo referências implícitas no Texto Fonte, ou seja, são informações, completamente novas. Trazemos alguns exemplos abaixo:

Tabela 18 - Exemplos de acréscimo

Texto Fonte (T.F.) (PRATCHETT, 1992)	Primeira Tradução (P.T.) (MANDARINO, 2015)	Tradução Proposta (T.P.) (PORLAN, 2023)
It's simply the delight of eagles to torment tortoises.	É simplesmente deleite das águias atormentar tartarugas.	É simplesmente <b><u>um</u></b> deleite <b><u>para</u></b> as águias atormentar jabutis.
Things just happen, one after another. They don't care who knows.	As coisas simplesmente acontecem, uma após a outra. Elas não se importam com quem sabe.	As coisas simplesmente acontecem, uma após a outra. Elas não ligam para quem sabe <b><u>a respeito delas.</u></b>
Time is a drug. Too much of it kills you.	O tempo é uma droga. Em excesso, pode matar.	O tempo é <b><u>como</u></b> uma droga. Em excesso, pode matar.

Fonte: autoria própria.

Nos dois primeiros exemplos, os acréscimos destacados ocorreram apenas para aumentar a fluidez e a legibilidade, no primeiro caso e a clareza, no segundo. Já no terceiro exemplo, a adição da conjunção “como” impede a interpretação de “droga” como algo ruim (um saco), no lugar de “droga” como substância viciante, que é o sentido pretendido.

#### 4.3.3. Explicitação

Explicitações se caracterizam por trazerem informações que estavam implícitas no Texto Fonte e se tornaram explícitas no Texto Meta. Elas podem vir na forma de paráfrases, notas de rodapé, aposto explicativo etc. Abaixo encontramos alguns exemplos:

Tabela 19 - Exemplo de explicitação n.º 1

Texto Fonte (T.F.) (PRATCHETT, 1992)	Primeira Tradução (P.T.) (MANDARINO, 2015)	Tradução Proposta (T.P.) (PORLAN, 2023)
Brutha was uncomfortably aware that <u>he was probably overdue</u> a <u>demon</u> .	Brutha tinha a desconfortável noção de que <u>provavelmente estava em débito com algum demônio</u> .	Brutha estava desconfortavelmente ciente de que <u>provavelmente já havia passado da hora de ser visitado por um demônio</u> .

Fonte: autoria própria.

A Tradução Proposta, nesse período, opta por trazer uma explicação mais longa do que seria o termo “*overdue*”, no entanto mantém o sentido pretendido por Pratchett. Mandarin, por sua vez, ao fazer o mesmo, utiliza outro sentido do que significaria a palavra no inglês, comprometendo assim a visão que a leitora teria do personagem Brutha. Isso porque, geralmente, fazer um pacto com um demônio e, por consequente, estar em débito com ele, é um ato praticado por pessoas desesperadas ou ambiciosas e que ganhariam algo em troca. Brutha é um menino simples e sem muitas ambições e que, até esse ponto na história, não teve nenhuma recompensa extraordinária.

Tabela 20 - Exemplo de explicitação n.º 2

Texto Fonte (T.F.) (PRATCHETT, 1992)	Primeira Tradução (P.T.) (MANDARINO, 2015)	Tradução Proposta (T.P.) (PORLAN, 2023)
As it was, she organized the temple-cleaning, statue-polishing, and stoning-of- <u>suspected-adulteresses</u> rotas with a terrible efficiency.	Em vez disso, ela organizava a limpeza do templo, o polimento das estátuas e os turnos de apedrejamento das <u>adúlteras</u> com espantosa eficiência.	Em vez disso, ela organizava a limpeza do templo, o polimento das estátuas e os turnos de apedrejamento das <u>mulheres suspeitas de adultério</u> com uma eficiência terrível.

Fonte: autoria própria.

Ao omitir o adjetivo “*suspected*”, a Primeira Tradução apaga parte da brutalidade da situação, uma vez que o apedrejamento poderia acontecer sem mesmo haver a confirmação de serem ou não adúlteras. A opção pela explicitação, na tradução proposta, tem como objetivo manter essa brutalidade. Ainda assim, antes de tomar essa decisão houve a consideração de se traduzir por “adúlteras suspeitas”, mantendo a estrutura e concisão do Texto Fonte. No entanto, foi constatado que nessa tradução a palavra “suspeitas” levaria a leitora a entender outro significado, o de suspeita como uma pessoa que gera inquietação, desconfiança.

#### 4.4. Expressões idiomáticas

Abaixo, serão apresentados dois exemplos onde houve discordâncias na tradução de expressões idiomáticas entre a Primeira Tradução e a Tradução Proposta:

Tabela 21 - Exemplo de expressões idiomáticas n.º 1

Texto Fonte (T.F.) (PRATCHETT, 1992)	Primeira Tradução (P.T.) (MANDARINO, 2015)	Tradução Proposta (T.P.) (PORLAN, 2023)
They live . . . well, <b><u>in the nature of things</u></b> they live wherever they are sent, but their spiritual home is in a hidden valley in the high Ramtops of the Discworld, where the books of history are kept.	Eles vivem... bem, <b><u>na natureza das coisas</u></b> eles vivem nos lugares para onde quer que tenham sido enviados, mas seu lar <i>espiritual</i> fica em um vale escondido nas altas Ramtops de Discworld, onde os livros de história são preservados.	Eles vivem... bem, <b><u>naturalmente</u></b> eles vivem onde quer que sejam mandados, mas seu lar espiritual se encontra em um vale escondido nas grandes Ramtops de Discworld, onde os livros da história são guardados.

Fonte: autoria própria.

Aqui há a presença da expressão “*in the nature of things*” que, de acordo com o Cambridge Dictionary, significa “as características habituais e esperadas da vida” (tradução nossa). Traduzir a expressão literalmente (como foi feito por Mandarinino) não seria interessante ao pensar nos falantes de língua portuguesa, pois essa expressão não é comum na língua, portanto seria inevitável o estranhamento. Ao traduzir esse trecho, não foram encontradas expressões equivalentes, devido a isso a T.P. opta por explicar o sentido geral da expressão de forma concisa, com o uso do advérbio “naturalmente”.

Tabela 22 - Exemplo de expressões idiomáticas n.º 2

Texto Fonte (T.F.) (PRATCHETT, 1992)	Primeira Tradução (P.T.) (MANDARINO, 2015)	Tradução Proposta (T.P.) (PORLAN, 2023)
<b><u>There's good eating on a tortoise</u></b> but, considering the effort involved, there's much better eating on practically anything else.	<b><u>Há boa comida em uma tartaruga</u></b> , mas, considerando o esforço envolvido, há comida muito melhor em praticamente qualquer outra coisa.	<b><u>Jabutis são bons de comer</u></b> , mas, considerando o esforço envolvido, praticamente qualquer outra coisa é melhor.

Fonte: autoria própria.

Este é outro caso em que, ao se traduzir a expressão literalmente do inglês, é gerado um estranhamento na leitora, pois essa não é uma construção usual no português. Pensando nisso, a T.P. buscou um equivalente que mantivesse o sentido da expressão em inglês e, conseqüentemente, o humor presente nesse trecho, sem causar estranhamento e dificuldade de leitura ao público-alvo.



## 5. CONCLUSÕES

O objetivo deste trabalho era explicitar as dificuldades da tradução do humor dentro de um texto repleto de contextualizações históricas e referências intertextuais. Dois elementos que se não fossem compreendidos não seriam possíveis de se traduzir. Surpreendentemente, apesar das dificuldades experienciadas durante esse processo tradutório, percebemos que a tradução jamais vai ser um ato monótono ou *sem graça*.

Apesar de desafiante, este projeto foi de fundamental importância para minha formação enquanto pesquisadora e tradutora. Através dele percebi que, por meio de um melhor entendimento de conceitos teóricos, a tradução em si se torna um ato mais consciente.

Os referenciais teóricos apresentados neste trabalho auxiliaram, antes do fazer tradutório, um pensar criativo. Foi entendendo o funcionamento da linguagem, pelo trabalho de Pullinen (2016), a partir de uma relação intertextual, em sentidos horizontal e vertical, que o traduzir da língua se torna possível. As teorias do humor, em específico da *incongruência*, foram analisadas de acordo com o seu surgimento na tradução.

Com a teoria de Ramos (2011) dos estudos do humor e sua construção dentro de um gênero específico, a piada, exigem conhecimentos e atenções diferentes. “Fases do Humor” (2011) apresenta um olhar histórico do humor, ao passo que explica a materialização do humor desde um micro a um macro texto.

E, por fim, os trabalhos de Levy (2011) e Ismattulayeva (2020), nos garantiram a recuperação da (re)criação criativa através e durante o fazer tradutório. Levando em conta fatores sócio-históricos e influências intertextuais para a recuperação do sentido cômico pretendido pelo autor, seu conceito “trabalho em função do sentido” serve como um modelo para garantir escolhas criativas e confiáveis.

## REFERÊNCIAS

- AUBERT, F. H. Modalidades de tradução: teoria e resultados. **Tradterm**, v. 5, n. 1, p. 99, 18 jun. 1998.
- ENCRUZILHADA. *In*: DICIO: Dicionário Online de Português. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/>. Acesso em: 16 nov. 2023.
- FIORIN, J. L. **Introdução a Linguística**. 2003. Disponível em: [https://www.academia.edu/8851069/FIORIN\\_Introdu%C3%A7%C3%A3o\\_%C3%A0\\_Ling%C3%BC%C3%ADstica\\_I\\_e\\_II](https://www.academia.edu/8851069/FIORIN_Introdu%C3%A7%C3%A3o_%C3%A0_Ling%C3%BC%C3%ADstica_I_e_II). Acesso em: 1 dez. 2023.
- ISMATTULLAYEVA, N. **The issues of word choice in fiction translation**. 2022. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/364939535\\_The\\_issues\\_of\\_word\\_choice\\_in\\_fiction\\_translation](https://www.researchgate.net/publication/364939535_The_issues_of_word_choice_in_fiction_translation). Acesso em: 10 out. 2023
- LEVY, J. **The Art of Translation**. Tradução: Patrick Corness. John Benjamins, 2011.
- MARTIN, R. A. **The Psychology of Humor: an integrative approach**. [s.l.]: Burlington, MA: Elsevier Academic Press, 2007. Disponível em: <https://archive.org/details/psychologyofhumo00martrich/page/64/mode/1up?q=shultz>. Acesso em: 5 nov. 2023.
- PRATCHETT, T. **Small Gods**. Ed. Abril de 2007. HarperCollins e-books, 1992.
- PRATCHETT, T. **Pequenos Deuses**. 2. ed. Tradução: Alexandre Mandarino. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.
- PULLINEN, V. **Intertextuality as a source of humour in Terry Pratchett's novels**. jyx.jyu.fi, 2016. Disponível em: <https://jyx.jyu.fi/handle/123456789/51061>. Acesso em: 24 set. 2023.
- RAMOS, P. **Faces do Humor: uma aproximação entre piadas e tiras**. 1. ed. Campinas, SP: Zarabatana, 2011.
- THE nature of things. *In*: CAMBRIDGE Dictionary. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/>. Acesso em: 20 out. 2023.

## APÊNDICES

### APÊNDICE I: TEXTO FONTE

Now consider the tortoise and the eagle.

The tortoise is a ground-living creature. It is impossible to live nearer the ground without being under it. Its horizons are a few inches away. It has about as good a turn of speed as you need to hunt down a lettuce. It has survived while the rest of evolution flowed past it by being, on the whole, no threat to anyone and too much trouble to eat.

And then there is the eagle. A creature of the air and high places, whose horizons go all the way to the edge of the world. Eyesight keen enough to spot the rustle of some small and squeaky creature half a mile away. All power, all control. Lightning death on wings. Talons and claws enough to make a meal of anything smaller than it is and at least take a hurried snack out of anything bigger.

And yet the eagle will sit for hours on the crag and survey the kingdoms of the world until it spots a distant movement and then it will focus, focus, *focus* on the small shell wobbling among the bushes down there on the desert. And it will *leap* . . .

And a minute later the tortoise finds the world drop- ping away from it. And it sees the world for the first time, no longer one inch from the ground but five hundred feet above it, and it thinks: what a great friend I have in the eagle.

And then the eagle lets go.

And almost always the tortoise plunges to its death. Everyone knows why the tortoise does this. Gravity is a habit that is hard to shake off. No one knows why the eagle does this. There's good eating on a tortoise but, considering the effort involved, there's much better eating on practically anything else. It's simply the delight of eagles to torment tortoises.

But of course, what the eagle does not realize is that it is participating in a very crude form of natural selection.

One day a tortoise will learn how to fly.

The story takes place in desert lands, in shades of umber and orange. When it begins and ends is more problematical, but at least one of its beginnings took place above the snowline,

thousands of miles away in the mountains around the Hub.<sup>41</sup>

One of the recurring philosophical questions is:

“Does a falling tree in the forest make a sound when there is no one to hear?”

Which says something about the nature of philosophers, because there is always someone in a forest. It may only be a badger, wondering what that cracking noise was, or a squirrel a bit puzzled by all the scenery going upwards, but *someone*. At the very least, if it was deep enough in the forest, millions of small gods would have heard it.

Things just happen, one after another. They don't care who knows. But *history* . . . ah, history is different. History has to be observed. Otherwise it's not history. It's just . . . well, things happening one after another.

And, of course, it has to be controlled. Otherwise it might turn into anything. Because history, contrary to popular theories, *is* kings and dates and battles. And these things have to happen at the right time. This is difficult. In a chaotic universe there are too many things to go wrong. It's too easy for a general's horse to lose a shoe at the wrong time, or for someone to mishear an order, or for the carrier of the vital message to be waylaid by some men with sticks and a cash flow problem. Then there are wild stories, parasitic growths on the tree of history, trying to bend it their way.

So history has its caretakers.

They live . . . well, in the nature of things they live wherever they are sent, but their *spiritual* home is in a hidden valley in the high Ramtops of the Discworld, where the books of history are kept.

These aren't books in which the events of the past are pinned like so many butterflies to a cork. These are the books from which history is derived. There are more than twenty thousand of them; each one is ten feet high, bound in lead, and the letters are so small that they have to be read with a magnifying glass.

When people say “It is written . . .” it is written *here*.

There are fewer metaphors around than people think.

Every month the abbot and two senior monks go into the cave where the books are kept. It used to be the duty of the abbot alone, but two other reliable monks were included after the unfortunate case of the 59th Abbot, who made a million dollars in small bets before his fellow monks caught up with him.

Besides, it's dangerous to go in alone. The sheer concentratedness of History, sleeting past

---

<sup>41</sup> Or, if you are a believer in Omnianism, the Pole.

soundlessly out into the world, can be overwhelming. Time is a drug. Too much of it kills you.

The 493rd Abbot folded his wrinkled hands and addressed Lu-Tze, one of his most senior monks. The clear air and untroubled life of the secret valley was such that all the monks were senior; besides, when you work with Time every day, some of it tends to rub off.

“The place is Omnia,” said the abbot, “on the Klatchian coast.”

“I remember,” said Lu-Tze. “Young fellow called Ossory, wasn’t there?”

“Things must be . . . *carefully observed*,” said the abbot. “There are pressures. Free will, predestination . . . the power of symbols . . . turning-point . . . you know all about this.”

“Haven’t been to Omnia for, oh, must be seven hundred years,” said Lu-Tze. “Dry place. Shouldn’t think there’s a ton of good soil in the whole country, either.”

“Off you go, then,” said the abbot.

“I shall take my mountains,” said Lu-Tze. “The climate will be good for them.”

And he also took his broom and his sleeping mat. The history monks don’t go in for possessions. They find most things wear out in a century or two.

It took him four years to get to Omnia. He had to watch a couple of battles and an assassination on the way, otherwise they would just have been random events.

It was the Year of the Notional Serpent, or two hundred years after the Declaration of the Prophet Abbys.

Which meant that the time of the 8th Prophet was imminent.

That was the reliable thing about the Church of the Great God Om. It had very punctual prophets. You could set your calendar by them, if you had one big enough.

And, as is generally the case around the time a prophet is expected, the Church redoubled its efforts to be holy. This was very much like the bustle you get in any large concern when the auditors are expected, but tended towards taking people suspected of being less holy and putting them to death in a hundred ingenious ways. This is considered a reliable barometer of the state of one’s piety in most of the really popular religions. There’s a tendency to declare that there is more backsliding around than in the national toboggan championships, that heresy must be torn out root and branch, and even arm and leg and eye and tongue, and that it’s time to wipe the slate clean. Blood is generally considered very efficient for this purpose.

*And it came to pass that in that time the Great God Om spake unto Brutha, the Chosen One:*

“Psst!”

Brutha paused in mid-hoe and stared around the Temple garden.

“Pardon?” he said.

It was a fine day early in the lesser Spring. The prayer mills spun merrily in the breeze off the mountains. Bees loafed around in the bean blossoms, but buzzed fast in order to give the impression of hard work. High above, a lone eagle circled.

Brutha shrugged, and got back to the melons.

*Yea, the Great God Om spake again unto Brutha, the Chosen One:*

“Psst!”

Brutha hesitated. Someone had definitely spoken to him from out of the air. Perhaps it was a demon. Novice master Brother Nhumrod was hot on the subject of demons. Impure thoughts and demons. One led to the other. Brutha was uncomfortably aware that he was probably overdue a demon.

The thing to do was to be resolute and repeat the Nine Fundamental Aphorisms.

*Once more the Great God Om spake unto Brutha, the Chosen One:*

“Are you deaf, boy?”

The hoe thudded on to the baking soil. Brutha spun around. There were the bees, the eagle and, at the far end of the garden, old Brother Lu-Tze dreamily forking over the dung heap. The prayer mills whirled reassuringly along the walls.

He made the sign with which the Prophet Ishkible had cast out spirits.

“Get thee behind me, demon,” he muttered.

“I *am* behind you.”

Brutha turned again, slowly. The garden was still empty.

He fled.

Many stories start long before they begin, and Brutha’s story had its origins thousands of years before his birth.

There are billions of gods in the world. They swarm as thick as herring roe. Most of them are too small to see and never get worshiped, at least by anything bigger than bacteria, who never say their prayers and don’t demand much in the way of miracles.

They are the small gods—the spirits of places where two ant trails cross, the gods of microclimates down between the grass roots. And most of them stay that way.

Because what they lack is *belief*.

A handful, though, go on to greater things. Anything may trigger it. A shepherd, seeking a lost lamb, finds it among the briars and takes a minute or two to build a small cairn of stones in general thanks to whatever spirits might be around the place. Or a peculiarly shaped tree

becomes associated with a cure for disease. Or someone carves a spiral on an isolated stone. Because what gods need is belief, and what humans want is gods.

Often it stops there. But sometimes it goes further. More rocks are added, more stones are raised, a temple is built on the site where the tree once stood. The god grows in strength, the belief of its worshipers raising it upwards like a thousand tons of rocket fuel. For a very few, the sky's the limit.

And, sometimes, not even that.

Brother Nhumrod was wrestling with impure thoughts in the privacy of his severe cell when he heard the fervent voice from the novitiates' dormitory.

The Brutha boy was flat on his face in front of a statue of Om in His manifestation as a thunderbolt, shaking and gabbling fragments of prayer.

There was something creepy about that boy, Nhumrod thought. It was the way he looked at you when you were talking, as if he was *listening*.

He wandered out and prodded the prone youth with the end of his cane.

"Get up, boy! What do you think you're doing in the dormitory in the middle of the day? Mmm?"

Brutha managed to spin around while still flat on the floor and grasped the priest's ankles.

"Voice! A voice! It *spoke* to me!" he wailed.

Nhumrod breathed out. Ah. This was familiar ground. Voices were right up Nhumrod's cloister. He heard them all the time.

"Get up, boy," he said, slightly more kindly.

Brutha got to his feet.

He was, as Nhumrod had complained before, too old to be a proper novice. About ten years too old. Give me a boy up to the age of seven, Nhumrod had always said.

But Brutha was going to die a novice. When they made the rules, they'd never allowed for anything like Brutha.

His big red honest face stared up at the novice master.

"Sit down on your bed, Brutha," said Nhumrod.

Brutha obeyed immediately. Brutha did not know the meaning of the word disobedience. It was only one of a large number of words he didn't know the meaning of.

Nhumrod sat down beside him.

"Now, Brutha," he said, "you know what happens to people who tell falsehoods, don't you?"

Brutha nodded, blushing.

“Very well. Now tell me about these voices.”

Brutha twisted the hem of his robe in his hands.

“It was more like one voice, master,” he said.

“—like one voice,” said Brother Nhumrod. “And what did this voice say? Mmm?”

Brutha hesitated. Now he came to think about it, the voice hadn’t *said* anything very much. It had just spoken. It was, in any case, hard to talk to Brother Nhumrod, who had a nervous habit of squinting at the speaker’s lips and repeating the last few words they said practically as they said them. He also touched things all the time—walls, furniture, people—as if he was afraid the universe would disappear if he didn’t keep hold of it. And he had so many nervous tics that they had to queue. Brother Nhumrod was perfectly normal for someone who had survived in the Citadel for fifty years.

“Well . . .” Brutha began.

Brother Nhumrod held up a skinny hand. Brutha could see the pale blue veins in it.

“And I am sure you know that there are *two* kinds of voice that are heard by the spiritual,” said the master of novices. One eyebrow began to twitch.

“Yes, master. Brother Murduck told us that,” said Brutha, meekly.

“—told us that. Yes. Sometimes, as He in His infinite wisdom sees fit, the God speaks to a chosen one and he becomes a great prophet,” said Nhumrod. “Now, I am sure you wouldn’t presume to consider yourself one of them? Mmm?”

“No, master.”

“—master. But there are *other* voices,” said Brother Nhumrod, and now his voice had a slight tremolo, “beguiling and wheedling and persuasive voices, yes? Voices that are always waiting to catch us off our guard?”

Brutha relaxed. This was more familiar ground.

All the novices knew about *those* kinds of voices. Except that usually they talked about fairly straightforward things, like the pleasures of nighttime manipulation and the general desirability of girls. Which showed that they were novices when it came to voices. Brother Nhumrod got the kind of voices that were, by comparison, a full oratorio. Some of the bolder novices liked to get Brother Nhumrod talking on the subject of voices. He was an education, they said. Especially when little bits of white spit appeared at the corners of his mouth.

Brutha listened.

Brother Nhumrod was the novice master, but he wasn’t *the* novice master. He was only master



of the group that included Brutha. There were others. Possibly someone in the Citadel knew how many there were. There was someone somewhere whose job it was to know *everything*.

The Citadel occupied the whole of the heart of the city of Kom, in the lands between the deserts of Klatch and the plains and jungles of Howondaland. It extended for miles, its temples, churches, schools, dormitories, gardens, and towers growing into and around one another in a way that suggested a million termites all trying to build their mounds at the same time.

When the sun rose the reflection of the doors of the central Temple blazed like fire. They were bronze, and a hundred feet tall. On them, in letters of gold set in lead, were the Commandments. There were five hundred and twelve so far, and doubtless the next prophet would add his share.

The sun's reflected glow shone down and across the tens of thousands of the strong-in-faith who labored below for the greater glory of the Great God Om.

Probably no one *did* know how many of them there were. Some things have a way of going critical. Certainly there was only one Cenobiarch, the Superior Iam. That was certain. And six Archpriests. And thirty lesser Iams. And hundreds of bishops, deacons, subdeacons, and priests. And novices like rats in a grain store. And craftsmen, and bull breeders, and torturers, and Vestigial Virgins . . .

No matter what your skills, there was a place for you in the Citadel.

And if your skill lay in asking the wrong kinds of questions or losing the righteous kind of wars, the place might just be the furnaces of purity, or the Quisition's pits of justice.

A place for everyone. And everyone in their place.

The sun beat down on the temple garden.

The Great God Om tried to stay in the shade of a melon vine. He was probably safe here, here inside these walls and with the prayer towers all around, but you couldn't be too careful. He'd been lucky once, but it was asking too much to expect to be lucky again.

The trouble with being a god is that you've got no one to pray to.

He crawled forward purposefully towards the old man shoveling muck until, after much exertion, he judged himself to be within earshot.

He spake thusly: "Hey, you!"

There was no answer. There was not even any suggestion that anything had been heard.

Om lost his temper and turned Lu-Tze into a lowly worm in the deepest cesspit of hell, and then got even more angry when the old man went on peacefully shoveling.

"The devils of infinity fill your living bones with sulphur!" he screamed.

This did not make a great deal of difference.

“Deaf old bugger,” muttered the Great God Om.

Or perhaps there was someone who *did* know all there was to be known about the Citadel. There’s always someone who collects knowledge, not because of a love of the stuff but in the same way that a magpie collects glitter or a caddis fly collects little bits of twigs and rock. And there’s always someone who has to do all those things that need to be done but which other people would rather not do or, even, acknowledge existed.

The third thing the people noticed about Vorbis was his height. He was well over six feet tall, but stick-thin, like a normal proportioned person modeled in clay by a child and then rolled out.

The second thing that people noticed about Vorbis was his eyes. His ancestors had come from one of the deep desert tribes that had evolved the peculiar trait of having dark eyes—not just dark of pupil, but almost black of eyeball. It made it very hard to tell where he was looking. It was as if he had sunglasses on under his skin.

But the first thing they noticed was his skull.

Deacon Vorbis was bald by design. Most of the Church’s ministers, as soon as they were ordained, cultivated long hair and beards that you could lose a goat in. But Vorbis shaved all over. He gleamed. And lack of hair seemed to add to his power. He didn’t menace. He never threatened. He just gave everyone the feeling that his personal space radiated several meters from his body, and that anyone approaching Vorbis was intruding on something important. Superiors fifty years his senior felt apologetic about interrupting whatever it was he was thinking about.

It was almost impossible to know what he was thinking about and no one ever asked. The most obvious reason for this was that Vorbis was the head of the Quisition, whose job it was to do all those things that needed to be done and which other people would rather not do.

You do not ask people like that what they are thinking about in case they turn around very slowly and say “You.”

The highest post that could be held in the Quisition was that of deacon, a rule instituted hundreds of years ago to prevent this branch of the Church becoming too big for its boots.<sup>42</sup> But with a mind like his, everyone said, he could easily be an archpriest by now, or even an Iam.

Vorbis didn’t worry about that kind of trivia. Vorbis knew his destiny. Hadn’t the God

---

<sup>42</sup> Which were of the one-size-fits-all, tighten-the-screws variety.

himself told him?

“There,” said Brother Nhumrod, patting Brutha on the shoulder. “I’m sure you will see things clearer now.”

Brutha felt that a specific reply was expected.

“Yes, master,” he said. “I’m sure I shall.”

“—shall. It is your holy duty to resist the voices at all times,” said Nhumrod, still patting.

“Yes, master. I will. Especially if they tell me to do any of the things you mentioned.”

“—mentioned. Good. Good. And if you hear them again, what will you do? Mmm?”

“Come and tell you,” said Brutha, dutifully.

“—tell you. Good. Good. That’s what I like to hear,” said Nhumrod. “That’s what I tell all my boys. Remember that I’m always here to deal with any little problems that may be bothering you.”

“Yes, master. Shall I go back to the garden now?”

“—now. I think so. I think so. And no more voices, d’you hear?” Nhumrod waved a finger of his non-patting hand. A cheek puckered.

“Yes, master.”

“What were you doing in the garden?”

“Hoeing the melons, master,” said Brutha.

“Melons? Ah. Melons,” said Nhumrod slowly.

“Melons. Melons. Well, that goes some way toward explaining things, of course.”

An eyelid flickered madly.

It wasn’t just the Great God that spoke to Vorbis, in the confines of his head. *Everyone* spoke to an exquistor, sooner or later. It was just a matter of stamina.

Vorbis didn’t often go down to watch the inquisitors at work these days. Exquistors didn’t have to. He sent down instructions, he received reports. But special circumstances merited his special attention.

It has to be said . . . there was little to laugh at in the cellar of the Quisition. Not if you had a normal sense of humor. There were no jolly little signs saying: You Don’t Have To Be Pitilessly Sadistic To Work Here But It Helps!!!

But there were things to suggest to a thinking man that the Creator of mankind had a very oblique sense of fun indeed, and to breed in his heart a rage to storm the gates of heaven.

The mugs, for example. The inquisitors stopped work twice a day for coffee. Their mugs,

which each man had brought from home, were grouped around the kettle on the hearth of the central furnace which incidentally heated the irons and knives.

They had legends on them like *A Present From the Holy Grotto of Ossory*, or *To The World's Greatest Daddy*. Most of them were chipped, and no two of them were the same.

And there were the postcards on the wall. It was traditional that, when an inquisitor went on holiday, he'd send back a crudely colored woodcut of the local view with some suitably jolly and risqué message on the back. And there was the pinned-up tearful letter from Inquisitor First Class Ishmale "Pop" Quoom, thanking all the lads for collecting no fewer than seventy-eight *obols* for his retirement present and the lovely bunch of flowers for Mrs. Quoom, indicating that he'd always remember his days in No. 3 pit, and was looking forward to coming in and helping out any time they were shorthanded.

And it all meant this: that there are hardly any excesses of the most crazed psychopath that cannot easily be duplicated by a normal, kindly family man who just comes in to work every day and has a job to do.

Vorbis loved knowing that. A man who knew that, knew everything he needed to know about people.

Currently he was sitting alongside the bench on which lay what was still, technically, the trembling body of Brother Sasho, formerly his secretary.

He looked up at the duty inquisitor, who nodded. Vorbis leaned over the chained secretary.

"What were their names?" he repeated.

". . . don't know . . ."

"I know you gave them copies of my correspondence, Sasho. They are treacherous heretics who will spend eternity in the hells. Will you join them?"

". . . don't know names . . ."

"I trusted you, Sasho. You spied on me. You betrayed the Church."

". . . no names . . ."

"Truth is surcease from pain, Sasho. Tell me."

". . . truth . . ."

Vorbis sighed. And then he saw one of Sasho's fingers curling and uncurling under the manacles. Beckoning.

"Yes?"

He leaned closer over the body.

Sasho opened his one remaining eye.

". . . truth . . ."

“Yes?”

“ . . . The Turtle Moves . . . ”

Vorbis sat back, his expression unchanged. His expression seldom changed unless he wanted it to. The inquisitor watched him in terror.

“I see,” said Vorbis. He stood up, and nodded at the inquisitor.

“How long has he been down here?”

“Two days, lord.”

“And you can keep him alive for—?”

“Perhaps two days more, lord.”

“Do so. Do so. It is, after all,” said Vorbis, “our duty to preserve life for as long as possible. Is it not?”

The inquisitor gave him the nervous smile of one in the presence of a superior whose merest word could see him manacled on a bench.

“Er . . . yes, lord.”

“Heresy and lies everywhere,” Vorbis sighed. “And now I shall have to find another secretary. It is too vexing.”

After twenty minutes Brutha relaxed. The siren voices of sensuous evil seemed to have gone away.

He got on with the melons. He felt capable of understanding melons. Melons seemed a lot more comprehensible than most things.

“Hey, you!”

Brutha straightened up.

“I do not hear you, oh foul succubus,” he said.

“Oh yes you do, boy. Now, what I want you to do is—”

“I’ve got my fingers in my ears!”

“Suits you. Suits you. Makes you look like a vase. Now—”

“I’m humming a tune! I’m humming a tune!”

Brother Preptil, the master of the music, had described Brutha’s voice as putting him in mind of a disappointed vulture arriving too late at the dead donkey. Choral singing was compulsory for novitiates, but after much petitioning by Brother Preptil a special dispensation had been made for Brutha. The sight of his big round face screwed up in the effort to please was bad enough, but what was worse was listening to his voice, which was certainly powerful and full of intent conviction, swinging backward and forward across the tune without ever quite

hitting it.

He got Extra Melons instead.

Up in the prayer towers a flock of crows took off in a hurry.

After a full chorus of *He is Trampling the Unrighteous with Hooves of Hot Iron* Brutha unplugged his ears and risked a quick listen.

Apart from the distant protests of the crows, there was silence.

It worked. Put your trust in the God, they said. And he always had. As far back as he could remember.

He picked up his hoe and turned back, in relief, to the vines.

The hoe's blade was about to hit the ground when Brutha saw the tortoise.

It was small and basically yellow and covered with dust. Its shell was badly chipped. It had one beady eye—the other had fallen to one of the thousands of dangers that attend any slow-moving creature which lives an inch from the ground.

He looked around. The gardens were well inside the temple complex, and surrounded by high walls.

“How did you get in here, little creature?” he said. “Did you fly?”

The tortoise stared monoptically at him. Brutha felt a bit homesick. There had been plenty of tortoises in the sandy hills back home.

“I could give you some lettuce,” said Brutha. “But I don't think tortoises are allowed in the gardens. Aren't you vermin?”

The tortoise continued to stare. Practically nothing can stare like a tortoise.

Brutha felt obliged to do something.

“There's grapes,” he said. “Probably it's not sinful to give you one grape. How would you like a grape, little tortoise?”

“How would you like to be an abomination in the nethermost pit of chaos?” said the tortoise.

The crows, who had fled to the outer walls, took off again to a rendering of *The Way of the Infidel Is A Nest Of Thorns*.

Brutha opened his eyes and took his fingers out of his ears again.

The tortoise said, “I'm still here.”

Brutha hesitated. It dawned on him, very slowly, that demons and succubi didn't turn up looking like small old tortoises. There wouldn't be much point. Even Brother Nhumrod would have to agree that when it came to rampant eroticism, you could do a lot better than a one-eyed tortoise.

“I didn't know tortoises could talk,” he said.

“They can’t,” said the tortoise. “Read my lips.”

Brutha looked closer.

“You haven’t got lips,” he said.

“No, nor proper vocal cords,” agreed the tortoise. “I’m doing it straight into your head, do you understand?”

“Gosh!”

“You *do* understand, don’t you?”

“No.”

The tortoise rolled its eye.

“I should have known. Well, it doesn’t matter. I don’t have to waste time on gardeners. Go and fetch the top man, right now.”

“Top man?” said Brutha. He put his hand to his mouth. “You don’t mean . . . Brother Nhumrod?”

“Who’s he?” said the tortoise.

“The master of the novices!”

“Oh, *Me!*” said the tortoise. “No,” it went on, in a singsong imitation of Brutha’s voice, “I don’t mean the master of the novices. I mean the High Priest or whatever he calls himself. I suppose there *is* one?”

Brutha nodded blankly.

“High Priest, right?” said the tortoise. “High. Priest. High Priest.”

Brutha nodded again. He knew there was a High Priest. It was just that, while he could just about encompass the hierarchical structure between his own self and Brother Nhumrod, he was unable to give serious consideration to any kind of link between Brutha the novice and the Cenobiarch. He was theoretically aware that there was one, that there was a huge canonical structure with the High Priest at the top and Brutha very firmly at the bottom, but he viewed it in the same way as an amoeba might view the chain of evolution all the way between itself and, for example, a chartered accountant. It was missing links all the way to the top.

“I can’t go asking the—” Brutha hesitated. Even the *thought* of talking to the Cenobiarch frightened him into silence. “I can’t ask *anyone* to ask the High Cenobiarch to come and talk to a *tortoise!*”

“Turn into a mud leech and wither in the fires of retribution!” screamed the tortoise.

“There’s no need to curse,” said Brutha.

The tortoise bounced up and down furiously.

“That wasn’t a curse! That was an order! I am the Great God Om!”

Brutha blinked.

Then he said, “No you’re not. I’ve seen the Great God Om,” he waved a hand making the shape of the holy horns, conscientiously, “and he isn’t tortoise-shaped. He comes as an eagle, or a lion, or a mighty bull. There’s a statue in the Great Temple. It’s seven cubits high. It’s got bronze on it and everything. It’s trampling infidels. You can’t trample infidels when you’re a tortoise. I mean, all you could do is give them a meaningful look. It’s got horns of real gold. Where I used to live there was a statue one cubit high in the next village and that was a bull too. So that’s how I know you’re not the Great God”—holy horns—“Om.”

The tortoise subsided.

“How many talking tortoises have you met?” it said sarcastically.

“I don’t know,” said Brutha.

“What d’you mean, you don’t know?”

“Well, they might all talk,” said Brutha conscientiously, demonstrating the very personal kind of logic that got him Extra Melons. “They just might not say anything when I’m there.”

“I am the Great God Om,” said the tortoise, in a menacing and unavoidably low voice, “and before very long you are going to be a very unfortunate priest. Go and get him.”

“Novice,” said Brutha.

“What?”

“Novice, not priest. They won’t let me—”

“Get him!”

“But I don’t think the Cenobiarch ever comes into our vegetable garden,” said Brutha. “I don’t think he even knows what a melon *is*.”

“I’m not bothered about that,” said the tortoise. “Fetch him now, or there will be a shaking of the earth, the moon will be as blood, agues and boils will afflict mankind and diverse ills will befall. I really mean it,” it added.

“I’ll see what I can do,” said Brutha, backing away.

“And I’m being very reasonable, in the circumstances!” the tortoise shouted after him.

“You don’t sing badly, mind you!” it added, as an afterthought.

“I’ve heard worse!” as Brutha’s grubby robe disappeared through the gateway.

“Puts me in mind of that time there was the affliction of plague in Pseudopolis,” it said quietly, as the footsteps faded. “What a wailing and a gnashing of teeth was there, all right.” It sighed. “Great days. Great days!”

Many feel they are called to the priesthood, but what they really hear is an inner voice saying,



“It’s indoor work with no heavy lifting, do you want to be a plowman like your father?”

Whereas Brutha didn’t just believe. He really Believed. That sort of thing is usually embarrassing when it happens in a God-fearing family, but all Brutha had was his grandmother, and she Believed too. She believed like iron believes in metal. She was the kind of woman every priest dreads in a congregation, the one who knows all the chants, all the sermons. In the Omnian Church women were allowed in the temple only on sufferance, and had to keep absolutely silent and well covered-up in their own section behind the pulpit in case the sight of one half of the human race caused the male members of the congregation to hear voices not unakin to those that plagued Brother Nhumrod through every sleeping and waking hour. The problem was that Brutha’s grand- mother had the kind of personality that can project itself through a lead sheet and a bitter piety with the strength of a diamond-bit auger.

If she had been born a man, Omnianism would have found its 8th Prophet rather earlier than expected. As it was, she organized the temple-cleaning, statue-polishing, and stoning-of-suspected-adulteresses rotas with a terrible efficiency.

So Brutha grew up in the sure and certain knowledge of the Great God Om. Brutha grew up *knowing* that Om’s eyes were on him all the time, especially in places like the privy, and that demons assailed him on all sides and were only kept at bay by the strength of his belief and the weight of grandmother’s cane, which was kept behind the door on those rare occasions when it was not being used. He could recite every verse in all seven Books of the Prophets, and every single Precept. He knew all the Laws and the Songs. Especially the Laws.

The Omnians were a God-fearing people.

They had a great deal to fear.

Vorbis’s room was in the upper Citadel, which was un-usual for a mere deacon. He hadn’t asked for it. He seldom had to ask for anything. Destiny has a way of marking her own.

He also got visited by some of the most powerful men in the Church’s hierarchy.

Not, of course, the six Archpriests or the Cenobiarch himself. They weren’t that important. They were merely at the top. The people who really run organizations are usually found several levels down, where it’s still possible to get things done.

People liked to be friends with Vorbis, mainly because of the aforesaid mental field which suggested to them, in the subtlest of ways, that they didn’t want to be his enemy.

Two of them were sitting down with him now. They were General Iam Fri’it, who whatever the official records might suggest was the man who ran most of the Divine Legion, and Bishop Drunah, secretary to the Congress of Iams. People might not think that was much of a position

of power, but then they'd never been minutes secretary to a meeting of slightly deaf old men.

Neither man was in fact there. They were not talking to Vorbis. It was one of *those* kinds of meeting. Lots of people didn't talk to Vorbis, and went out of their way to not have meetings with him. Some of the abbots from the distant monasteries had recently been summoned to the Citadel, traveling secretly for up to a week across tortuous terrain, just so they definitely wouldn't join the shadowy figures visiting Vorbis's room. In the last few months, Vorbis had apparently had about as many visitors as the Man in the Iron Mask.

Nor were they talking. But if they *had* been there, and if they *had* been having a conversation, it would have gone like this:

"And now," said Vorbis, "the matter of Ephebe."

Bishop Drunah shrugged.<sup>43</sup>

"Of no consequence, they say. No threat."

The two men looked at Vorbis, a man who never raised his voice. It was very hard to tell what Vorbis was thinking, often even after he had told you.

"Really? Is this what we've come to?" he said. "No *threat*? After what they did to poor Brother Murduck? The insults to Om? This must not pass. What is proposed to be done?"

"No more fighting," said Fri'it. "They fight like madmen. No. We've lost too many already."

"They have strong gods," said Drunah.

"They have better bows," said Fri'it.

"There is no God but Om," said Vorbis. "What the Ephebians believe they worship are nothing but djinns and demons. If it can be called worship. Have you seen this?"

He pushed forward a scroll of paper.

"What is it?" said Fri'it cautiously.

"A lie. A history that does not exist and never existed . . . the . . . the things . . ." Vorbis hesitated, trying to remember a word that had long since fallen into disuse, ". . . like the . . . tales told to children, who are too young . . . words for people to say . . . the . . ."

"Oh. A play," said Fri'it. Vorbis's gaze nailed him to the wall.

"You know of these things?"

"I—when I traveled in Klatch once—" Fri'it stuttered. He visibly pulled himself together. He had commanded one hundred thousand men in battle. He didn't deserve this.

He found he didn't dare look at Vorbis's expression.

---

<sup>43</sup> Or would have done. If he had been there. But he wasn't. So he couldn't.

“They dance dances,” he said limply. “On their holy days. The women have bells on their . . . And sing songs. All about the early days of the worlds, when the gods—”

He faded. “It was disgusting,” he said. He clicked his knuckles, a habit of his whenever he was worried.

“*This* one has their gods in it,” said Vorbis. “*Men in masks*. Can you believe that? They have a god of *wine*. A drunken old man! And people say Ephebe is no threat! And this—”

He tossed another, thicker scroll on to the table.

“*This* is far worse. For while they worship false gods in error, their error is in their choice of gods, not in their worship. But this—”

Drunah gave it a cautious examination.

“I believe there are other copies, even in the Citadel,” said Vorbis. “This one belonged to Sasho. I believe you recommended him to my service, Fri’it?”

“He always struck me as an intelligent and keen young man,” said the general.

“But disloyal,” said Vorbis, “and now receiving his just reward. It is only to be regretted that he has not been induced to give us the names of his fellow heretics.”

Fri’it fought against the sudden rush of relief. His eyes met those of Vorbis.

Drunah broke the silence.

“*De Chelonian Mobile*,” he said aloud.

“‘The Turtle Moves.’ What does that mean?”

“Even telling you could put your soul at risk of a thousand years in hell,” said Vorbis. His eyes had not left Fri’it, who was now staring fixedly at the wall.

“I think it is a risk we might carefully take,” said Drunah.

Vorbis shrugged. “The writer claims that the world . . . travels through the void on the back of four huge elephants,” he said.

Drunah’s mouth dropped open.

“On the back?” he said.

“It is claimed,” said Vorbis, still watching Fri’it.

“What do they stand on?”

“The writer says they stand on the shell of an enormous turtle,” said Vorbis.

Drunah grinned nervously.

“And what does that stand on?” he said.

“I see no point in speculating as to what it stands on,” snapped Vorbis, “since it does not exist!”

“Of course, of course,” said Drunah quickly. “It was only idle curiosity.”

“Most curiosity is,” said Vorbis. “It leads the mind into speculative ways. Yet the man who wrote this walks around free, in Ephebe, *now*.”

Drunah glanced at the scroll.

“He says here he went on a ship that sailed to an island on the edge and he looked over and—”

“Lies,” said Vorbis evenly. “And it would make no difference even if they were not lies. Truth lies within, not without. In the words of the Great God Om, as delivered through his chosen prophets. Our eyes may deceive us, but our God never will.”

“But—”

Vorbis looked at Fri’it. The general was sweating.

“Yes?” he said.

“Well . . . Ephebe. A place where madmen have mad ideas. Everyone knows that. Maybe the wisest course is leave them to stew in their folly?”

Vorbis shook his head. “Unfortunately, wild and unstable ideas have a disturbing tendency to move around and take hold.”

Fri’it had to admit that this was true. He knew from experience that true and obvious ideas, such as the ineffable wisdom and judgment of the Great God Om, seemed so obscure to many people that you actually had to kill them before they saw the error of their ways, whereas dangerous and nebulous and wrong-headed notions often had such an attraction for some people that they would—he rubbed a scar thoughtfully—hide up in the mountains and throw rocks at you until you starved them out. They’d prefer to die rather than see sense. Fri’it had seen sense at an early age. He’d seen it was sense not to die.

“What do you propose?” he said.

“The Council want to parley with Ephebe,” said Drunah. “You know I have to organize a deputation to leave tomorrow.”

“How many soldiers?” said Vorbis.

“A bodyguard only. We have been guaranteed safe passage, after all,” said Fri’it.

“*We have been guaranteed safe passage*,” said Vorbis. It sounded like a lengthy curse. “And once inside . . .?”

Fri’it wanted to say: I’ve spoken to the commander of the Ephebian garrison, and I think he is a man of honor, although of course he is indeed a despicable infidel and lower than the worms. But it was not the kind of thing he felt it wise to say to Vorbis.

He substituted: “We shall be on our guard.”

“Can we surprise them?”

Fri'it hesitated. "We?" he said.

"I shall lead the party," said Vorbis. There was the briefest exchange of glances between himself and the secretary. "I . . . would like to be away from the Citadel for a while. A change of air. Besides, we should not let the Ephebians think they merit the attentions of a superior member of the Church. I was just musing as to the possibilities, should we be provoked—"

Fri'it's nervous click was like a whip-crack.

"We have given them our word—"

"There is no truce with unbelievers," said Vorbis.

"But there are practical considerations," said Fri'it, as sharply as he dared. "The palace of Ephebe is a labyrinth. I know. There are traps. No one gets in without a guide."

"How does the guide get in?" said Vorbis.

"I assume he guides himself," said the general.

"In my experience there is always another way," said Vorbis. "Into everything, there is always another way. Which the God will show in his own good time, we can be assured of that."

"Certainly matters would be easier if there was a lack of stability in Ephebe," said Drunah. "It does indeed harbor certain . . . elements."

"And it will be the gateway to the whole of the Turnwise coast," said Vorbis.

"Well—"

"The Djel, and then Tsort," said Vorbis.

Drunah tried to avoid seeing Fri'it's expression.

"It is our duty," said Vorbis. "Our holy duty. We must not forget poor Brother Murduck. He was unarmed and alone."

Brutha's huge sandals flip-flopped obediently along the stone-flagged corridor toward Brother Nhumrod's barren cell.

He tried composing messages in his head. Master, there's a tortoise who says—Master, this tortoise wants—Master, guess what, I heard from this tortoise in the melons that—

Brutha would never have dared to think of himself as a prophet, but he had a shrewd idea of the outcome of any interview that began in this way.

Many people assumed that Brutha was an idiot. He looked like one, from his round open face to his splayfeet and knock-ankles. He also had the habit of moving his lips while he thought deeply, as if he was rehearsing every sentence. And this was because that was what he was doing. Thinking was not something that came easily to Brutha. Most people think automatically,

thoughts dancing through their brains like static electricity across a cloud. At least, that's how it seemed to him. Whereas he had to construct thoughts a bit at a time, like someone building a wall. A short lifetime of being laughed at for having a body like a barrel and feet that gave the impression that they were about to set out in opposite directions had given him a strong tendency to think very carefully about anything he said.

Brother Nhumrod was prostrate on the floor in front of a statue of Om Trampling the Ungodly, with his fingers in his ears. The voices were troubling him again.

Brutha coughed. He coughed again.

Brother Nhumrod raised his head.

"Brother Nhumrod?" said Brutha.

"What?"

"Er . . . Brother Nhumrod?"

"What?"

Brother Nhumrod unplugged his ears.

"Yes?" he said testily.

"Um. There's something you ought to see. In the . . . in the garden. Brother Nhumrod?"

The master of novices sat up. Brutha's face was a glowing picture of concern.

"What do you mean?" Brother Nhumrod said.

"In the garden. It's hard to explain. Um. I found out . . . where the voices were coming from, Brother Nhumrod. And you did say to be sure and tell you."

The old priest gave Brutha a sharp look. But if ever there was a person without guile or any kind of subtlety, it was Brutha.

Fear is strange soil. Mainly it grows obedience like corn, which grows in rows and makes weeding easy. But sometimes it grows the potatoes of defiance, which flourish underground.

The Citadel had a lot of underground. There were the pits and tunnels of the Quisition. There were cellars and sewers, forgotten rooms, dead ends, spaces behind ancient walls, even natural caves in the bedrock itself.

This was such a cave. Smoke from the fire in the middle of the floor found its way out through a crack in the roof and, eventually, into the maze of uncountable chimneys and light-wells above.

There were a dozen figures in the dancing shadows. They wore rough hoods over nondescript clothes— crude things made of rags, nothing that couldn't easily be burned after the meeting so that the wandering fingers of the Quisition would find nothing incriminating.

Something about the way most of them moved suggested men who were used to carrying weapons. Here and there, clues. A stance. The turn of a word.

On one wall of the cave there was a drawing. It was vaguely oval, with three little extensions at the top—the middle one slightly the largest of the three—and three at the bottom, the middle one of these slightly longer and more pointed. A child's drawing of a turtle.

"Of course he'll go to Ephebe," said a mask. "He won't dare not to. He'll have to dam the river of truth, at its source."

"We must bail out what we can, then," said another mask.

"We must kill Vorbis!"

"Not in Ephebe. When that happens, it must happen here. So that people will *know*. When we're strong enough."

"Will we ever be strong enough?" said a mask. Its owner clicked his knuckles nervously.

"Even the peasants know there's something wrong. You can't stop the truth. Dam the river of truth? Then there are leaks of great force. Didn't we find out about Murduck? Hah! '*Killed in Ephebe*,' Vorbis said."

"One of us must go to Ephebe and save the Master. If he really exists."

"He exists. His name is on the book."

"Didactylos. A strange name. It means Two-Fingered, you know."

"They must honor him in Ephebe."

"Bring him back here, if possible. And the Book."

One of the masks seemed hesitant. His knuckles clicked again.

"But will people rally behind . . . a book? People need more than a book. They're peasants. They can't read."

"But they can listen!"

"Even so . . . they need to be shown . . . they need a symbol . . ."

"We have one!"

Instinctively, every masked figure turned to look at the drawing on the wall, indistinct in the firelight but graven on their minds. They were looking at the truth, which can often impress.

"The Turtle Moves!"

"The Turtle Moves!"

"The Turtle Moves!" The leader nodded.

"And now," he said, "we will draw lots . . ."

The Great God Om waxed wroth, or at least made a spirited attempt. There is a limit to the

amount of wrath that can be waxed one inch from the ground, but he was right up against it.

He silently cursed a beetle, which is like pouring water onto a pond. It didn't seem to make any difference, any- way. The beetle plodded away.

He cursed a melon unto the eighth generation, but nothing happened. He tried a plague of boils. The melon just sat there, ripening slightly.

Just because he was temporarily embarrassed, the whole world thought it could take advantage. Well, when Om got back to his rightful shape and power, he told himself, Steps would be Taken. The tribes of Beetles and Melons would wish they'd never been created. And something really horrible would happen to all eagles. And . . . and there would be a holy commandment involving the planting of more lettuces . . .

By the time the big boy arrived back with the waxy- skinned man, the Great God Om was in no mood for pleasantries. Besides, from a tortoise-eye viewpoint even the most handsome human is only a pair of feet, a distant pointy head, and, somewhere up there, the wrong end of a pair of nostrils.

“What's this?” he snarled.

“This is Brother Nhumrod,” said Brutha. “Master of the novices. He is very important.”

“Didn't I tell you not to bring me some fat old pederast!” shouted the voice in his head. “Your eyeballs will be spitted on shafts of fire for this!”

Brutha knelt down.

“I can't go to the High Priest,” he said, as patiently as possible. “Novices aren't even allowed in the Great Temple except on special occasions. I'd be Taught the Error of My Ways by the Quisition if I was caught. It's the Law.”

“Stupid fool!” the tortoise shouted.

Nhumrod decided that it was time to speak.

“Novice Brutha,” he said, “for what reason are you talking to a small tortoise?”

“Because—” Brutha paused. “Because it's talking to me . . . isn't it?”

Brother Nhumrod looked down at the small, one-eyed head poking out of the shell.

He was, by and large, a kindly man. Sometimes demons and devils did put disquieting thoughts in his head, but he saw to it that they stayed there and he did not in any literal sense deserve to be called what the tortoise called him which, in fact, if he had heard it, he would have thought was something to do with feet. And he was well aware that it was possible to hear voices attributed to demons and, sometimes, gods. Tortoises was a new one. Tortoises made him feel worried about Brutha, whom he'd always thought of as an amiable lump who did, without any sort of complaint, anything asked of him. Of course, many novices volunteered for



cleaning out the cesspits and bull cages, out of a strange belief that holiness and piety had something to do with being up to your knees in dirt. Brutha never volunteered, but if he was told to do something he did it, not out of any desire to impress, but simply because he'd been told. And now he was talking to tortoises.

"I think I have to tell you, Brutha," he said, "that it is not talking."

"You can't hear it?"

"I cannot hear it, Brutha."

"It told me it was . . ." Brutha hesitated. "It told me it was the Great God."

He flinched. Grandmother would have hit him with something heavy now.

"Ah. Well, you see, Brutha," said Brother Nhumrod, twitching gently, "this sort of thing is not unknown among young men recently Called to the Church. I dare-say you heard the voice of the Great God when you were Called, didn't you? Mmm?"

Metaphor was lost on Brutha. He remembered hearing the voice of his grandmother. He hadn't been Called so much as Sent. But he nodded anyway.

"And in your . . . enthusiasm, it's only natural that you should think you hear the Great God talking to you," Nhumrod went on.

The tortoise bounced up and down.

"Smite you with thunderbolts!" it screamed.

"I find healthy exercise is the thing," said Nhumrod. "And plenty of cold water."

"Writhe on the spikes of damnation!"

Nhumrod reached down and picked up the tortoise, turning it over. Its legs waggled angrily.

"How did it get here, mmm?"

"I don't know, Brother Nhumrod," said Brutha dutifully.

"Your hand to wither and drop off!" screamed the voice in his head.

"There's very good eating on one of these, you know," said the master of novices. He saw the expression on Brutha's face.

"Look at it like this," he said. "Would the Great God Om"—holy horns—"ever manifest Himself in such a lowly creature as this? A bull, yes, of course, an eagle, certainly, and I think on one occasion a swan . . . but a *tortoise*?"

"Your sexual organs to sprout wings and fly away!"

"After all," Nhumrod went on, oblivious to the secret chorus in Brutha's head, "what kind of miracles could a tortoise do? Mmm?"

"Your ankles to be crushed in the jaws of giants!"

"Turn lettuce into gold, perhaps?" said Brother Nhumrod, in the jovial tones of those

blessed with no sense of humor. “Crush ants underfoot? Ahaha.”

“Haha,” said Brutha dutifully.

“I shall take it along to the kitchen, out of your way,” said the master of novices. “They make *excellent* soup. And then you’ll hear no more voices, depend upon it. Fire cures all Follies, yes?”

“*Soup?*”

“Er . . .” said Brutha.

“Your intestines to be wound around a tree until you are sorry!”

Nhumrod looked around the garden. It seemed to be full of melons and pumpkins and cucumbers. He shuddered.

“Lots of cold water, that’s the thing,” he said. “Lots and lots.” He focused on Brutha again. “Mmm?”

He wandered off toward the kitchens.

The Great God Om was upside down in a basket in one of the kitchens, half-buried under a bunch of herbs and some carrots.

An upturned tortoise will try to right itself firstly by sticking out its neck to its fullest extent and trying to use its head as a lever. If this doesn’t work it will wave its legs frantically, in case this will rock it upright.

An upturned tortoise is the ninth most pathetic thing in the entire multiverse.

An upturned tortoise *who knows what’s going to happen to it next* is, well, at least up there at number four.

The quickest way to kill a tortoise for the pot is to plunge it into boiling water.

Kitchens and storerooms and craftsmen’s workshops belonging to the Church’s civilian population honey-combed the Citadel.<sup>44</sup> This was only one of them, a smoky-ceilinged cellar whose focal point was an arched fireplace. Flames roared up the flue. Turnspit dogs trotted in their treadmills. Cleavers rose and fell on the chopping blocks.

Off to one side of the huge hearth, among various other blackened cauldrons, a small pot of water was already beginning to seethe.

“The worms of revenge to eat your blackened nostrils!” screamed Om, twitching his legs violently. The basket rocked.

A hairy hand reached in and removed the herbs.

---

<sup>44</sup> It takes forty men with their feet on the ground to keep one man with his head in the air.

“Hawks to peck your liver!”

A hand reached in again and took the carrots.

“Afflict you with a thousand cuts!”

A hand reached in and took the Great God Om.

“The cannibal fungi of—!”

“Shut up!” hissed Brutha, shoving the tortoise under his robe.

He sidled toward the door, unnoticed in the general culinary chaos.

One of the cooks looked at him and raised an eyebrow.

“Just got to take this back,” Brutha bumbled, bringing out the tortoise and waving it helpfully. “Deacon’s orders.”

The cook scowled, and then shrugged. Novices were regarded by one and all as the lowest form of life, but orders from the hierarchy were to be obeyed without question, unless the questioner wanted to find himself faced with more important questions like whether or not it is possible to go to heaven after being roasted alive.

When they were out in the courtyard Brutha leaned against the wall and breathed out.

“Your eyeballs to—!” the tortoise began.

“One more word,” said Brutha, “and it’s back in the basket.”

The tortoise fell silent.

“As it is, I shall probably get into trouble for missing Comparative Religion with Brother Whelk,” said Brutha. “But the Great God has seen fit to make the poor man shortsighted and he probably won’t notice I’m not there, only if he does I shall have to say what I’ve done because telling lies to a Brother is a sin and the Great God will send me to hell for a million years.”

“In this one case I could be merciful,” said the tortoise. “No more than a thousand years at the outside.”

“My grandmother told me I shall go to hell when I die anyway,” said Brutha, ignoring this. “Being alive is sinful. It stands to reason, because you have to sin every day when you’re alive.”

He looked down at the tortoise.

“I know you’re not the Great God Om”—holy horns—“because if I was to touch the Great God Om”—holy horns—“my hands would burn away. The Great God would never become a tortoise, like Brother Nhumrod said. But it says in the Book of the Prophet Cena that when he was wandering in the desert the spirits of the ground and the air spoke unto him, so I wondered if you were one of those.”

The tortoise gave him a one-eyed stare for a while. Then it said: “Tall fellow? Full beard?”

Eyes wobbling all over the place?”

“What?” said Brutha.

“I think I recall him,” said the tortoise. “Eyes wobbled when he talked. And he talked all the time. To himself. Walked into rocks a lot.”

“He wandered in the wilderness for three months,” said Brutha.

“That explains it, then,” said the tortoise. “There’s not a lot to eat there that isn’t mushrooms.”

“Perhaps you *are* a demon,” said Brutha. “The Septateuch forbids us to have discourse with demons. Yet in resisting demons, says the Prophet Fruni, we may grow strong in faith—”

“Your teeth to abscess with red-hot heat!”

“Pardon?”

“I swear to *me* that I am the Great God Om, greatest of gods!”

Brutha tapped the tortoise on the shell.

“Let me show you something, demon.”

He could feel his faith growing, if he listened hard.

## APÊNDICE II – TRADUÇÃO PROPOSTA

Considere agora o jabuti e a águia.

O jabuti é uma criatura que vive no solo. É impossível viver mais perto do solo sem estar debaixo dele. Seus horizontes estão a poucos centímetros de distância. É tão rápido quanto necessário para caçar um pé de alface. Sobreviveu enquanto o resto da evolução passou por ele por ser, de modo geral, inofensivo e muito difícil de se comer.

E então há a águia. Uma criatura do ar e de lugares altos, cujos horizontes se estendem até o fim do mundo. Visão aguçada o suficiente para detectar o farfalhar de uma criatura pequena e esganiçante a um quilômetro de distância. Sinônimo de poder e controle. Morte instantânea alada. Garras o suficiente para fazer uma refeição de qualquer coisa menor do que ela própria e, pelo menos, tirar um lanchinho rápido de qualquer coisa maior. E ainda sim, a águia é capaz de se sentar, durante horas, em um penhasco e observar os reinos do mundo até detectar um movimento distante, e então focar, focar, *focar* no pequeno casco bambeando por entre os arbustos lá embaixo no deserto. E então, ela *se lança*...

E, um minuto depois, o jabuti percebe o mundo se afastando. E o vê pela primeira vez, não mais a alguns centímetros do chão, mas cem metros acima dele, e pensa: que grande amiga é a águia.

E então a águia o solta.

E quase sempre o jabuti mergulha em direção a sua morte. Todos sabem por que ele faz isso. A gravidade é um hábito difícil de se largar. Ninguém sabe por que a águia faz isso. Jabutis são bons de comer, mas, considerando o esforço envolvido, praticamente qualquer outra coisa é melhor. É simplesmente um deleite para as águias atormentar jabutis.

Mas, é claro, o que a águia não percebe é que está participando de uma forma bem primitiva de seleção natural.

Um dia, um jabuti vai aprender a voar.

A história se passa em terras desérticas, em tons de marrom e laranja. Quando ela começa e termina é mais problemático, mas, pelo menos um de seus começos se deu acima da linha de neve, a milhares de quilômetros de distância nas montanhas ao redor do Centro.<sup>45</sup>

Uma das perguntas filosóficas mais recorrentes é: “Uma árvore caindo na floresta produz algum som quando não há ninguém lá para ouvi-la cair?”

---

<sup>45</sup> Ou, se você for um fiel do Omnianismo, do Polo.

O que já diz algo sobre a natureza dos filósofos, porque há sempre alguém em uma floresta. Pode ser apenas um texugo, se perguntando o que foi aquele barulho de algo se rompendo, ou um esquilo um pouco intrigado com o fato de a paisagem estar subindo, mas *alguém*. No pior dos casos, se isso acontecesse fundo o suficiente na floresta, milhões de pequenos deuses ouviriam.

As coisas simplesmente acontecem, uma após a outra. Elas não ligam para quem sabe a respeito delas. Mas a *história*... ah, a história é diferente. A história precisa ser observada. Do contrário não é história. É só... bem, coisas acontecendo uma após a outra.

E, claro, ela precisa ser controlada. Senão pode se tornar qualquer coisa. Porque a história, ao contrário das teorias populares, *é sim* um monte de reis, datas e batalhas. E essas coisas devem acontecer na hora certa. Isso é difícil. Em um universo caótico muitas coisas podem dar errado. É bem fácil que o cavalo de um general perca uma ferradura na hora errada, ou que alguém não escute uma ordem direito, ou que o mensageiro vital seja emboscado por uns homens com paus e um problema de fluxo de caixa. Há ainda os relatos exagerados/histórias de pescador, parasitas na árvore da história, tentando dobrá-la a sua vontade.

Por conta disso, a história tem seus cuidadores.

Eles vivem... bem, naturalmente eles vivem onde quer que sejam mandados, mas seu lar *espiritual* se encontra em um vale escondido nas grandes Ramtops de Discworld, onde os livros da história são guardados.

Esses não são livros em que acontecimentos passados são pregados como borboletas em uma cortiça. São os livros dos quais a história é derivada. Há mais de vinte mil deles; cada um com três metros de comprimento, encadernação em chumbo e letras tão pequenas que precisam ser lidas com uma lupa.

Quando as pessoas dizem “Está escrito...” está escrito *aqui*.

Existem menos metáforas por aí do que as pessoas pensam.

Todo mês, o abade e dois monges anciãos entram na caverna onde os livros são mantidos. Isso costumava ser o dever apenas do abade, mas dois outros monges de confiança foram incluídos depois do lamentável caso do 59º Abade, que juntou um milhão de dólares em pequenas apostas antes que seus companheiros o apanhassem.

Além disso, é perigoso entrar lá sozinho. A pura concentração da História, respingando silenciosamente sobre o mundo, pode ser arrebatadora. O tempo é como uma droga. Em excesso, pode matar.

O 493º Abade cruzou as mãos enrugadas e se dirigiu a Lu-Tze, um de seus mais antigos monges. O ar puro e a vida despreocupada do vale secreto eram tais que todos os monges eram

anciãos; além disso, quando se trabalha com o Tempo todos os dias, parte dele tende a te contaminar.

– O lugar é Omnia, – falou o abade – na costa klatchiana.

– Eu me lembro – disse Lu Tze. – Havia um jovem chamado Ossory, não é?

– As coisas devem ser... *cuidadosamente observadas* – disse o abade. – Há pressões.

Livre arbítrio, predestinação... o poder dos símbolos... momento decisivo... você sabe tudo sobre isso.

– Não vou à Omnia há mais de, ah, uns setecentos anos – afirmou Lu Tze. – Lugar seco. Acredito que não haja uma tonelada de solo bom em todo o país, também.

– Pode ir, então – falou o abade.

– Levarei minhas montanhas – disse Lu Tze. – O clima fará bem a elas.

E também levou sua vassoura e sua esteira de dormir. Os monges da história não ligam muito para bens materiais. Eles percebem que quase tudo se desgasta em um século ou dois.

Ele levou quatro anos para chegar à Omnia. Teve que presenciar umas duas batalhas e um assassinato no caminho, caso contrário eles teriam sido apenas eventos aleatórios.

Era o Ano da Serpente Conjectural, ou duzentos anos depois da Declaração do Profeta Abbys.

O que queria dizer que a era do 8º Profeta era iminente.

Esse era um aspecto da Igreja do Grande Deus Om em que se podia confiar. Ela tinha profetas bem pontuais. Era possível ajustar seu calendário de acordo com eles, se houvesse um grande o bastante.

E, como é geralmente o caso quando um profeta é esperado, a Igreja redobrou seus esforços para ser sacra. Isso é bem parecido com o alvoroço que as pessoas sentem com qualquer grande questão em que auditores estão envolvidos, mas consistia em prender pessoas suspeitas de serem menos sacras e executá-las de centenas de maneiras engenhosas. O que é considerado um barômetro confiável do estado de devoção de alguém, na maior parte das religiões realmente populares. Há uma propensão em se declarar que estão ocorrendo mais escorregadas do que em um campeonato nacional de tobogã, que a heresia deve ser arrancada pela raiz — e até pelos braços, pernas, olhos e línguas — e que é hora de limpar o histórico e começar do zero. Sangue é geralmente considerado bastante eficiente para essa finalidade.

*E veio a acontecer que, naquele momento, o Grande Deus Om proferiu a Brutha, o Escolhido:*

– Psst!

Brutha freou a descida de sua enxada e olhou ao redor da horta do Templo.

– Perdão? – ele disse.

Era um belo dia no início da Primavera menor. Os moinhos de oração giravam alegremente com a brisa das montanhas. Abelhas vagueavam pelos brotos de feijão, mas zumbiam rapidamente para dar a impressão de que trabalhavam duro. Lá no alto, uma águia solitária voava em círculos.

Brutha deu de ombros e voltou para os melões.

*Sim, o Grande Deus Om proferiu novamente a Brutha, o Escolhido:*

– Psst!

Brutha hesitou. Alguém definitivamente havia falado com ele, uma voz vinda do nada. Talvez fosse um demônio. O Irmão Nhumrod, Mestre dos Noviços, sempre falava sobre demônios. Pensamentos impuros e demônios. Um levava ao outro. Brutha estava desconfortavelmente ciente de que provavelmente já havia passado da hora de ser visitado por um demônio.

A coisa a se fazer era ser resoluto e repetir os Nove Aforismos Fundamentais.

*Uma vez mais o Grande Deus Om proferiu a Brutha, o Escolhido:*

– Você é surdo, garoto?

A enxada caiu no solo escaldante com um baque surdo. Brutha se virou. Lá estavam as abelhas, a águia e, no fundo da horta, o velho Irmão Lu-Tze, com um ar sonhador, remexendo uma pilha de esterco, com um forcado. Os moinhos de oração rodopiavam, tranquilizantes, ao longo das paredes.

Ele fez o sinal com o qual o Profeta Ishkible havia afastado espíritos.

– Põe-te atrás de mim, demônio – ele murmurou.

– Eu *estou* atrás de você.

Brutha se virou novamente, devagar. A horta continuava vazia.

Ele correu.

Muitas histórias se iniciam muito antes de começarem, e a história de Brutha tem origem milhares de anos antes de seu nascimento.

Há bilhões de deuses no mundo. Um enxame tão denso quanto ovas de arenque. A maioria deles é pequena demais para ver e nunca é adorada, pelo menos por qualquer coisa maior que bactérias, que nunca fazem orações e não demandam muito no quesito milagres.

São os pequenos deuses – os espíritos de lugares em que dois caminhos de formiga se encontram, os deuses dos microclimas entre raízes de grama. E a maior parte deles continua assim.



Porque o que lhes falta é *crença*.

Um punhado deles, no entanto, consegue coisa melhor. Qualquer coisa pode provocar isso. Um pastor, procurando um cordeiro perdido, o encontra entre as sarças e poupa um minuto ou dois para construir um pequeno monte de pedras em agradecimento geral a qualquer espírito que esteja presente no local. Ou uma árvore de formato peculiar é associada a uma cura para doenças. Ou alguém carva uma espiral em uma rocha isolada. Porque a crença é o que deuses precisam, e o que os humanos querem são deuses.

Geralmente a coisa para por aí. Mas algumas vezes isso vai além. Mais pedras são adicionadas, mais rochas são levantadas, um templo é construído no lugar em que a árvore uma vez esteve. A força do deus cresce, a crença de seus fiéis a elevando como mil toneladas de combustível de foguete. Para alguns poucos, o céu é o limite.

E, algumas vezes, nem mesmo isso.

Irmão Nhumrod estava lutando contra pensamentos impuros na privacidade de sua austera cela quando ouviu a voz fervorosa vindo do dormitório do noviciado.

O garoto Brutha estava estatelado no chão em frente a uma estátua de Om em Sua manifestação como um raio, tremendo e tagarelando fragmentos de oração.

Havia algo de arrepiante a respeito daquele garoto, Nhumrod pensou. Era o jeito como ele olhava para as pessoas enquanto elas falavam, como se estivesse *ouvindo*.

Ele vagou ao seu redor e então cutucou o jovem prostrado com a ponta de sua bengala.

– Levante-se, garoto! O que pensa que está fazendo no dormitório no meio do dia?

Mmm?

Brutha deu um jeito de se virar enquanto ainda estava de braços no chão e agarrou os tornozelos do sacerdote.

– Voz! Uma voz! Ela *falou* comigo! – ele gemeu.

Nhumrod soltou o fôlego. Ah. Isso era território familiar. Vozes eram o forte de Nhumrod. Ele as ouvia o tempo todo.

– Levante-se, garoto – ele disse, ligeiramente mais gentil.

Brutha ficou de pé.

Ele era, como Nhumrod já havia reclamado antes, velho demais para ser um noviço adequado. Uns dez anos mais velho. Entreguem-me garotos de até sete anos, Nhumrod sempre dizia.

Mas Brutha iria morrer um noviço. Quando fizeram as regras, nunca permitiram nada parecido com Brutha.

Sua cara grande, vermelha e honesta encarava o mestre dos noviços.

– Sente-se em sua cama, Brutha – falou Nhumrod.

Brutha obedeceu imediatamente. Brutha não conhecia o significado da palavra desobediência. Essa era apenas uma do grande número de palavras cujo significado ele não conhecia.

Nhumrod se sentou ao seu lado.

– Então, Brutha, – ele disse – você sabe o que acontece com as pessoas que dizem falsidades, não sabe?

Brutha assentiu, corando.

– Muito bem. Agora me conte sobre as vozes.

Brutha torceu a bainha de seu manto em suas mãos.

– Foi mais como uma voz só, mestre – ele afirmou.

– ... como uma voz só – falou Irmão Nhumrod. – E o que disse essa voz? Hum?

Brutha hesitou. Parando para pensar, a voz não havia *dito* muita coisa. Ela só havia falado. De qualquer forma, era difícil conversar com o Irmão Nhumrod, que tinha o hábito nervoso de semicerrar os olhos, encarando os lábios de quem quer que estivesse falando, e repetir suas últimas palavras praticamente ao mesmo tempo em que eram ditas. Ele também tocava nas coisas o tempo todo – paredes, móveis, pessoas – como se tivesse medo de que o universo desaparecesse se ele não o segurasse. E tinha tantos tiques nervosos que eles faziam fila. Irmão Nhumrod era perfeitamente normal para alguém que sobrevivera na Cidadela por cinquenta anos.

– Bem... – Brutha começou.

Irmão Nhumrod levantou uma mão magra. Brutha conseguia ver suas pálidas veias azuis nela.

– E eu tenho certeza que você sabe que existem *dois* tipos de vozes que são ouvidas pelos espirituais – disse o mestre dos noviços. Uma sobancelha começou a tremer.

– Sim, mestre. Irmão Murduck nos contou sobre isso – respondeu docilmente Brutha.

– ... nos contou sobre isso. Sim. Ocasionalmente, quando Ele em Sua infinita sabedoria considera apropriado, o Deus fala com um escolhido e ele se torna um grande profeta – disse Nhumrod. – Agora, estou certo de que você não se atreveria a se considerar um deles? Hum?

– Não, mestre.

– ... mestre. Mas existem *outras* vozes – falou Irmão Nhumrod, e agora sua voz exibia um ligeiro tremolo – sedutoras, bajuladoras e persuasivas, sim? Vozes que estão sempre esperando para nos pegar com a guarda baixa?

Brutha relaxou. Isso era um território mais familiar.

Todos os noviços sabiam a respeito *desses* tipos de vozes. Exceto que normalmente elas falavam sobre coisas bastante simples, como os prazeres da manipulação noturna e a deseabilidade geral das garotas. O que mostrava que eles eram noviços ao se tratar de vozes. Irmão Nhumrod ouvia o tipo de vozes que eram, em comparação, um oratório completo. Alguns dos noviços mais ousados gostavam de fazê-lo falar sobre isso. Era educativo, eles diziam. Especialmente quando pequenas gotas de saliva branca apareciam nos cantos de sua boca.

Brutha escutava.

Irmão Nhumrod era o mestre dos noviços, mas não era *o* mestre dos noviços. Ele era apenas mestre do grupo que incluía Brutha. Havia outros. Possivelmente alguém na Cidadela sabia quantos. Existia alguém em algum lugar cujo trabalho era saber de *tudo*.

A Cidadela ocupava todo o coração da cidade de Kom, nas terras entre os desertos de Klatch e as planícies e selvas de Howodaland. Ela se estendia por quilômetros, seus templos, igrejas, escolas, dormitórios, jardins e torres cresciam por dentro e em volta uns dos outros de um jeito que lembrava um milhão de cupins tentando construir seus montes ao mesmo tempo.

Quando o sol nascia, o reflexo das portas do Templo central ardia como fogo. Elas eram de bronze e tinham trinta metros de altura. Nelas, em letras de ouro encravadas em chumbo, estavam os Mandamentos. Eles eram quinhentos e doze até agora e, sem dúvida, o próximo profeta acrescentaria mais alguns.

O brilho refletido do sol reluzia sobre e através das dezenas de milhares de devotos que abaixo trabalhavam para a glória divina do Grande Deus Om.

Provavelmente, ninguém *realmente* sabia quantos deles havia. Algumas coisas têm seu jeito próprio de atingir um nível crítico. Certamente havia apenas um Cenobiarca, o Sou Superior. Isso era certo. E seis Arciprestes. E trinta Sous inferiores. E centenas de bispos, diáconos, subdiáconos e sacerdotes. E tantos noviços quanto ratos em um armazém de grãos. E artesãos, e criadores de touros, e torturadores, e Virgens Vestigiais. . .

Não importava a habilidade, haveria um lugar para ela na Cidadela.

E se sua habilidade fosse fazer o tipo errado de perguntas ou perder o tipo justificado de guerras, esse lugar poderia ser simplesmente as fornalhas da pureza, ou os poços de justiça da Quisição.

Um lugar para todos. E todos em seu lugar.

O sol assolava a horta do templo.

O Grande Deus Om tentava ficar à sombra de um meloeiro. Ele provavelmente estaria seguro ali, com os muros e as torres de oração à sua volta, mas não custava ser cuidadoso. Ele teve sorte uma vez, mas era pedir demais supor que teria de novo.

O problema em ser um deus é que não há ninguém para quem orar.

Rastejou, determinado, em direção ao velho que empilhava estrume até que, depois de muito esforço, julgou que ele podia ouvi-lo.

Proferiu então:

– Ei, você!

Não houve resposta. Não houve nem mesmo um indício de que tivesse sido ouvido.

Om perdeu a paciência e transformou Lu-Tze em um reles verme na mais profunda fossa do inferno e, então, ficou com ainda mais raiva quando o velho seguiu cavando pacificamente.

– Que os demônios da eternidade preencham seus ossos com enxofre! – ele gritou.

Isso não fez lá muita diferença.

– Velho surdo – resmungou o Grande Deus Om.

Ou talvez existisse alguém que *realmente* soubesse tudo que há para se saber sobre a Cidadela. Há sempre pessoas que acumulam conhecimento, não devido a um amor pela coisa, mas da mesma forma que pega-rabudas acumulam coisas brilhantes ou moscas d'água acumulam pedaços de gravetos e pedras. E há sempre alguém que deve fazer tudo aquilo que precisa ser feito, mas que outras pessoas preferem não fazer ou, nem mesmo, reconhecer que existem.

A terceira coisa que as pessoas notavam em Vorbis era sua altura. Ele tinha bem mais que um metro e oitenta, mas parecia um graveto, como se uma pessoa de proporções normais tivesse sido moldada em argila por uma criança e então esticada.

A segunda coisa que as pessoas notavam em Vorbis era seus olhos. Seus antepassados vieram de uma das tribos dos confins do deserto que desenvolveram o traço peculiar de possuir olhos escuros – não só pupilas escuras, mas globos oculares quase pretos. Isso fazia com que fosse muito difícil dizer para onde ele estava olhando. Era como se usasse óculos escuros por baixo da pele.

Mas a primeira coisa que notavam era seu crânio.

Diacono Vorbis era careca por opção. A maioria dos ministros da Igreja, assim que passava pela ordenação, cultivava cabelos compridos e barbas nas quais era possível se perder uma cabra. Mas Vorbis raspava tudo. Ele cintilava. E a falta de cabelo parecia aumentar seu poder. Ele não intimidava. Ele nunca ameaçava. Ele só dava a todos a sensação de que seu espaço pessoal irradiava até vários metros de seu corpo e que qualquer um que se aproximasse

estava se intrometendo em algo importante. Superiores cinquenta anos mais velhos lamentavam interromper o que quer que ele estivesse pensando.

Era quase impossível saber o que ele estava pensando e ninguém nunca perguntava. A razão mais óbvia do porquê era o fato de Vorbis ser o chefe da Quisição, cujo trabalho era fazer todas as coisas que precisavam ser feitas e que outras pessoas preferiam não fazer.

Não se pergunta a pessoas assim no que elas estão pensando, pois elas podem se virar muito lentamente e dizer: “Em você”.

O posto mais avançado que se podia atingir na Quisição era o de diácono, uma norma instituída há centenas de anos para evitar que esse ramo da Igreja se tornasse grande demais para suas próprias botas.<sup>46</sup> Mas todos diziam que, com uma mente como a dele, ele poderia facilmente ter sido um arcebispo a essa altura, ou até mesmo um Sou.

Vorbis não ligava para tais trivialidades. Vorbis conhecia seu destino. Não havia o próprio Deus já lhe contado?

– Pronto – disse Irmão Nhumrod, dando tapinhas no ombro de Brutha. – Tenho certeza de que verá as coisas mais claramente agora.

Brutha sentiu que uma resposta específica era esperada dele.

– Sim, mestre – ele respondeu. – Tenho certeza de que verei.

– ... verei. É seu dever sagrado resistir às vozes a todo momento – falou Irmão Nhumrod, ainda dando tapinhas.

– Sim, mestre. Resistirei. Especialmente se elas me mandarem fazer qualquer uma das coisas que mencionou.

– ... mencionou. Bom. Bom. E se ouvi-las de novo, o que fará? Hum?

– Contarei a você – disse Brutha obedientemente.

– ... a você. Bom. Bom. É disso que gosto de ouvir – afirmou Nhumrod. – É isso que falo a todos os meus meninos. Lembre-se de que eu estou sempre aqui para lidar com qualquer probleminha que o esteja incomodando.

– Sim, mestre. Devo voltar à horta agora?

– ... agora. Acredito que sim. Acredito que sim. E sem mais vozes, entendido? — Nhumrod acenou com um dedo da mão que não dava tapinhas. Uma das bochechas se contraiu.

– Sim, mestre.

– O que você estava fazendo na horta?

---

<sup>46</sup> Que eram do tipo tamanho único, com parafusos estreitáveis.

– Cuidando dos melões, mestre – disse Brutha.

– Melões? Ah. Melões – falou Nhumrod devagar. – Melões. Melões. Bem, isso explica um pouco as coisas, claro.

Uma pálpebra tremeu loucamente.

Não era apenas o Grande Deus que falava com Vorbis, nos confins de sua cabeça. *Todo mundo* falava com um exquísitor, mais cedo ou mais tarde. Era apenas uma questão de resistência.

Vorbis não costumava descer até os inquisidores para observá-los trabalhar ultimamente. Exquísitores não precisavam fazer isso. Ele mandava instruções, recebia relatórios. Mas circunstâncias especiais mereciam sua atenção especial.

É preciso dizer que... havia poucos motivos para risos, no porão da Quisição. Isso se você tivesse um senso de humor normal. Não havia plaquinhas joviais que diziam: *Você Não Precisa Ser Impiedosamente Sádico Para Trabalhar Aqui, Mas Isso Ajuda!!!*

Mas havia coisas para sugerir a um homem pensante que o Criador da humanidade tinha, realmente, um senso de diversão bastante oblíquo, e para instaurar em seu coração tamanha fúria que o levaria a querer invadir os portões do céu.

As canecas, por exemplo. Os inquisidores faziam duas pausas ao dia para o café. Suas canecas, as quais cada um trouxera de casa, ficavam agrupadas em torno da chaleira no fogão da fornalha central que, a propósito, aquecia os ferros e facas.

Continham inscrições como *Um Presente da Sagrada Gruta de Ossory, ou Para o Melhor Papai do Mundo*. A maioria delas estava lascada e nenhuma era igual a outra.

E havia os cartões-postais na parede. Era uma tradição que, quando um inquisidor saía de férias, ele mandava de volta uma xilogravura toscamente colorida da paisagem local com uma mensagem adequadamente alegre e picante no verso. E havia ainda a chorosa carta do Inquisidor de Primeira Classe Ishmale “Pop” Quoom, agradecendo a todos os rapazes por juntar nada menos que setenta e oito *obols* para seu presente de aposentadoria e pelo adorável buquê para a Sra. Quoom, indicando que ele sempre se lembraria de seus dias no poço N° 3, e que estava ansioso para voltar e ajudar sempre que estivessem desfalcados.

E tudo isso significava o seguinte: que não existe quase nenhum excesso praticado pelo mais louco psicopata que não possa ser facilmente reproduzido por um homem de família normal e gentil que apenas vai trabalhar todos os dias e tem uma tarefa a cumprir.

Vorbis adorava saber disso. Um homem que sabia disso, sabia de tudo que era preciso saber a respeito das pessoas.

No momento, ele estava sentado ao lado da bancada em que jazia o que ainda era,

tecnicamente, o corpo trêmulo do Irmão Sasho, seu ex-secretário.

Vorbis olhou para o inquisidor de plantão, que assentiu. Inclinou-se, então, sobre o secretário acorrentado.

– Quais eram os nomes deles? – ele repetiu.

– ... não sei...

– Sei que deu a eles cópias da minha correspondência, Sasho. Eles são hereges traiçoeiros que passarão a eternidade nos infernos. Você se juntará a eles?

– ... não sei nomes...

– Eu confiei em você, Sasho. Você me espionou. Traiu a Igreja.

– ... nenhum nome...

– A verdade é a cessação da dor, Sasho. Me diga.

– ... verdade...

Vorbis suspirou. E então ele viu um dos dedos de Sasho dobrar e esticar sob as algemas. Chamando.

– Sim?

Inclinou-se para mais perto do corpo.

Sasho abriu seu olho restante.

– ... verdade...

– Sim?

– ... A Tartaruga se Move...

Vorbis sentou-se novamente, sua expressão inalterada. Sua expressão raramente se alterava, a não ser que ele quisesse. O inquisidor observava-o aterrorizado.

– Entendo – disse Vorbis. Levantou-se e acenou para o inquisidor. – Há quanto tempo ele está aqui?

– Dois dias, senhor.

– E você consegue mantê-lo vivo por...?

– Talvez mais dois dias, senhor.

– Faça isso. Faça isso. Afinal de contas, – afirmou Vorbis – é nosso dever preservar a vida o máximo possível. Não é mesmo?

O inquisidor deu-lhe o sorriso nervoso de alguém que está na presença de um superior, cuja mera palavra poderia algemá-lo a uma bancada.

– Ahn... sim, senhor.

– Heresia e mentiras por todos os lados – Vorbis suspirou. – E agora eu preciso encontrar outro secretário. Muito irritante.

Após vinte minutos, Brutha relaxou. As vozes malignas e sensuais de sereia pareciam ter ido embora.

Seguiu com os melões. Sentia-se capaz de entender os melões. Melões pareciam ser bem mais compreensíveis do que a maioria das coisas.

– Ei, você!

Brutha se endireitou.

– Eu não escuto você, ó súcubo imundo – ele disse.

– Ah você escuta sim, garoto. Agora, o que eu quero que você faça é...

– Estou com os dedos nos ouvidos!

– Combina com você. Combina mesmo. Faz você parecer um vaso. Agora...

– Estou cantarolando uma melodia! Estou cantarolando uma melodia!

Irmão Preptil, o mestre de música, descrevera a voz de Brutha como capaz de lhe fazer se sentir como um abutre desapontado por chegar tarde demais a um burro morto. O canto coral era obrigatório para os noviços, mas, após muitos pedidos do Irmão Preptil, uma dispensa especial fora concedida a Brutha. A visão de seu grande rosto redondo contorcido com o esforço de agradar já era ruim o suficiente, mas o pior era ouvir sua voz, certamente poderosa e cheia de intento e convicção, oscilar para frente e para trás pela melodia sem nunca acertar por completo.

Ele ganhou Melões Extras em vez disso.

No alto das torres de oração, um bando de corvos levantou voo apressadamente.

Depois um refrão completo de *Ele Pisoteia os Injustos com Cascos de Ferro Quente*, Brutha tirou os dedos dos ouvidos e arriscou uma escutada rápida.

Fora os protestos distantes dos corvos, só havia silêncio.

Funcionou. Coloque sua confiança no Deus, eles diziam. E ele sempre o fizera. Tão cedo quanto podia se lembrar.

Pegou sua enxada e voltou-se, aliviado, para as vinhas.

Sua lâmina estava prestes a atingir o chão quando Brutha viu o jabuti.

Era pequeno, basicamente amarelo e estava coberto de poeira. Seu casco estava seriamente lascado. Tinha um pequeno olho redondo – o outro havia sucumbido a um dos milhares de perigos que assolam qualquer criatura lenta que viva a poucos centímetros do chão.

Ele olhou em volta. As hortas ficavam bem para dentro do complexo do templo, e eram cercadas por paredes altas.

– Como chegou aqui, pequena criatura? – indagou. – Você voou?



O jabuti encarou-o monotonicamente. Brutha sentiu um pouco de saudade de casa. Havia muitos jabutis nas colinas de areia por lá.

– Eu poderia te dar um pouco de alface – disse Brutha. – Mas acho que jabutis não são permitidos nas hortas. Vocês não são pragas?

O jabuti continuou a encará-lo. Praticamente nada é capaz de encarar como um jabuti.

Brutha sentiu-se obrigado a fazer alguma coisa.

– Temos uvas – falou. – Provavelmente não é pecado te dar uma. O que acha de uma uva, jabutizinho?

– O que acha de se tornar uma abominação no mais fundo fosso de caos? – respondeu o jabuti.

Os corvos, que haviam fugido até as paredes exteriores, levantaram voo novamente devido a uma interpretação de *O Caminho do Infiel É um Ninho de Espinhos*.

Brutha abriu os olhos e destampou os ouvidos mais uma vez.

O jabuti disse:

– Ainda estou aqui.

Brutha hesitou. Ocorreu-lhe, muito lentamente, que demônios e súcubos não tomavam a forma de pequenos e velhos jabutis. Não faria muito sentido. Até mesmo o Irmão Nhumrod teria de concordar que, em termos de erotismo desenfreado, havia coisa bem melhor que um jabuti caolho.

– Eu não sabia que jabutis podiam falar – afirmou.

– Eles não podem – falou o jabuti. – Leia meus lábios.

Brutha olhou mais de perto.

– Você não tem lábios – disse ele.

– Não, nem cordas vocais apropriadas – concordou o jabuti. – Estou falando diretamente na sua cabeça, você entende?

– Deus!

– Você entende *mesmo*, né?

– Não.

O jabuti revirou o olho.

– Eu deveria saber. Bem, isso não importa. Eu não tenho tempo para perder com jardineiros. Vá e traga o chefão, agora mesmo.

– Chefão? – perguntou Brutha. Colocou a mão sobre a boca. – Você quer dizer... Irmão Nhumrod?

– Quem é esse? – retrucou.

– O mestre dos noviços!

– Ah, meu *Eu!* – exclamou o jabuti. – Não, – continuou, em uma imitação zombeteira da voz de Brutha – eu não quero dizer o mestre dos noviços. Quero dizer o Sumo Sacerdote ou o que quer que ele chame a si mesmo. Suponho que *exista* um?

Brutha assentiu, inexpressivo.

– Sumo Sacerdote, certo? – repetiu o jabuti. – Sumo. Sacerdote. Sumo Sacerdote.

Brutha assentiu novamente. Ele sabia que havia um Sumo Sacerdote. Era só que, enquanto conseguia compreender, por pouco, a estrutura hierárquica entre ele mesmo e o Irmão Nhumrod, ele era incapaz de considerar seriamente qualquer tipo de ligação entre Brutha, o noviço, e o Cenobiarca. Teoricamente, ele tinha ciência de sua existência, de que havia uma enorme estrutura canônica com o Sumo Sacerdote no topo e Brutha muito firmemente na base, mas ele via isso da mesma forma que uma ameba talvez veja toda a cadeia evolutiva entre ela mesma e, por exemplo, um contador juramentado. Eram eles perdidos por todo o caminho até o topo.

– Eu não posso pedir para o... – Brutha hesitou. Até mesmo *pensar* em falar com o Cenobiarca assustava-o ao ponto de o calar. — Eu não posso pedir a *ninguém* que chame o Sumo Cenobiarca para vir falar com um *jabuti!*

– Transforme-se em uma sanguessuga e defínhe nas chamas da retribuição! – gritou o jabuti.

– Não precisa amaldiçoar – disse Brutha.

O jabuti se sacudiu para cima e para baixo furiosamente.

– Isso não foi uma maldição! Foi uma ordem! Eu sou o Grande Deus Om!

Brutha piscou. Então, disse:

– Não é, não. Eu já vi o Grande Deus Om – ele moveu uma mão fazendo o sinal dos chifres sagrados, respeitosamente – e ele não é tartaruguiforme. Ele vem até nós como uma águia, ou um leão, ou um poderoso touro. Há uma estátua no Grande Templo. Ela tem sete côvados de altura.<sup>47</sup> Tem bronze nela e tudo mais. Está pisoteando os infiéis. Não dá para pisotear infiéis quando se é um jabuti. Quero dizer, tudo que você pode fazer é dar a eles um olhar significativo. Ela tem chifres de ouro de verdade. Onde eu morava tinha uma estátua de um côvado de altura na vila vizinha e ela era um touro também. Então, é assim que eu sei que você não é o Grande Deus – chifres sagrados – Om.

---

<sup>47</sup> Considerada uma das primeiras unidades de medida, é equivalente ao comprimento do antebraço, aproximadamente 46 centímetros. (N.T.)

O jabuti se acalmou um pouco.

– Quantos jabutis você já conheceu? – perguntou ele, sarcástico.

– Eu não sei – respondeu Brutha.

– Como assim, você não sabe?

– Bem, todos eles podem saber falar – disse Brutha, pensativo, demonstrando seu tipo de lógica muito pessoal que lhe rendera os Melões Extras. – Eles podem só não falar nada quando eu estiver lá.

– Eu sou o Grande Deus Om – afirmou o jabuti, a voz ameaçadora e inevitavelmente grave – e daqui a pouco você vai se tornar um sacerdote bem infeliz. Vá e traga ele aqui.

– Noviço – falou Brutha.

– O que?

– Noviço, não sacerdote. Eles não me deixam...

– Traga ele!

– Mas eu acho que o Cenobiarca nunca vem até a nossa horta – disse Brutha. – Acho que ele nem sabe o que é um melão.

– Isso não me importa – afirmou o jabuti. – Traga-o agora, ou a terra estremecerá, a lua será como o sangue, febre e furúnculos afligirão a humanidade e doenças diversas sucederão. Eu falo sério. – acrescentou.

– Vou ver o que posso fazer – respondeu Brutha, recuando.

– E eu estou sendo muito razoável, devido às circunstâncias! – o jabuti gritou em sua direção.

– Você não canta mal, por sinal! – acrescentou, depois de pensar um pouco.

– Já ouvi piores! – gritou enquanto o manto encardido de Brutha desaparecia pelo portão.

– Me lembra da época em que a peste afligiu Pseudópolis – disse em voz baixa, à medida que os passos iam sumindo. Que lamúria e ranger de dentes havia lá – suspirou. – Bons tempos. Bons tempos!

Muitos sentem que foram chamados ao sacerdócio, mas o que eles realmente escutam é uma voz interior dizendo: “É um emprego *indoor*, sem trabalho pesado, você quer ser um lavrador como o seu pai?”

Enquanto Brutha não só acreditava. Ele realmente Acreditava. Esse tipo de coisa é geralmente constrangedora quando acontece em uma família temente a Deus, mas tudo que Brutha tinha era sua avó e ela também Acreditava. Ela acreditava como o ferro acredita no

metal. Era o tipo de mulher que todo sacerdote teme em uma congregação, aquela que sabe todos os cânticos, todos os sermões. Na Igreja Omniana, as mulheres eram apenas toleradas nos templos, e eram obrigadas a ficar em silêncio absoluto e totalmente cobertas em sua própria seção atrás do púlpito para evitar que o vislumbre da outra metade da raça humana fizesse os membros masculinos da congregação ouvirem vozes semelhantes às que atormentavam Irmão Nhumrod dia e noite. O problema era que a avó de Brutha tinha o tipo de personalidade capaz de se projetar através de uma placa de chumbo e uma devoção amarga com a força de uma broca com ponta de diamante.

Se tivesse nascido homem, o Omnianismo teria encontrado seu 8º Profeta antes do esperado. Em vez disso, ela organizava a limpeza do templo, o polimento das estátuas e os turnos de apedrejamento das mulheres suspeitas de adultério com uma eficiência terrível.

Então, Brutha cresceu com o conhecimento certo e seguro da existência do Grande Deus Om. Cresceu *sabendo* que os olhos de Om estavam sobre ele o tempo todo, especialmente em lugares como a privada, e que demônios o atacavam de todos os lados, sendo apenas mantidos à distância pela força de sua crença e pelo peso da bengala de sua avó, que era guardada atrás da porta nas raras ocasiões em que não estava sendo usada. Ele podia recitar, de cor, todos os versículos de todos os sete Livros dos Profetas, e cada um dos Preceitos. Conhecia todas as Leis e Canções. Especialmente as Leis.

Os Omnianos eram um povo temente a Deus.

Eles tinham muito o que temer.

A sala de Vorbis ficava na Cidadela superior, o que não era comum para um mero diácono. Ele não havia pedido isso. Ele raramente precisava pedir alguma coisa. O Destino tem sua maneira de marcar seus escolhidos.

Ele também era visitado por alguns dos mais poderosos homens da hierarquia da Igreja.

Não, é claro, pelos seis Arciprestes ou pelo Cenobiarca em pessoa. Eles não eram assim tão importantes. Apenas estavam no topo. Quem, de fato, controla as organizações geralmente se encontra vários níveis abaixo, onde ainda é possível fazer as coisas acontecerem.

As pessoas gostavam ter Vorbis como amigo, principalmente devido ao já mencionado campo mental, que sugeria a elas, do jeito mais sutil, que elas não gostariam de tê-lo como inimigo.

Duas delas estavam sentadas com ele agora. Eram o General Sou Fri'it, que, apesar do que os registros oficiais pudessem sugerir, era o homem no comando da maior parte da Legião Divina e o Bispo Drunah, secretário do Congresso de Sous. As pessoas podem não achar que

essa seja realmente uma posição de poder, mas elas também nunca devem ter atuado como secretárias de atas em uma reunião de velhos já ligeiramente surdos.

Nenhum dos dois homens estava de fato lá. Eles não estavam falando com Vorbis. Era um *daqueles* tipos de reunião. Muitas pessoas não falavam com Vorbis e faziam todo o possível para não ter reuniões com ele. Alguns dos abades dos mosteiros distantes tinham sido convocados recentemente à Cidadela, viajando secretamente por uma semana em terreno tortuoso, só para que definitivamente não se juntassem às figuras sombrias que visitavam a sala de Vorbis. Nos últimos meses, Vorbis aparentemente tivera tantos visitantes quanto o Homem da Máscara de Ferro.

Eles tampouco estavam falando. Mas se *houvessem* estado lá e se *houvessem* conversado, teria sido assim:

– E agora, – disse Vorbis – a questão de Efebo.

Bispo Drunah deu de ombros.<sup>48</sup>

– Sem importância, dizem. Não são uma ameaça.

Os dois homens olharam para Vorbis, alguém que nunca levantava a voz. Era muito difícil dizer o que estava pensando, muitas vezes até mesmo depois que ele contasse o que era.

– É mesmo? É isso que concluímos? – disse. – *Não* são uma ameaça? Depois do que fizeram ao pobre Irmão Murduck? Dos insultos a Om? Isso não deve ser esquecido. O que se propõe a ser feito?

– Que paremos de lutar – respondeu Fri’it – Eles lutam como loucos. Não. Nós já perdemos homens demais.

– Eles têm deuses fortes – acrescentou Drunah.

– Eles têm arcos melhores – disse Fri’it.

– Não existe nenhum deus além de Om – retrucou Vorbis. – O que os efebianos acreditam adorar não passam de djinns e demônios. Se é que isso pode ser chamado de adorar. Vocês viram isso?

Empurrou um rolo de papel na direção deles.

– O que é isso? – perguntou Fri’it cautelosamente.

– Uma mentira. Uma história que não existe e nunca existiu... aquelas... aquelas coisas... – Vorbis hesitou, tentando lembrar de uma palavra que há muito tempo caíra em desuso – ... como as... histórias contadas a crianças que são muito novas... falas para pessoas dizerem... as...

---

<sup>48</sup> Ou teria feito isso. Se estivesse lá. Mas ele não estava. Assim, não podia.

– Ah. Uma peça – disse Fri’it. Vorbis fuzilou-o com o olhar.

– Você sabe o que são essas coisas?

– Eu... quando eu viajei até Klatch uma vez... – Fri’it gaguejou. Ele visivelmente se recompôs. Já havia comandado cem mil homens em batalha. Não merecia aquilo.

Percebeu que não se atrevia a olhar para a expressão de Vorbis.

– Eles dançam danças – falou frouxamente. – Em seus dias sagrados. As mulheres usam sinos em seus... E cantam músicas. Todas sobre a aurora dos mundos, quando os deuses...

Sua voz murchou.

– Foi repugnante – ele disse. Estalou os nós dos dedos, um hábito que tinha quando ficava nervoso.

– *Isso* aqui tem seus deuses nele – afirmou Vorbis. – *Homens de máscaras*. Acreditam nisso? Eles têm um deus do *vinho*. Um velho bêbado! E falam que Efebo não é uma ameaça! E este...

Jogou outro rolo de papel na mesa, mais grosso que o primeiro.

– *Este* é bem pior. Porque, por mais que adorem falsos deuses erroneamente, seu erro está na escolha dos deuses, não na adoração. Agora isso...

Drunah examinou o papel com cautela.

– Acredito que existam outras cópias, até mesmo na Cidadela – disse Vorbis. – Esta pertencia a Sasho. Acredito que foi você que o recomendou a mim, Fri’it?

– Ele sempre me pareceu um jovem inteligente e perspicaz – falou o general.

– Mas desleal – retrucou Vorbis – e agora está recebendo sua justa recompensa. Só é uma pena que não tenha sido induzido a nos dar os nomes de seus companheiros hereges.

Fri’it lutou contra uma súbita onda de alívio. Seus olhos encontraram os de Vorbis.

Drunah quebrou o silêncio.

– *De Chelonian Mobile* – disse em voz alta. – “A Tartaruga se Move”. O que isso significa?

– Apenas contar isso a vocês poderia colocar suas almas em risco de passarem mil anos no inferno – afirmou Vorbis. Seus olhos não haviam desgrudado de Fri’it, que agora encarava fixamente a parede.

– Acredito que esse seja um risco que podemos cuidadosamente tomar – falou Drunah. Vorbis deu de ombros.

– O autor alega que o mundo... viaja pelo vazio nas costas de quatro elefantes enormes – disse.

O queixo de Drunah caiu.

– Nas costas? – perguntou.

– É o que ele alega – respondeu Vorbis, ainda observando Fri'it.

– Em que eles se apoiam?

– O autor diz que estão sobre o casco de uma enorme tartaruga – falou Vorbis.

Drunah deu um sorriso nervoso.

– E onde ela se apoia? – disse.

– Não vejo sentido nenhum em especular sobre o que ela se apoia, – disparou Vorbis – visto que ela não existe!

– É claro, é claro. – falou Drunah rapidamente. – Foi apenas frívola curiosidade.

– A maioria das curiosidades o é – afirmou Vorbis – Ela leva a mente a caminhos especulativos. No entanto, o homem que escreveu isso caminha em liberdade, em Efebo, *neste momento*.

Drunah deu uma olhada no rolo.

– Ele diz aqui que esteve em um navio que navegou até uma ilha na borda e que olhou através dela e...

– Mentiras – disse Vorbis calmamente. – E não faria diferença mesmo que não o fossem. A verdade se encontra dentro de nós, não fora. Nas palavras do Grande Deus Om, conforme proferidas por meio de seus profetas escolhidos. Nossos olhos podem nos enganar, mas nosso Deus nunca o fará.

– Mas...

Vorbis olhou para Fri'it. O general estava suando.

– Sim? – disse.

– Bem... Efebo. Um lugar onde homens loucos têm ideias loucas. Todos sabem disso. Talvez a melhor conduta seja deixá-los cozinhando na própria loucura?

Vorbis balançou a cabeça.

– Infelizmente, ideias selvagens e instáveis têm a tendência perturbadora de se espalharem e assumirem o controle.

Fri'it tinha de admitir que aquilo era verdade. Ele sabia por experiência própria que ideias verdadeiras e óbvias, tais como a sabedoria e o julgamento infáveis do Grande Deus Om, pareciam ser tão incertas para algumas pessoas que era preciso matá-las até que percebessem os próprios erros, enquanto que noções perigosas, nebulosas e desequilibradas muitas vezes eram tão atraentes para certas pessoas que elas – ele esfregou uma cicatriz, pensativo – se esconderiam no alto das montanhas e atirariam pedras em você até morrerem de fome. Elas preferiam morrer a ver a razão. Fri'it tinha visto a razão desde muito novo. Ele viu

que era razoável não morrer.

– O que você propõe? – perguntou.

– O Conselho quer negociar com Efebo – anunciou Drunah. – Você sabe que preciso organizar uma delegação para partir amanhã.

– Quantos soldados? – indagou Vorbis.

– Apenas uma escolta. Nos foi concedida passagem segura, afinal de contas – respondeu Fri'it.

– *Nos foi concedida passagem segura* – repetiu Vorbis. Soou como um longo xingamento. – E uma vez que estivermos dentro...?

Fri'it queria dizer: eu falei com o comandante da guarnição efebiana, e acredito que ele seja um homem honrado, embora, é claro, seja de fato um infiel desprezível e pior que vermes. Mas esse não era o tipo de coisa que julgava sensato dizer a Vorbis.

Substituiu por:

– Ficaremos em guarda.

– Nós podemos surpreendê-los?

Fri'it hesitou.

– Nós? – perguntou.

– Eu liderarei o grupo – afirmou Vorbis. Houve a mais sutil troca de olhares entre ele e o secretário. – Eu... gostaria de me afastar da Cidadela por um tempo. Uma mudança de ares. Além disso, não podemos deixar os efebianos suspeitarem que merecem a atenção de um membro superior da Igreja. Eu estava apenas refletindo sobre as possibilidades, caso sejamos provocados...

O tique nervoso de Fri'it estalava com um chicote.

– Demos a eles nossa palavra...

– Não há trégua com infiéis – disse Vorbis.

– Mas há considerações práticas – retrucou Fri'it, tão incisivo quanto se atrevia. – O palácio de Efebo é um labirinto. Eu sei. Há armadilhas. Ninguém entra sem um guia.

– Como o guia consegue entrar? – indagou Vorbis.

– Presumo que ele guie a si mesmo – respondeu o general.

– Em minha experiência, há sempre um outro caminho – disse Vorbis. – Para tudo, há sempre um outro caminho. Que o Deus mostrará em seu próprio tempo, disso podemos ter certeza.

– Certamente tudo seria mais fácil se houvesse uma falta de estabilidade em Efebo – afirmou Drunah. – Ela de fato abriga certos... elementos.



– E será a porta de entrada para toda a costa Turnwise – acrescentou Vorbis.

– Bem...

– O rio Djel e então Tsort – disse Vorbis.

Drunah tentava evitar olhar a expressão de Fri'it.

– É nosso dever – continuou Vorbis. – Nosso dever sagrado. Não devemos esquecer o pobre Irmão Murduck. Ele estava desarmado e sozinho.

As enormes sandálias de Brutha ecoavam obedientemente pelo corredor de pedras em direção à inexpressiva cela do Irmão Nhumrod.

Tentou elaborar mensagens em sua cabeça. “Mestre, há um jabuti que diz– Mestre, esse jabuti quer– Mestre, adivinhe só, ouvi desse jabuti nos melões que–”

Brutha nunca ousara pensar em si mesmo como um profeta, mas tinha uma ideia perspicaz do resultado de qualquer conversa que começasse dessa forma.

Muitas pessoas acreditavam que Brutha era um idiota. Ele parecia um, desde seu rosto redondo e receptivo até seus pés largos e tornozelos tortos. Também tinha o hábito de mexer os lábios enquanto pensava profundamente, como se estivesse ensaiando cada frase. E isso acontecia, porque era exatamente isso que estava fazendo. Pensar não era algo fácil para Brutha. A maioria das pessoas pensa automaticamente, pensamentos dançam por seus cérebros como eletricidade estática por uma nuvem. Pelo menos, era isso que lhe parecia. Ao passo que ele tinha que construir seus pensamentos um pouco de cada vez, como alguém construindo um muro. Uma vida curta sendo ridicularizado por ter um corpo de barril e pés que davam a impressão de que estavam prestes a ir embora em direções opostas lhe conferira uma forte tendência a pensar com muito cuidado sobre qualquer coisa que dissesse.

Irmão Nhumrod estava prostrado no chão em frente a uma estátua de Om Pisoteando os Ímpios, com os dedos nos ouvidos. As vozes perturbavam-no novamente.

Brutha tossiu. Tossiu de novo.

Irmão Nhumrod levantou a cabeça.

– Irmão Nhumrod? – disse Brutha.

– O quê?

– Ahn... Irmão Nhumrod?

– O quê?

Irmão Nhumrod destampou os ouvidos.

– Sim? – disse, irritado.

– Hum. Tem algo que você precisa ver. Na... na horta. Irmão Nhumrod?

O mestre dos noviços se sentou. O rosto de Brutha era um quadro de pura preocupação.

– Como assim? – Irmão Nhumrod perguntou.

– Na horta. É difícil de explicar. Hum. Eu descobri... de onde as vozes estavam vindo, Irmão Nhumrod. E você disse para vir direto te contar.

O velho sacerdote deu a Brutha um olhar afiado. Mas se um dia já houve alguém sem malícia ou qualquer tipo de sutileza, esse alguém era Brutha.

O medo é um solo estranho. Sobretudo, a obediência germina como o milho, que cresce em fileiras que facilitam a capina. Mas, às vezes, germinam as batatas da oposição, que prosperam no subterrâneo.

A Cidadela tinha bastante subterrâneo. Havia os poços e túneis da Quisição. Havia porões e esgotos, cômodos esquecidos, becos sem saída, espaços atrás de paredes muito antigas, até mesmo cavernas naturais na própria rocha matriz.

Esta era uma dessas cavernas. A fumaça da fogueira no meio do chão saía por uma rachadura no teto e, eventualmente, encontrava o labirinto de incontáveis chaminés e poços de luz acima.

Havia uma dúzia de vultos nas sombras oscilantes. Eles usavam capuzes grosseiros sobre roupas indistintas – coisas improvisadas feitas de trapos, nada que não pudesse ser facilmente queimado após a reunião, para que os dedos errantes da Quisição não encontrassem nada incriminador. Algo sobre a forma como a maioria deles se movia sugeria que eram homens acostumados a carregar armas. Aqui e ali, pistas. Uma postura. Um jeito de falar.

Em uma das paredes da caverna havia um desenho. Era vagamente oval, com três pequenas protuberâncias no topo — a do meio ligeiramente maior que as outras — e três na parte de baixo, a do meio ligeiramente mais longa e pontuda. Um desenho infantil de uma tartaruga.

— É claro que ele irá até Efebo — disse uma máscara. — Não ousaria ficar parado. Terá que represar o rio da verdade, em sua nascente.

— Então, devemos escoar o que conseguirmos — disse outra máscara.

— Devemos matar Vorbis!

— Em Efebo não. Quando isso acontecer, deve acontecer aqui. Para que as pessoas *saibam*. Quando estivermos fortes o suficiente.

— Será que algum dia estaremos fortes o suficiente? — perguntou uma máscara. Seu dono estalou os nós dedos, nervoso.

— Até mesmo os aldeões sabem que há algo errado. Ninguém pode deter a verdade.

Represar o rio da verdade? Então, há de haver vazamentos de grande força. Nós não descobrimos sobre Murduck? Ha! “*Morto em Efebo*”, disse Vorbis.

— Um de nós deve ir até Efebo e salvar nosso Mestre. Se ele realmente existir.

— Ele existe. Seu nome está no livro.

— Didáctilos. Um nome estranho. Significa De Dois Dedos, vocês sabem.

— Eles devem prestigiá-lo em Efebo.

— Trazê-lo de volta para cá, se possível. E o Livro.

Uma das máscaras parecia hesitante. Seus dedos estalaram novamente.

— Mas será que as pessoas irão se unir em apoio a... um livro? Eles precisam de algo além disso. São aldeões. Eles não sabem ler.

— Mas conseguem ouvir!

— Mesmo assim... eles precisam que lhes mostrem... precisam de um símbolo...

— Nós temos um!

Instintivamente, todas as figuras mascaradas se voltaram para o desenho na parede, indistinto à luz do fogo, mas gravado em suas mentes. Olhavam para a verdade, que pode frequentemente impressionar.

— A Tartaruga se Move!

— A Tartaruga se Move!

— A Tartaruga se Move!

O líder assentiu.

— E agora — disse —, vamos tirar na sorte...

O Grande Deus Om destilava seu ódio, ou pelo menos fazia uma tentativa espirituosa. Há um limite para a quantidade de ódio que pode ser destilado a três centímetros do chão, mas ele estava quase chegando nele.

Amaldiçoou silenciosamente um besouro, que é como derramar água em uma lagoa. Não pareceu fazer muita diferença, de qualquer jeito. O besouro rastejou para longe.

Amaldiçoou um melão até a oitava geração, mas nada aconteceu. Tentou uma praga de furúnculos. O melão apenas ficou lá, amadurecendo aos poucos.

Só porque havia sido temporariamente humilhado, o mundo inteiro achava que poderia tirar proveito disso. Bem, quando Om recuperasse sua forma e poder de direito, disse a si mesmo, Medidas seriam Tomadas. As tribos dos Besouros e dos Melões desejariam jamais ter sido criadas. E algo realmente horrível aconteceria com todas as águias. E... e haveria um mandamento sagrado envolvendo o plantio de mais alfaces...

Quando o garotão voltou com o homem de pele cerosa, o Grande Deus Om não estava com humor para cortesias. Além disso, do ponto de vista de um jabuti até o mais belo ser humano era apenas um par de pés, uma cabeça pontuda e distante, e, em algum lugar lá em cima, o lado errado de um par de narinas.

— O que é isso? — rosnou.

— Isto é o Irmão Nhumrod — disse Brutha. — Mestre dos noviços. Ele é muito importante.

— Eu não te disse para não me trazer um pederasta velho e gordo qualquer?! — explodiu a voz em sua cabeça. — Seus olhos serão cuspidos em colunas de fogo por isto!

Brutha se ajoelhou.

— Eu não posso ir até o Sumo Sacerdote — ele disse, o mais paciente possível. — Noviços nem sequer podem entrar no Grande Templo, exceto em ocasiões especiais. A Quisição me faria Reconhecer Meus Erros se fosse pego. É a Lei.

— Tolo imbecil! — a tartaruga gritou.

Nhumrod decidiu que era hora de falar algo.

— Noviço Brutha — começou —, por qual motivo está falando com um pequeno jabuti?

— Porque... — Brutha pausou. — Porque ele está falando comigo... não está?

Irmão Nhumrod olhou para a cabecinha caolha que espreitava fora do casco.

Ele era, em geral, um homem gentil. Às vezes demônios e diabos colocavam pensamentos inquietantes em sua cabeça, mas ele se assegurava de que ficassem ali e não merecia, em nenhum sentido literal, ser chamado do que o jabuti o chamou, coisa essa que, na verdade, se tivesse ouvido, teria achado ter algo a ver com pés. E ele sabia muito bem que era possível ouvir vozes atribuídas a demônios e, às vezes, deuses. Jabutis eram novidade. Jabutis fizeram-no se preocupar com Brutha, que sempre considerara ser um amável idiota que fazia, sem nenhum tipo de reclamação, qualquer coisa que lhe pedissem. Naturalmente, muitos noviços se voluntariavam para limpar fossas e jaulas de touros, devido a uma estranha convicção de que santidade e devoção tinham algo a ver com estar imerso até os joelhos em sujeira. Brutha nunca se voluntariava, mas se o mandassem fazer algo ele fazia, não por qualquer desejo de impressionar, mas simplesmente porque o mandavam fazer. E agora estava falando com jabutis.

— Acho que devo lhe falar, Brutha — disse —, que ela não está falando.

— Você não consegue ouvi-la?

— Não consigo ouvi-la, Brutha.

— Ela me falou que era... — Brutha hesitou. — Ela me falou que era o Grande Deus.

Ele se encolheu. Sua avó teria batido nele com algo pesado agora.

— Ah. Bom, veja bem, Brutha — disse Nhumrod tremendo ligeiramente —, esse tipo de coisa não é incomum entre jovens recém Chamados à Igreja. Ouso dizer que ouviu a voz do Grande Deus quando foi Chamado, não foi? Hum?

Metáforas se perdiam em Brutha. Lembrava-se de ouvir a voz de sua avó. Ele não havia sido Chamado, mas sim Enviado. Mas assentiu mesmo assim.

— E no seu... entusiasmo, é natural que pense que ouve o Grande Deus falando com você — Nhumrod continuou.

O jabuti balançava para cima e para baixo.

— Seja atingido por raios! — gritou.

— Acredito que exercícios saudáveis sejam a solução — falou Nhumrod. — E bastante água gelada.

— Contorça-se nas estacas da danação!

Nhumrod abaixou-se e pegou o jabuti, virando-o. Suas pernas agitavam-se raivosamente.

— Como ele veio parar aqui, hum?

— Não sei, Irmão Nhumrod — respondeu Brutha, obediente.

— Que sua mão definhe e caia! — berrou a voz em sua cabeça.

— Essas coisas dão uma boa refeição, sabia? — disse o mestre dos noviços. Viu a expressão no rosto de Brutha.

— Veja desta forma — disse. — Iria o Grande Deus Om — chifres sagrados — *alguma vez* se manifestar em uma criatura tão humilde quanto essa? Um touro, sim, claro, uma águia, certamente, e acho que em uma ocasião um cisne... mas um *jabuti*?

— Que seus órgãos sexuais criem asas e voem para longe!

— Afinal de contas — Nhumrod continuou, alheio ao coro secreto na cabeça de Brutha —, que tipo de milagre um jabuti poderia fazer? Hum?

— Que seus tornozelos sejam esmagados nas mandíbulas de gigantes!

— Transformar alface em ouro, talvez? — sugeriu Irmão Nhumrod no tom jovial daqueles abençoados com nenhum senso de humor. — Esmagar formigas sob os pés? Ahaha.

— Haha — ecoou Brutha, obediente.

— Vou levá-lo para a cozinha, fora do seu caminho — disse o mestre dos noviços. — Eles dão uma sopa excelente. E então você não ouvirá mais vozes, acredite nisso. O fogo cura todas as Loucuras, certo?

— *Sopa?*

— Ahn... — falou Brutha.

— Que seus intestinos sejam enrolados em volta de uma árvore até que se arrependa!

Nhumrod olhou ao redor da horta. Aparentemente, estava cheia de melões, abóboras e pepinos. Estremeceu.

— Muita água gelada, isso é a chave — disse. — Muita mesmo — focou em Brutha novamente. — Hum?

Afastou-se em direção às cozinhas.

O Grande Deus Om estava de cabeça para baixo em um cesto em uma das cozinhas, semienterrado sob um monte de ervas e algumas cenouras.

Um jabuti de pernas para o ar tenta endireitar-se primeiro esticando o pescoço ao máximo e tentando usar a cabeça como uma alavanca. Se isso não funcionar, ele agita as pernas freneticamente, tentando balançar-se para uma posição vertical.

Um jabuti de pernas para o ar é a nona coisa mais patética em todo o multiverso.

Um jabuti de pernas para o ar *que sabe o que vai acontecer a seguir* está, bem, no mínimo lá em cima no número quatro.

A maneira mais rápida de matar um jabuti para cozinhá-lo é mergulhá-lo em água fervente.

Cozinhas, armazéns e oficinas de artesãos pertencentes à população civil da Igreja espalhavam-se pela Cidadela como uma enorme colmeia.<sup>49</sup> Essa era apenas uma delas, um porão com o teto manchado pela fumaça, cujo elemento central era uma lareira arqueada. Chamas rugiam pela chaminé. Cães faziam espetos girarem ao trotar em suas esteiras. Cutelos subiam e desciam sobre tábuas.

De um dos lados da enorme lareira, entre vários outros caldeirões escurecidos, uma pequena panela de água já começava a ferver.

— Que os vermes da vingança devorem suas narinas escurecidas! — gritou Om, agitando suas pernas violentamente. O cesto balançou.

Uma mão peluda se estendeu e removeu as ervas.

— Que falcões biquem seu fígado!

Uma mão se estendeu novamente e pegou as cenouras.

— Que você seja afligido por mil cortes!

Uma mão se estendeu e pegou o Grande Deus Om.

---

<sup>49</sup> É preciso quarenta homens com os pés no chão para sustentar um homem com a cabeça nas nuvens.

— Que os fungos canibais de...!

— Cale a boca! — sibilou Brutha, enfiando o jabuti debaixo de seu manto.

Ele se esgueirou em direção à porta, despercebido no caos culinário geral.

Um dos cozinheiros olhou para ele e levantou uma sobrancelha.

— Só tenho que levar isso de volta — balbuciou Brutha, mostrando o jabuti e agitando-o, prestativo. — Ordens do Diácono.

O cozinheiro fez uma careta e deu de ombros. Noviços eram considerados por todos como a mais baixa forma de vida, mas ordens da hierarquia deviam ser obedecidas sem questionamentos, a não ser que o questionador quisesse se deparar com questões mais importantes como se era possível ou não ir para o céu depois de ter sido assado vivo.

Quando chegaram no pátio, Brutha se apoiou na parede e soltou o ar.

— Que seus globos oculares...! — o jabuti começou.

— Mais uma palavra — disse Brutha —, e te levo de volta para o cesto.

O jabuti ficou em silêncio.

— Do jeito que está, eu já devo arrumar problemas por perder a aula de Religião Comparada com o Irmão Whelk — falou Brutha. — Mas o Grande Deus achou justo tornar o pobre homem míope, então ele provavelmente não notará que não estou lá, mas se notar devo dizer o que fiz, pois mentir para um Irmão é pecado e o Grande Deus me mandará para o inferno por mil anos.

— Nesse caso específico eu posso ser misericordioso — respondeu o jabuti. — Não mais que mil anos do lado de fora.

— Minha avó me disse que irei para o inferno quando morrer de qualquer jeito — continuou Brutha, ignorando-o. — Estar vivo é pecaminoso. Faz sentido, porque temos que pecar todos os dias quando estamos vivos.

Ele olhou para o jabuti.

— Eu sei que você não é o Grande Deus Om — chifres sagrados — porque se eu tocasse no Grande Deus Om — chifres sagrados — minhas mãos pegariam fogo. O Grande Deus nunca se transformaria em uma tartaruga, como o Irmão Nhumrod disse. Mas o Livro do Profeta Cena diz que quando ele estava vagando pelo deserto os espíritos da terra e do ar falaram com ele, então estava me perguntando se você seria um desses.

O jabuti encarou-o com seu único olho por um tempo. Então disse:

— Um cara alto? Barba cheia? Olhos balançando para todos os lados?

— O que? — perguntou Brutha.

— Acho que me lembro dele — disse o jabuti. — Seus olhos balançavam enquanto

falava. E ele falava o tempo todo. Consigo mesmo. Tropeçava bastante nas pedras.

— Ele vagou pelo deserto por três meses — falou Brutha.

— Isso explica, então — respondeu o jabuti. — Não há muita coisa para comer por lá além de cogumelos.

— Talvez você *seja* um demônio — disse Brutha. — O Septateuco nos proíbe de conversar com demônios. No entanto, ao resisti-los, diz o Profeta Fruni, nossa fé pode crescer forte...

— Que seus dentes criem abscessos de calor incandescente!

— Perdão?

— Eu juro por *mim* que sou o Grande Deus Om, o maior dos deuses!

Brutha deu um tapinha no casco da tartaruga.

— Deixe-me mostrar uma coisa, demônio.

Podia sentir sua fé crescendo, se escutasse com atenção.



## APÊNDICE III – PRIMEIRA TRADUÇÃO

Livros da série **Discworld**® publicados no Brasil:

A COR DA MAGIA  
A LUZ FANTÁSTICA  
DIREITOS IGUAIS, RITUAIS IGUAIS  
O FABULOSO MAURÍCIO E SEUS ROEDORES LETRADOS  
O APRENDIZ DE MORTE  
O OITAVO MAGO  
ESTRANHAS IRMÃS  
PIRÂMIDES  
GUARDAS! GUARDAS!  
ERIC  
A MAGIA DE HOLY WOOD  
O SENHOR DA FOICE  
QUANDO AS BRUXAS VIAJAM  
OS PEQUENOS HOMENS LIVRES  
PEQUENOS DEUSES

TERRY PRATCHETT

PEQUENOS  
DEUSES

2ª edição

*Tradução*  
Alexandre Mandarino

  
**BERTRAND BRASIL**  
Rio de Janeiro | 2015

Copyright © Terry & Lyn Pratchett 1992  
Publicado originalmente por Victor Gollancz Ltd, Londres

Título original: *Small Gods*

Capa: Oporto design  
Ilustração de capa: Josh Kirby

Editoração: FA Studio

Texto revisado segundo o novo  
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

2015  
Impresso no Brasil  
Printed in Brazil

Cip-Brasil. Catalogação na publicação.  
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

P924p 2ª ed.	Pratchett, Terry Pequenos deuses / Terry Pratchett; tradução Alexandre Mandarino. — 2ª ed. — Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015. 308 p.; 23 cm. (Discworld)  Tradução de: <i>Small gods</i> ISBN 978-85-286-1696-5  I. Ficção inglesa. I. Mandarino, Alexandre. II. Título. III. Série.  14-15068	CDD: 823 CDU: 821.111-3
-----------------	--	----------------------------

Todos os direitos reservados pela:  
EDITORA BERTRAND BRASIL LTDA.  
Rua Argentina, 171 — 2º andar — São Cristóvão  
20921-380 — Rio de Janeiro — RJ  
Tel.: (0xx21) 2585-2076 — Fax: (0xx21) 2585-2084

Não é permitida a reprodução total ou parcial desta obra, por  
quaisquer meios, sem a prévia autorização por escrito da Editora.

Atendimento e venda direta ao leitor:  
mdireto@record.com.br ou (0xx21) 2585-2002

6

TERRY PRATCHETT

Mas, claro, o que a águia não percebe é que está participando de uma forma rudimentar de seleção natural.

Algum dia, uma tartaruga vai aprender a voar.

A história se passa em terras desérticas, de tons marrons e alaranjados. Quando ela começa e termina é mais problemático, mas, pelo menos, um dos seus inícios se deu acima dos limites da neve, a milhares de quilômetros de distância, nas montanhas ao redor do Centro.\*

Uma das questões filosóficas recorrentes é:

“Uma árvore que cai na floresta emite algum som se não há ninguém para ouvir?”

O que diz um pouco sobre a natureza dos filósofos, porque sempre há alguém em uma floresta. Pode ser apenas um texugo, imaginando o que foi aquele barulho de algo se partindo, ou um esquilo meio intrigado com a paisagem subindo de repente, mas *alguém*. No mínimo, se for bem no fundo da floresta, milhões de pequenos deuses terão ouvido.

As coisas simplesmente acontecem, uma após a outra. Elas não se importam com quem sabe. Mas a *história*... ah, a história é diferente. A história tem de ser observada. Caso contrário, não é história. É só... bem, coisas que acontecem uma após a outra.

E, claro, tem de ser controlada. Caso contrário, pode virar qualquer coisa. Porque a história, ao contrário das teorias populares, é feita de reis e datas e batalhas. E essas coisas têm de acontecer na hora certa. Isso é difícil. Em um universo caótico, muitas coisas podem dar errado. É bem fácil o cavalo de um general perder uma ferradura na hora errada, ou alguém ouvir mal uma ordem, ou o portador da mensagem vital ser emboscado por alguns homens com pedaços de pau e um problema de fluxo de caixa. Também há relatos selvagens, parasitas que crescem na árvore da história, tentando dobrá-la à sua maneira.

Sendo assim, a história tem seus cuidadores.

\* Ou, se você é um fiel do Omnianismo, o Polo.

Considere agora a tartaruga e a águia.

A tartaruga é uma criatura que vive no solo. É impossível viver mais perto do solo sem estar debaixo dele. Seu horizonte fica a meros centímetros de distância. Ela atinge toda a velocidade necessária para caçar uma alface. Para sobreviver, enquanto o restante da evolução a ultrapassava, bastou não representar ameaça a ninguém e dar muito trabalho para ser comida.

E, então, há a águia. Uma criatura do ar e das alturas, cujos horizontes se estendem até a borda do mundo. Olhar aguçado o bastante para detectar o movimento de uma criatura pequena e rangente a um quilômetro de distância. Puro poder, puro controle. Morte fulminante com asas. Garras e presas capazes de transformar em refeição qualquer coisa menor do que ela e de arrancar, pelo menos, um lanche rápido de qualquer coisa maior.

E, ainda assim, a águia se senta por horas no rochedo e inspeciona os reinos do mundo, até localizar um movimento distante, para então focar, focar, *focar* no pequeno casco oscilando entre os arbustos no deserto lá embaixo. E *salta*...

Um minuto depois, a tartaruga vê o mundo se afastar. E vê o mundo pela primeira vez, não mais a um centímetro do chão, mas duzentos metros acima, e pensa: que grande amiga é a águia.

E, então, a águia a solta.

E quase sempre a tartaruga mergulha para a morte. Todo mundo sabe por que ela faz isso. A gravidade é um hábito do qual é difícil se livrar. Ninguém sabe por que a águia faz isso. Há comida boa em uma tartaruga, mas, considerando o esforço envolvido, há comida muito melhor em praticamente qualquer outra coisa. É simplesmente deleite das águias atormentar tartarugas.

Pequenos Deuses

7

Eles vivem... bem, pela natureza das coisas eles vivem nos lugares para onde quer que tenham sido enviados, mas seu lar *espiritual* fica em um vale escondido nas altas Ramtops de Discworld, onde os livros de história são preservados.

Esses não são livros em que os acontecimentos do passado são pregados como borboletas a uma cortiça. São os livros dos quais a história é derivada. Há mais de vinte mil deles; cada um com três metros de altura, encadernação em chumbo e letras tão pequenas que precisam ser lidas com uma lupa.

Quando as pessoas dizem: “Está escrito...”, está escrito *neles*.

Há bem menos metáforas nisso do que as pessoas imaginam.

Mensalmente o abade e dois velhos monges vão até a caverna onde os livros são guardados. Isso costumava ser tarefa somente do abade, mas dois outros monges confiáveis foram incluídos após o infeliz caso do 59º Abade, que ganhou um milhão de dólares em pequenas apostas até ser flagrado por seus companheiros monges.

Além disso, é perigoso entrar lá sozinho. A concentração de História pura, respingando em silêncio sobre o mundo, pode ser esmagadora. O tempo é uma droga. Em excesso, pode matar.

O 493º Abade entrelaçou os dedos das mãos enrugadas e dirigiu-se a Lu-Tze, um dos seus monges mais velhos. O ar puro e a vida tranquila do vale secreto eram tão intensos que todos os monges eram velhos; além disso, quando se trabalha com o Tempo todos os dias, parte dele tende a se pulverizar.

— O lugar é Omnia — disse o abade —, na costa klatchiana.

— Eu lembro — afirmou Lu-Tze. — Um rapaz chamado Ossory, não foi lá?

— As coisas devem ser... *cuidadosamente observadas* — disse o abade. — Há pressões. Livre-arbitrio, predestinação... o poder dos símbolos... momentos decisivos... você já sabe tudo isso.

— Não vou a Omnia há mais de, ah, deve fazer setecentos anos — respondeu Lu-Tze. — Lugar seco. Acho que talvez não tenha nem uma tonelada de solo fértil em toda a área.

— Pode ir, então — disse o abade.

— Tenho de levar as minhas montanhas — respondeu Lu-Tze. — O clima vai fazer bem a elas.

E levou também a sua vassoura e a sua esteira de dormir. Os monges da história não ligam para bens materiais. Perceberam que a maioria das coisas se desfaz em um século ou dois.

Demorou quatro anos para ele chegar a Omnia. Teve de observar uma ou duas batalhas e um assassinato no caminho; caso contrário, seriam apenas eventos aleatórios.

Era o Ano da Serpente Quimérica, ou duzentos anos depois da Declaração do Profeta Abbys.

O que significava que a época do 8º Profeta era iminente.

Esse era um aspecto confiável da Igreja do Grande Deus Om: tinha profetas muito pontuais. Dava para marcar datas no calendário com eles, desde que houvesse um calendário grande o bastante.

E, como é geralmente o caso em épocas em que um profeta é esperado, a Igreja redobrou seus esforços em ser santa. Algo bem parecido com a agitação que acontece em toda grande questão que envolve auditores, só que com a prisão de todos os suspeitos de serem menos santos, mortos de centenas de maneiras engenhosas. Considera-se isso, na maioria das religiões realmente populares, um barômetro confiável do estado de piedade de uma pessoa. Há uma tendência em enxergar mais escorregadelas do que no campeonato nacional de tobogã, em declarar que a heresia deve ser arrancada pela raiz — e também pelos braços, pernas, olhos e línguas — e que é a hora de um novo começo. Sangue é geralmente considerado muito eficiente para esse fim.

*E aconteceu que, nesse tempo, o Grande Deus Om falou para Brutha, o Escolhido:*

— Psst!

Brutha parou com a enxada na mão e passou os olhos pelo jardim do Templo.

— Perdão? — disse.

Era um belo dia do início da Primavera menor. Os moinhos de oração giravam alegremente na brisa que vinha das montanhas. Abelhas vadiavam

Um bocado, porém, parte para coisas maiores. Qualquer coisa pode provocar isso. Um pastor, buscando uma ovelha perdida, encontra-a entre os espinheiros e gasta, então, um minuto ou dois para erigir um pequeno monte de pedras dando graças genéricas a quaisquer espíritos que estivessem por ali. Ou uma árvore de formato peculiar torna-se associada à cura de uma doença. Ou alguém entalha uma espiral em uma rocha isolada. Porque deuses precisam de crença, e humanos querem deuses.

Geralmente para por aí. Mas, às vezes, vai mais longe. Mais pedras são adicionadas, mais rochas são erigidas, um templo é construído sobre o local onde antes a árvore estava. O deus cresce em força, a crença de seus fiéis elevando-o como mil toneladas de combustível de foguete. Para alguns poucos, o céu é o limite.

E, às vezes, nem mesmo isso.

Irmão Nhumrod lutava com pensamentos impuros na privacidade de sua austera cela quando ouviu uma voz fervorosa vinda do dormitório dos noviços.

O rapaz Brutha estava de cara no chão, tremendo e tagarelado fragmentos de oração em frente a uma estátua de Om em Sua manifestação como um relâmpago.

Havia algo assustador naquele rapaz, pensou Nhumrod. Era o jeito como olhava para uma pessoa quando ela falava, como se estivesse ouvindo.

Andou a esmo ao redor dele e então cutucou o jovem com a ponta de sua bengala.

— Levante-se, rapaz! O que pensa que está fazendo no dormitório no meio do dia? Hein?

Brutha conseguiu virar-se sem se desgrudar do chão e agarrou os tornozelos do sacerdote.

— Voz! Uma voz! Falou comigo! — gemeu.

Nhumrod suspirou. Ah. Aquilo era território familiar. Vozes eram bem comuns no claustro de Nhumrod. Ouvia-as o tempo todo.

— Levante-se, rapaz — disse, um pouco mais gentil.

pelos brotos de feijão, mas zumbiam depressa, para dar a impressão de trabalho árduo. Lá no alto, uma águia solitária voava em círculos.

Brutha deu de ombros e voltou para os melões.

*Mas, sim, o Grande Deus Om falou de novo com Brutha, o Escolhido:*

— Psst!

Brutha hesitou. Alguém tinha mesmo falado com ele, uma voz vinda do nada. Talvez fosse um demônio. O mestre dos noviços, Irmão Nhumrod, não parava de falar em demônios. Pensamentos impuros e demônios. Um levava ao outro. Brutha tinha a desconfortável noção de que provavelmente estava em débito com algum demônio.

Só lhe restava ser firme e repetir os Nove Aforismos Fundamentais.

*Mais uma vez, o Grande Deus Om falou com Brutha, o Escolhido:*

— Está surdo, rapaz?

A enxada fincou-se no solo fértil com um baque surdo. Brutha virou-se. Havia as abelhas, a águia, e, no outro canto do jardim, o velho Irmão Lu-Tze revolvía, sonhador, um monte de esterco. Os moinhos de oração giravam, tranquilizadores, ao longo dos muros.

Fez o sinal que o Profeta Ishkible usava para banir os espíritos.

— Para trás de mim, demônio — murmurou.

— Eu *estou* atrás de você.

Brutha virou-se de novo, lentamente. O jardim ainda estava vazio.

Saiu correndo.

Muitas histórias têm início bem antes de começar, e a história de Brutha teve suas origens milhares de anos antes de seu nascimento.

Há bilhões de deuses no mundo. Formam um bando mais numeroso do que ovas de arenque. Muitos deles são pequenos demais para serem vistos e nunca são adorados, pelo menos não por algo maior do que bactérias, que nunca fazem suas orações e não são muito exigentes em termos de milagres.

São os pequenos deuses — os espíritos dos lugares onde duas trilhas de formigas se cruzam, os deuses dos microclimas abaixo dos gramados. E a maioria deles continua assim.

Porque lhes falta a *crença*.

Brutha ficou de pé.

Ele era — e Nhumrod já havia reclamado disso antes — velho demais para ser um noviço adequado. Uns dez anos velho demais. Dê-me um menino com até sete anos de idade, Nhumrod sempre dizia.

Mas Brutha morreria noviço. Quando fizeram as regras, nunca deveriam ter permitido algo parecido com ele.

Seu rosto vermelho, grande e honesto, olhou para o mestre dos noviços.

— Sente-se em sua cama, Brutha — disse Nhumrod.

Brutha obedeceu de imediato. Não sabia o significado da palavra desobediência. Era apenas uma entre inúmeras palavras cujo significado ele desconhecia.

Nhumrod sentou-se ao seu lado.

— Então, Brutha — disse —, você sabe o que acontece com as pessoas que dizem mentiras, não sabe?

O noviço assentiu, corando.

— Muito bem. Agora me fale a respeito dessas vozes.

Brutha torcia a bainha do seu manto com as mãos.

— Era uma voz só, mestre — disse ele.

— ... "uma voz só" — repetiu Irmão Nhumrod. — E o que disse essa voz? Hein?

Brutha hesitou. Pensando bem, a voz não tinha *dito* muita coisa. Tinha apenas falado. De qualquer maneira, era difícil conversar com Irmão Nhumrod, que tinha o hábito nervoso de olhar de soslaio para os lábios do interlocutor e repetir as últimas palavras que ele dizia praticamente ao mesmo tempo em que eram proferidas. Ele também tocava nas coisas o tempo todo — paredes, móveis, pessoas — como se tivesse medo de que o universo desaparecesse se não o tocasse. E tinha tantos tiques nervosos que eles precisavam fazer fila. Irmão Nhumrod era perfeitamente normal para alguém que sobrevivera na Cidadela por cinquenta anos.

— Bem... — começou Brutha.

Irmão Nhumrod levantou a mão magra. Brutha podia ver as veias azuis e pálidas.

— E eu tenho certeza de que você sabe que existem *dois* tipos de vozes que são ouvidas pelo espiritual — disse o mestre dos noviços. Uma sobran-celha começou a tremer.

— Sim, mestre. Irmão Murduck nos contou isso — disse Brutha, com humildade.

— ... "contou isso". Sim. Às vezes, como Ele em Sua infinita sabedoria permite, o Deus fala a um escolhido e ele se torna um grande profeta — explicou Nhumrod. — Agora, estou certo de que você não se considera um deles. Hein?

— Não, mestre.

— ... "mestre". Mas há outras vozes — disse Irmão Nhumrod, e agora sua própria tremia de leve — sedutoras, adulatoras e persuasivas, não? Vozes que estão sempre esperando para nos pegar com a guarda baixa.

Brutha relaxou. Aquilo lhe era mais familiar.

Todos os noviços sabiam desses tipos de vozes. Só que, normalmente, falavam sobre coisas bastante simples, como os prazeres da manipulação noturna e a desejabilidade das garotas em geral. O que demonstrava que eram noviços quando se tratava de vozes. Irmão Nhumrod lidava com vozes que eram, comparativamente, um oratório completo. Alguns dos noviços mais ousados gostavam de fazer Irmão Nhumrod falar sobre essas vozes. Era uma verdadeira aula, diziam. Especialmente quando pequenas poças de cuspe branco apareciam nos cantos de sua boca.

Brutha escutou.

Irmão Nhumrod era o mestre dos noviços, mas não era o mestre dos noviços. Ele era apenas mestre do grupo que incluía Brutha. Havia outros. Talvez alguém na Cidadela soubesse quantos eram. Em algum lugar havia alguém cujo trabalho era saber *tudo*.

A Cidadela ocupava todo o coração da cidade de Kom, nas terras entre os desertos de Klatch e as planícies e florestas de Howondaland. Estendia-se por quilômetros, seus templos, igrejas, escolas, dormitórios, jardins e torres crescendo uns por dentro dos outros de uma maneira que sugeria um milhão de cupins, todos tentando construir seus montes ao mesmo tempo.

Quando o sol nascia, o reflexo das portas do Templo central ardia como fogo. Eram de bronze e tinham trinta metros de altura. Nelas, em letras de ouro gravadas em chumbo, estavam os Mandamentos. Havia 512 até agora, e, sem dúvida, o próximo profeta acrescentaria seu quinhão.

Isso não fez lá muita diferença.

— Velho surdo — murmurou o Grande Deus Om.

Ou talvez houvesse alguém que *soubesse* tudo o que havia para ser sabido sobre a Cidadela. Há sempre alguém que reúne conhecimento, não por causa de um amor pelas coisas, mas da mesma forma que um corvo coleta grãos brilhantes ou uma mosca-d'água coleta pequenos pedaços de galhos e pedras. E há sempre alguém que tem de fazer todas essas coisas que precisam ser feitas, mas que outras pessoas preferem não fazer ou mesmo reconhecer que existem.

A terceira coisa que as pessoas notavam em Vorbis era a sua altura. Tinha bem mais de um metro e oitenta, porém era magrelo, como se uma pessoa de proporções normais tivesse sido moldada em argila por uma criança e depois rolada com a palma das mãos para que se esticasse.

A segunda coisa que as pessoas notavam em Vorbis eram seus olhos. Seus antepassados vinham de uma tribo dos confins do deserto que havia evoluído o traço peculiar de ter olhos escuros — não apenas pupilas escuras, mas quase todo o globo ocular escuro. Com isso, era muito difícil saber para onde ele estava olhando. Era como se usasse óculos escuros sob a pele.

Mas a primeira coisa que notavam era seu crânio.

Diácono Vorbis era careca por opção. A maioria dos ministros da Igreja, tão logo ordenados, cultivavam longos cabelos e barbas nas quais se podia perder um bode. Mas Vorbis raspava tudo. Ele reluzia. E a falta de cabelo parecia incrementar seu poder. Ele não intimidava. Nunca havia ameaçado. Apenas dava a todos a sensação de que seu espaço pessoal começava a vários metros de seu corpo e que qualquer um que se aproximasse intrometia-se em algo importante. Superiores cinquenta anos mais velhos que ele pediam desculpas por interromper o que quer que ele estivesse pensando.

Era quase impossível saber o que ele estava pensando, e ninguém nunca perguntava. A razão mais óbvia para isso é que Vorbis era o chefe da Quisição, cujo trabalho constituía fazer todas aquelas coisas que precisavam ser feitas e que outras pessoas preferiam não fazer.

O brilho refletido do sol reluzia sobre as dezenas de milhares de fiéis abaixo, que trabalhavam pela glória maior do Grande Deus Om.

Provavelmente ninguém *sabia* quantos deles havia. Algumas coisas têm seu jeito próprio de atingir o ponto crítico. Certamente havia apenas um Cenobiarca, o Sou Superior. Isso era certo. E seis Arcepadres. E trinta Sous menores. E centenas de bispos, diáconos, subdiáconos e sacerdotes. E noviços como ratos em um armazém de cereais. E artesãos, criadores de touros, torturadores, e Virgens Vestigiais...

Não importavam suas habilidades, haveria um lugar para alguém na Cidadela.

E se tais habilidades consistissem em fazer o tipo errado de perguntas ou perder o tipo justo de guerras, este lugar poderia ser simplesmente os fornos de pureza ou os poços de justiça da Quisição.

Um lugar para todos. E todos em seu lugar.

O sol batia no jardim do templo.

O Grande Deus Om tentou ficar sob a sombra de um pé de melões. Ele certamente estaria seguro ali, dentro daquelas paredes e com as torres de oração ao redor, mas ser cuidadoso nunca era demais. Havia sido sortudo uma vez, mas era pedir muito esperar ter sorte novamente.

O problema em ser um deus é que não se tem ninguém para quem orar.

Titubeou de propósito na direção do velho que retirava esterco com uma pá até que, depois de muito esforço, julgou estar perto o bastante para ser ouvido.

E disse assim:

— Ei, você!

Não houve resposta. Não houve sequer indício de ter sido ouvido.

Om perdeu a paciência e transformou Lu-Tze em um humilde verme na mais profunda fossa do inferno, e, então, ficou ainda mais zangado quando o velho continuou a cavar pacificamente.

— Que os demônios do infinito preencham seus ossos com enxofre! — gritou.

Não se pergunta a pessoas como ele no que estão pensando, pois podem se virar muito lentamente e dizer: "Em você."

O mais alto posto que se poderia obter na Quisição era o de diácono, uma regra instituída havia centenas de anos para evitar que esse ramo da Igreja ficasse grande demais para as suas botas.\* Mas, com uma mente como aquela, todo mundo dizia que ele já poderia facilmente ter virado um arcepadre ou até mesmo o Sou.

Vorbis não se preocupava com esse tipo de besteira. Vorbis conhecia seu destino. O próprio Deus não lhe dissera?

— Pronto — disse Irmão Nhumrod, dando tapinhas no ombro de Brutha. — Tenho certeza de que você verá as coisas mais claramente agora.

Brutha sentiu que uma resposta específica era esperada.

— Sim, mestre — respondeu. — Tenho certeza de que o farei.

— ... "farei." É seu dever sagrado resistir às vozes em todos os momentos — disse Nhumrod, ainda dando tapinhas.

— Sim, mestre. Resistirei. Especialmente se elas me disserem para fazer qualquer uma das coisas que o senhor mencionou.

— ... "mencionou". Bom. Bom. E, se ouvi-las novamente, o que você vai fazer? Hein?

— Virei lhe contar — disse Brutha obedientemente.

— ... "contar." Bom. Bom. Isso é o que gosto de ouvir — disse Nhumrod. — Isso é o que digo a todos os meus meninos. Lembre-se de que estou sempre aqui para lidar com quaisquer probleminhas que o estejam incomodando.

— Sim, mestre. Devo voltar para o jardim agora?

— ... "agora." Acho que sim. Acho que sim. E nada de vozes, ouviu? — Nhumrod acenou com um dedo da mão que não dava tapinhas. Uma das bochechas enrugou-se.

— Sim, mestre.

\* Que eram de tamanho único, para todos os tipos de pés e com parafusos ajustáveis.

— O que você estava fazendo no jardim?  
 — Revolvendo a terra dos melões com a enxada, mestre — respondeu Brutha.  
 — Melões? Ah. Melões — disse Nhumrod lentamente. — Melões. Melões. Bem, isso, de certa forma, explica algumas coisas, é claro. Uma pálpebra piscou loucamente.

Não era somente o Grande Deus que falava com Vorbis, nos confins de sua cabeça. *Tudo mundo* falava com um exquísitor, mais cedo ou mais tarde. Era apenas uma questão de resistência.

Vorbis não costumava descer para observar o trabalho dos inquisidores naqueles dias. Exquísitores não precisavam fazer isso. Ele enviava instruções, recebia relatórios. Mas circunstâncias especiais mereciam sua atenção especial.

Precisa ser dito... havia poucos motivos para risadas nos porões da Quisição. Sobretudo se você tivesse um senso de humor normal. Não havia plaquinhas divertidas dizendo: Você Não Tem Que Ser Impiedosamente Sádico Para Trabalhar Aqui, Mas Ajuda!!!

No entanto, havia coisas que sugeriam a um homem de ideias que o Criador da humanidade tinha, de fato, um senso de diversão bastante oblíquo, e elas produziam em seu coração uma raiva que o impelia a querer invadir os portões do céu.

As canecas, por exemplo. Os inquisidores paravam de trabalhar duas vezes por dia para o café. Suas canecas, que cada um trouxera de casa, eram reunidas em torno da chaleira no fogão da fornalha central, que, aliás, aquecia os ferros e as facas.

Continham frases escritas, como Um Presente da Santa Gruta de Ossory, ou Para o Melhor Pai do Mundo. A maioria delas estava lascada, e todas eram diferentes.

E havia os cartões-postais na parede. Era uma tradição que, se um inquisidor saísse de férias, ele enviaria uma xilogravura tosca e colorida de alguma cena local, com uma mensagem adequadamente divertida e picante na parte de trás. E havia a carta chorosa do Inquisidor Primeira Classe

Vorbis tornou a sentar-se, a expressão inalterada. Sua expressão raramente se alterava, a menos que ele quisesse. O inquisidor observava-o com horror.

— Entendo — disse Vorbis. Levantou-se e acenou para o inquisidor.  
 — Há quanto tempo ele está aqui?  
 — Dois dias, senhor.  
 — E você pode mantê-lo vivo por...?  
 — Talvez mais dois dias, senhor.  
 — Faça isso. Faça isso. Afinal de contas — disse Vorbis —, é nosso dever preservar a vida pelo máximo de tempo possível. Não é?

O inquisidor deu-lhe o sorriso nervoso de alguém que está na presença de um superior, cuja mera palavra poderia colocá-lo algemado a um banco.

— Er... sim, senhor.  
 — Heresia e mentiras estão por toda parte — suspirou Vorbis. — E agora vou ter de encontrar outro secretário. Que coisa desgastante.

Após vinte minutos, Brutha relaxou. As vozes malignas e sensuais de sereia pareciam ter ido embora.

Continuou com os melões. Sentia-se capaz de compreender os melões. Melões pareciam muito mais compreensíveis que a maioria das coisas.

— Ei, você!  
 Brutha endireitou-se.  
 — Eu não estou ouvindo, ó, súcubo imundo — disse.  
 — Ah, sim, você está, rapaz. Agora, o que eu quero que você faça é...  
 — Estou com os dedos nos ouvidos!  
 — Issó lhe cai bem. Muito bem. Faz com que você pareça um vaso. Agora...

— Estou cantarolando uma melodia! Estou cantarolando uma melodia! Irmão Preptil, o mestre da música, já descrevera a voz de Brutha como capaz de fazê-lo sentir-se um abutre decepcionado por chegar tarde demais a um burro morto. Cantar no coral era obrigatório para os noviços, mas, após muita insistência do Irmão Preptil, uma dispensa especial fora concedida a Brutha. A visão de seu grande rosto redondo ansioso por agradecer

Ishmale "Pop" Quoom, agradecendo a todos os rapazes pela coleta de nada menos que setenta e oito *obols* para seu presente de aposentadoria e o encantador buquê de flores para a senhora Quoom, indicando que ele sempre se lembraria dos seus dias no poço Nº 3, e ansiava por voltar e ajudar a qualquer momento, quando estivessem sem pessoal.

E tudo isso significava o seguinte: que quase todos os excessos do mais louco dos psicopatas podem ser facilmente duplicados por um homem de família normal e gentil, que apenas vai trabalhar todos os dias e tem uma tarefa a fazer.

Vorbis adorava saber isso. Um homem que sabia isso, sabia tudo o que precisava saber sobre as pessoas.

No presente momento, ele estava sentado ao lado do banco em que repousava o que ainda era, tecnicamente, o corpo trêmulo do Irmão Sasho, seu ex-secretário.

Este olhou para cima, para o diligente inquisidor, que assentiu. Vorbis inclinou-se sobre o secretário acorrentado.

— Quais eram os nomes deles? — repetiu.

— ... não sei...

— Eu sei que você deu a eles cópias da minha correspondência, Sasho. Eles são hereges traiçoeiros que passarão a eternidade nos infernos. Vai se juntar a eles?

— ... não sei nomes...

— Eu confiei em você, Sasho. Você me espionou. Traiu a Igreja.

— ... nenhum nome...

— A verdade é o fim da dor, Sasho. Diga-me.

— ... verdade...

Vorbis suspirou. E, então, viu um dos dedos de Sasho abrindo e fechando sob as algemas. Acenando.

— Sim?

Inclinou-se, aproximando-se do corpo.

Sasho abriu o olho que lhe restava.

— ... verdade...

— Sim?

— ... A Tartaruga se Move...

já era ruim o bastante, mas pior era ouvir sua voz, certamente poderosa e cheia de convicção, oscilando para trás e para a frente ao longo da melodia, sem jamais acertar.

Ele ganhou Melões Extras no lugar das aulas.

No alto das torres de oração, um bando de corvos decolou com pressa.

Depois de um refrão completo de *Ele Pisa nos Injustos com Cascos de Ferro Quente*, Brutha destampou os ouvidos e arriscou uma escudadela rápida.

Com exceção dos protestos distantes dos corvos, havia silêncio.

Funcionou. Põe tua confiança em Deus, dizem. E ele sempre o fizera. Até onde era capaz de se lembrar. Pegou a enxada e voltou-se, com alívio, para as vinhas.

A lâmina da enxada estava prestes a bater no chão quando Brutha viu a tartaruga.

Era pequena, basicamente amarela e coberta de poeira. Seu casco era mal-lapidado. Tinha um olho em forma de gota — o outro havia caído graças a um dos milhares de perigos que assolam toda criatura lenta que vive a um centímetro do chão.

Olhou em volta. Os jardins ficavam dentro do complexo do templo e cercados por altos muros.

— Como você chegou aqui, pequena criatura? — indagou. — Voou?

A tartaruga olhou-o monoticamente. Brutha sentiu saudades de casa. Havia uma abundância de tartarugas nas colinas de areia da sua terra.

— Eu poderia lhe dar um pouco de alface — disse Brutha. — Mas acho que tartarugas não são permitidas nos jardins. Vocês não são uma praga?

A tartaruga continuou a fitá-lo. Praticamente nada pode fitar como uma tartaruga.

Brutha sentiu-se obrigado a fazer alguma coisa.

— Há uvas — disse. — Provavelmente não é pecado eu lhe dar uma uva. Você gostaria de uma uva, tartaruguinha?

— Você gostaria de ser uma abominação nas fossas mais inferiores do caos? — perguntou a tartaruga.

Os corvos, que tinham fugido para as paredes exteriores, decolaram novamente após uma interpretação de *O Caminho do Infel É um Ninho de Espinhos*.



Brutha abriu os olhos e tirou os dedos dos ouvidos novamente.

A tartaruga disse:

— Ainda estou aqui.

Brutha hesitou. Ocorreu-lhe, muito lentamente, que os demônios e súcubos não surgiam na forma de pequenas tartarugas. Não faria muito sentido. Até mesmo Irmão Nhumrod teria de concordar que, em termos de erotismo desenfreado, havia coisa muito melhor do que uma tartaruga caolha.

— Eu não sabia que tartarugas podiam falar — disse ele.

— Elas não podem — respondeu a tartaruga. — Leia meus lábios.

Brutha olhou mais de perto.

— Você não tem lábios — disse ele.

— Não, nem cordas vocais adequadas — concordou a tartaruga. — Estou fazendo isso diretamente na sua cabeça, entende?

— Puxa!

— Você *entende*, não é?

— Não.

A tartaruga olhou para cima e suspirou.

— Eu deveria ter imaginado. Bem, não importa. Não preciso perder tempo com jardineiros. Vá e traga o maioral, agora.

— Maioral? — disse Brutha. Colocou a mão na boca. — Você quer dizer... Irmão Nhumrod?

— Quem é ele? — perguntou a tartaruga.

— O mestre dos noviços!

— Ah, pelo amor de *Mim Mesmo!* — exclamou a tartaruga. — Não — continuou, numa imitação afetada da voz de Brutha. — Não quero dizer o mestre dos noviços. Quero dizer o Sumo Sacerdote ou como quer que ele se chame. Acredito que *haja* um.

Brutha assentiu, inexpressivo.

— Sumo Sacerdote, ouviu? — disse a tartaruga. — Sumo. Sacerdote. Sumo Sacerdote.

Brutha fez que sim com a cabeça novamente. Sabia que havia um Sumo Sacerdote. Apenas isso; o máximo que podia apreender da estrutura hierárquica entre ele mesmo e Irmão Nhumrod. Era incapaz de considerar por muito tempo qualquer tipo de ligação entre Brutha, o noviço, e o Cenobiarca. Era teoricamente ciente de que havia um, que havia uma enorme estrutura

— Eu sou o Grande Deus Om — disse a tartaruga, com uma voz ameaçadora e inevitavelmente grave —, e, em pouco tempo, você será um sacerdote muito infeliz. Vá buscá-lo.

— Noviço — disse Brutha.

— O quê?

— Noviço, não sacerdote. Eles não vão me deixar...

— Vá chamá-lo!

— Mas acho que o Cenobiarca nunca veio até a nossa horta — disse Brutha. — Acho que ele nem sabe o que é um melão.

— Isso não me importa — retrucou a tartaruga. — Vá buscá-lo agora, ou haverá um tremor de terra, a lua virará sangue, febres e furúnculos afligirão a humanidade e diversas doenças surgirão. Estou falando sério — acrescentou.

— Vou ver o que posso fazer — disse Brutha, recuando.

— E estou sendo bem razoável, levando-se em conta as circunstâncias! — gritou a tartaruga.

— Você não canta mal, lembre-se! — acrescentou.

— Já ouvi piores! — berrou quando o roupão sujo de Brutha já desaparecia pelo portão.

— Me faz recordar aquela vez em que a praga irrompeu em Pseudópolis — disse em voz baixa, à medida que os passos sumiam. — Que gêmeadeira e ranger de dentes havia por lá — suspirou. — Bons tempos. Bons tempos!

Muitos sentem que são chamados para o sacerdócio, mas o que realmente ouvem é uma voz interior dizendo:

— É serviço interno, sem trabalho pesado, você quer ser um lavrador como o seu pai?

E Brutha não só acreditou. Ele realmente acreditou. Esse tipo de coisa geralmente é constrangedor quando acontece em uma família temente a Deus, mas Brutha só tinha sua avó — e ela acreditou também. Ela acreditou como o ferro acredita no metal. Era o tipo de mulher que todo sacerdote teme em sua congregação, aquela que conhece todos os cantos, todos os

canônica com o Sumo Sacerdote no topo e Brutha muito firmemente no fundo, mas ele a enxergava da mesma forma que uma ameba poderia visualizar a cadeia da evolução completa entre si mesma e, por exemplo, um contador juramentado. Eram eles perdidos por todo o caminho até o topo.

— Eu não posso pedir para o... — Brutha hesitou. A mera *ideia* de falar com o Cenobiarca emudecia-o de pavor. — Não posso pedir que *ninguém* peça para o Alto Cenobiarca vir falar com uma *tartaruga!*

— Transforme-se em uma sanguessuga do lodo e murche nas chamas da vingança! — gritou a tartaruga.

— Não precisa amaldiçoar — disse Brutha.

A tartaruga dobrava e esticava as patas furiosamente.

— Isso não foi uma maldição! Foi uma ordem! Sou o Grande Deus Om!

Brutha piscou.

Então disse:

— Não, você não é. Já vi o Grande Deus Om. — E moveu a mão, fazendo respeitosamente a forma dos chifres sagrados. — Ele não é tartarugiforme. Ele vem como uma águia, um leão ou um poderoso touro. Há uma estátua no Grande Templo. Tem sete cúbitos de altura.\* Tem partes de bronze e tudo. Está pisando nos infieis. Não dá para pisar em infieis quando se é uma tartaruga. Quero dizer, você só conseguiria fitá-los com um olhar significativo. E ela tem chifres de ouro de verdade. Onde eu morava havia uma estátua de um cúbito de altura na aldeia vizinha e essa também era como um touro. Então, é por isso que eu sei que você não é o Grande Deus — chifres sagrados — Om.

A tartaruga murchou.

— Quantas tartarugas falantes você já encontrou? — perguntou sarcasticamente.

— Eu não sei — respondeu Brutha.

— Como assim, você não sabe?

— Bom, todas elas poderiam falar — disse Brutha, pensativo, demonstrando o tipo muito pessoal de lógica que lhe rendera os Melões Extras. — Elas poderiam simplesmente não dizer nada na minha presença.

\* Pouco mais de três metros. (N. T.)

sermões. Na Igreja Omniana, as mulheres eram apenas toleradas no templo e tinham de ficar em silêncio absoluto e muito bem cobertas, em seu setor específico atrás do púlpito, para evitar que a visão da outra metade da raça humana fizesse com que os membros masculinos da congregação ouvissem vozes não tão distintas daquelas que atormentavam Irmão Nhumrod a cada hora de sono e de vigília. O problema era que a avó de Brutha tinha uma personalidade que se projetava até mesmo através de uma placa de chumbo e uma piedade amarga com a força de uma broca com ponta de diamante.

Se ela tivesse nascido homem, o Omnianismo teria encontrado seu 8º Profeta antes do esperado. Em vez disso, ela organizava a limpeza do templo, o polimento das estátuas e os turnos de apedrejamento das adúlteras com espantosa eficiência.

Desta forma, Brutha foi criado com um conhecimento certo e seguro do Grande Deus Om. Brutha cresceu *sabendo* que os olhos de Om estavam sobre ele o tempo todo, especialmente em lugares como a privada, e que os demônios o assaltavam de todos os lados e só eram mantidos a distância pela força de sua crença e do peso da bengala da avó, que era mantida atrás da porta nas raras ocasiões em que não estava sendo usada. Ele sabia de cor todos os versos de todos os sete Livros dos Profetas, e cada um dos Preceitos. Conhecia todas as Leis e as Canções. Especialmente as Leis.

Os omnianos eram um povo temente a Deus.

Tinham muito a temer.

A sala de Vorbis ficava na Cidadela superior, o que era incomum para um mero diácono. Ele não pedira isso. Raramente precisava pedir alguma coisa. O destino tem sua maneira de marcar seus escolhidos.

Ele também era visitado por alguns dos homens mais poderosos da hierarquia da Igreja.

Não, claro, pelos seis Arcepadres ou o próprio Cenobiarca. Eles não eram assim tão importantes. Apenas estavam no topo. As pessoas que realmente comandam as organizações são normalmente encontradas vários níveis abaixo, onde ainda é possível fazer as coisas.

As pessoas gostavam de ser amigas de Vorbis, principalmente por causa do já mencionado campo mental que sugeria a elas, da forma mais sutil, que elas não o queriam ter como inimigo.

Duas delas estavam sentadas com ele agora. Eram o General Sou Fri't, que vários registros oficiais apontavam como o homem que liderava a maior parte da Legião Divina, e o Bispo Drunah, secretário do Congresso de Sous. As pessoas podiam não achar que essa fosse uma posição de poder, mas isso porque nunca tiveram a chance de atuar como secretário de minutas das reuniões de um bando de velhos já meio surdos.

Nenhum dos dois homens estava de fato ali. Eles não estavam falando com Vorbis. Era um *daqueles* tipos de reunião. Muita gente não falava com Vorbis e fazia de tudo para não ter de se reunir com ele. Alguns dos abades dos mosteiros distantes tinham sido convocados recentemente para a Cidadela, viajando em segredo por uma semana ao longo de terreno tortuoso, apenas para que não se juntassem às sombrias figuras que visitavam a sala de Vorbis. Nos últimos meses, Vorbis aparentemente tivera tantos visitantes quanto o Homem da Máscara de Ferro.

Tampouco estavam falando. Mas, se *houvessem estado lá, e se houvessem tido uma conversa*, ela teria sido assim:

— E agora — disse Vorbis —, a questão de Efebo.

O Bispo Drunah deu de ombros.\*

— É irrelevante, dizem. Nenhuma ameaça.

Os dois homens olharam para Vorbis, alguém que nunca levantava a voz. Era muito difícil dizer o que estava pensando, muitas vezes mesmo depois de ele ter contado.

— Mesmo? É essa a nossa conclusão? — indagou ele. — Nenhuma *ameaça*? Depois do que fizeram com o pobre Irmão Murduck? Os insultos a Om? Isso não pode passar em branco. O que se propõe que seja feito?

— Cessar o combate — disse Fri't. — Eles lutam como loucos. Não. Nós já perdemos muitos.

— Eles têm deuses fortes — disse Drunah.

— Eles têm arcos melhores — disse Fri't.

\* Ou assim teria feito. Se houvesse estado lá. Mas não estava. Assim, não o fez.

— Mas desleal — acrescentou Vorbis — e, agora, recebendo sua justa recompensa. Só é lamentável que ele não tenha sido induzido a nos dar os nomes de seus companheiros hereges.

Fri't lutou contra a súbita onda de alívio. Seus olhos encontraram os de Vorbis. Drunah quebrou o silêncio.

— *De Chelonian Mobile* — disse em voz alta. — “A Tartaruga se Move”. O que significa isso?

— Apenas contar isso a vocês já poderia provocar o risco de suas almas passarem mil anos no inferno — disse Vorbis. Seus olhos não haviam abandonado Fri't, que agora olhava fixamente para a parede.

— Acho que é um risco que podemos cuidadosamente correr — disse Drunah.

Vorbis deu de ombros.

— O escritor afirma que o mundo... viaja através do vazio sobre os lombos de quatro grandes elefantes — disse.

A boca de Drunah escancarou-se.

— Sobre os lombos? — perguntou.

— É o que ele afirma — respondeu Vorbis, ainda observando Fri't.

— Mas eles estão sobre o quê?

— O escritor diz que eles estão de pé sobre o casco de uma enorme tartaruga — disse Vorbis.

Drunah sorriu, nervoso.

— E sobre o quê ela está? — indagou ele.

— Não vejo nenhum sentido em especular sobre o quê ela está — disse Vorbis —, uma vez que ela não existe!

— Claro, claro — disse Drunah com rapidez. — Foi apenas curiosidade boba.

— A maioria das curiosidades o é — observou Vorbis. — Levam a mente a tomar caminhos especulativos. No entanto, o homem que escreveu isso caminha em liberdade, em Efebo, *neste instante*.

Drunah olhou para o pergaminho.

— Ele diz aqui que esteve em um navio que navegou até uma ilha na ponta e então analisou o lugar e...

— Mentiras — disse Vorbis, decidido. — E isso não faria diferença alguma, mesmo que não fossem mentiras. A verdade está por dentro, não por fora. Mas palavras do Grande Deus Om, como proferidas por seus profetas escolhidos. Nossos olhos podem nos enganar, mas nosso Deus, nunca.

— Não há nenhum Deus além de Om — disse Vorbis. — O que os efebianos acreditam adorar são apenas djinns e demônios. Se é que pode ser chamado de adoração. Já viram isso?

Empurrou um pergaminho para a frente.

— O que é? — perguntou Fri't com cautela.

— Uma mentira. Uma história que não existe e nunca existiu... uma... uma coisa... — Vorbis hesitou, tentando lembrar uma palavra que havia muito caído em desuso — ... como as... histórias que contam para as crianças bem pequenas... palavras que as pessoas usam para... as...

— Ah. Uma fábula — disse Fri't. O olhar de Vorbis fuzilou-o.

— Você sabe dessas coisas?

— Eu... quando viajei para Klatch uma vez... — gaguejou Fri't. Visivelmente esforçava-se para se recompor. Havia comandado cem mil homens em batalha. Não merecia isso.

Descobriu que não se atrevia a olhar para a expressão de Vorbis.

— Eles dançam danças — disse frouxamente. — Em seus dias santos. As mulheres têm sinos em suas... E cantam canções. Todas sobre os primeiros dias dos mundos, quando os deuses...

Sua voz sumiu.

— Era horrível — disse. Estalou os dedos, como sempre fazia quando estava preocupado.

— *Esse papel contém os deuses deles* — disse Vorbis. — *Homens de máscaras*. Acreditam nisso? Eles têm um deus do *vinho*. Um velho bêbado! E as pessoas dizem que Efebo não é uma ameaça! E este...

Deixou cair na mesa outro pergaminho, mais grosso que o primeiro.

— *Este é muito pior*. Pois quando adoram falsos deuses em erro, o erro está na escolha dos deuses, não em sua adoração. Mas este...

Drunah fez-lhe um exame cuidadoso.

— Acredito que existam outras cópias, até mesmo na Cidadela — disse Vorbis. — Esta pertencera a Sasho. Não foi você quem o recomendou a mim, Fri't?

— Ele sempre me pareceu um jovem inteligente e perspicaz — disse o general.

— Mas...

Vorbis olhou para Fri't. O general suava.

— Sim? — disse.

— Bem... Efebo. Um lugar onde loucos têm ideias loucas. Todo mundo sabe disso. Talvez o mais sensato fosse deixá-los cozinhar em sua loucura?

Vorbis balançou a cabeça.

— Infelizmente, ideias estranhas e instáveis têm uma tendência perturbadora de se movimentar e assumir o controle.

Fri't teve de admitir que isso era verdade. Ele sabia por experiência própria que as ideias verdadeiras e óbvias, como a sabedoria e julgamento inefáveis do Grande Deus Om, pareciam tão obscuras para tantas pessoas que era preciso mesmo matá-las antes que enxergassem o erro de seus caminhos, ao passo que noções perigosas, nebulosas e equivocadas muitas vezes exerciam tal atração sobre algumas pessoas — e ele esfregou uma cicatriz, pensativo — que elas se esconderiam nas montanhas e atirariam pedras nos outros até, enfim, morrerem de fome. Preferem morrer a ver o sentido das coisas. Fri't vira o sentido em uma idade precoce. Vira que fazia sentido não morrer.

— O que você propõe? — indagou.

— O Conselho quer negociar com Efebo — disse Drunah. — Você sabe que eu tenho de organizar uma delegação que partirá amanhã.

— Quantos soldados? — perguntou Vorbis.

— Apenas um guarda-costas. Afinal de contas, temos salvo-conduto garantido — disse Fri't.

— *Temos salvo-conduto garantido* — repetiu Vorbis. Soou como uma longa maldição. — E uma vez lá dentro...?

Fri't queria dizer: eu falei com o comandante da guarnição efebiana, e acho que ele é um homem honrado, embora, é claro, seja de fato um infiel desprezível e mais baixo que os vermes. Mas não era o tipo de coisa que julgava prudente dizer a Vorbis.

Substituiu por:

— Devemos ficar alertas.

— Nós podemos surpreendê-los?

Fri't hesitou.

— Nós? — perguntou.

— Vou liderar o grupo — disse Vorbis. Houve uma breve troca de olhares entre ele e o secretário. — Eu... gostaria de ficar longe da Cidadela

por um tempo. Uma mudança de ares. Além disso, não devemos permitir que os efebianos pensem que merecem as atenções de um membro superior da Igreja. Eu estava meditando sobre as possibilidades, caso sejamos provocados...

O muxoxo nervoso de Fri't pareceu o estalar de um chicote:

— Nós lhe demos a nossa palavra...

— Não há trégua com infiéis — disse Vorbis.

— Mas há considerações práticas — retrucou Fri't, da forma mais afirmativa que se atrevia a usar. — O palácio de Efebo é um labirinto. Eu sei. Existem armadilhas. Ninguém entra sem um guia.

— Como o guia entra? — perguntou Vorbis.

— Presumo que ele guie a si mesmo — disse o general.

— Na minha experiência, há sempre um outro caminho — disse Vorbis.

— Para tudo, há sempre um outro caminho. Que o Deus mostrará a seu próprio tempo, disso podemos ter certeza.

— Certamente tudo seria mais fácil se houvesse uma falta de estabelecimento em Efebo — disse Drunah. — E, de fato, ela abriga determinados... elementos.

— E será o portão de entrada para toda a costa Rotacional — disse Vorbis.

— Bem...

— O Djel, e então Tsort — disse Vorbis.

Drunah tentou evitar olhar para a expressão de Fri't.

— É nosso dever — afirmou Vorbis. — Nosso dever sagrado. Não devemos nos esquecer do pobre Irmão Murduck. Ele estava desarmado e sozinho.

As enormes sandálias de Brutha pisoteavam obedientemente o piso de pedra do corredor em direção ao estéril claustro de Irmão Nhumrod.

Tentava compor mensagens em sua mente. Mestre, há uma tartaruga que diz; Mestre, esta tartaruga quer; Mestre, imagine só, eu ouvi esta tartaruga nos melões que...

Brutha nunca ousara pensar em si mesmo como um profeta, mas tinha uma bela ideia do resultado de qualquer entrevista que começasse dessa maneira.

A Cidadela tinha bastante subsolo. Havia os poços e túneis da Quisição. Havia porões e esgotos, salas esquecidas, becos sem saída, espaços atrás de paredes antigas, até mesmo cavernas naturais na própria rocha.

Esta era uma dessas cavernas. A fumaça da fogueira no meio do chão saía por uma fenda no teto e, enfim, para o labirinto de incontáveis chaminés e poços de luz acima.

Havia uma dúzia de figuras nas sombras dançantes. Usavam capuzes grosseiros sobre roupas sem atrativos — coisas rudimentares feitas de trapos; nada que não pudesse ser facilmente queimado após a reunião, de modo que os dedos errantes da Quisição não encontrassem algo incriminador. Alguma coisa na forma como a maioria deles se movia sugeria homens acostumados a carregar armas. Aqui e ali, pistas. Uma postura. O tom de uma palavra.

Em uma das paredes da caverna havia um desenho. Era vagamente oval, com três pequenas extensões na parte superior — a do meio, ligeiramente maior — e três na parte inferior, a do meio destas um pouco mais longa e pontuda. Um desenho infantil de uma tartaruga.

— É claro que ele vai para Efebo — disse uma máscara. — Não terá coragem de não ir. Terá de represar o rio da verdade em sua nascente.

— Teremos de resgatar o que pudermos, então — disse outra máscara.

— Temos de matar Vorbis!

— Não em Efebo. Quando isso acontecer, deverá acontecer aqui. Para que as pessoas saibam. Quando estivermos fortes o bastante.

— Será que algum dia seremos fortes o bastante? — questionou uma máscara. Seu dono estalava os dedos, nervoso.

— Até os aldeões sabem que há algo errado. Não se pode parar a verdade. Represar o rio da verdade? Isso gera vazamentos de enorme força. Não descobrimos sobre Murduck? Hah! "Morto em Efebo", disse Vorbis.

— Um de nós deve ir para Efebo e salvar o Mestre. Se ele realmente existe.

— Ele existe. Seu nome está no livro.

— Didátulos. Um nome estranho. Isso significa "De Dois Dedos", vocês sabem.

— Eles devem honrá-lo em Efebo.

— Trazê-lo de volta aqui, se possível. E o Livro.

Uma das máscaras parecia hesitante. Seus dedos estalaram novamente.

Muitas pessoas achavam que Brutha era um idiota. Parecia um, de sua cara redonda e franca até seus pés chatos e os tornozelos tortos. Também tinha o hábito de mover os lábios quando pensava profundamente, como se estivesse ensaiando cada frase. É porque era isso mesmo o que estava fazendo. Pensar não era algo que vinha facilmente para Brutha. A maioria das pessoas pensava automaticamente, pensamentos dançando em seus cérebros, como eletricidade estática através de uma nuvem. Pelo menos, era assim que lhe parecia. Ao passo que ele tinha de construir pensamentos aos poucos, um pedaço de cada vez, como alguém construindo um muro. Uma vida curta, sendo ridicularizado por ter corpo de barril e pés que pareciam prestes a partir em direções opostas, lhe dera a forte tendência a pensar com muito cuidado sobre qualquer coisa que dissesse.

Irmão Nhumrod estava prostrado no chão diante de uma estátua de Om Pisando nos Ímpios, com os dedos nos ouvidos. As vozes incomodavam-no mais uma vez.

Brutha tossiu. Tossiu novamente.

Irmão Nhumrod ergueu a cabeça.

— Irmão Nhumrod? — disse Brutha.

— O quê?

— Er... Irmão Nhumrod?

— O quê?

Irmão Nhumrod tirou os dedos dos ouvidos.

— Sim? — disse, irritado.

— Hum. Há algo que você deveria ver. No... jardim. Irmão Nhumrod?

O mestre de noviços sentou-se. O rosto de Brutha era uma amostra flagrante de preocupação.

— O que você quer dizer? — perguntou Irmão Nhumrod.

— No jardim. É difícil explicar. Hum. Eu descobri... de onde as vozes estavam vindo, Irmão Nhumrod. E você disse que eu deveria vir lhe contar.

O velho sacerdote lançou a Brutha um olhar penetrante. Mas, se alguma vez houve uma pessoa sem malícia ou qualquer tipo de sutileza, era Brutha.

O medo é uma terra estranha. Nele, a obediência cresce como milho, em fileiras que facilitam a colheita. Mas, às vezes, nele crescem as batatas do desafio, que florescem no subsolo.

— Mas será que as pessoas se reunirão em torno de... um livro? O povo precisa de mais que um livro. Eles são aldeões. Não sabem ler.

— Mas podem ouvir!

— Mesmo assim... precisam de algo que lhes mostre... precisam de um símbolo...

— Nós temos um!

Instintivamente, cada figura mascarada virou-se para olhar para o desenho na parede, indistinto à luz do fogo, mas gravado em suas mentes. Olhavam para a verdade, o que muitas vezes impressionava.

— A Tartaruga se Move!

— A Tartaruga se Move!

— A Tartaruga se Move!

O líder concordou com a cabeça.

— E agora — disse —, vamos sortear...

O Grande Deus Om cresceu em sua ira, ou, pelo menos, fez uma tentativa legítima. Há um limite para a quantidade de ira que pode ser suscitada a um centímetro do chão, mas ele fazia esforço.

Amaldiçoou em silêncio um besouro, o que é como despejar água em uma lagoa. Não pareceu fazer qualquer diferença mesmo. O besouro arrastou-se para longe.

Xingou um melão até a oitava geração, mas nada aconteceu. Tentou uma praga de pústulas. O melão ficou ali sentado, amadurecendo aos poucos.

Só porque ele estava temporariamente envergonhado, o mundo inteiro achava que poderia tirar proveito. Bem, quando Om retomasse sua força e voltasse à legítima forma, disse para si mesmo, certas medidas seriam tomadas. As tribos de Besouros e Melões desejariam jamais ter existido. E algo realmente horrível aconteceria com todas as aguias. E... e haveria um mandamento sagrado envolvendo o plantio de mais alfices...

Quando o rapazola retornou com o homem com pele de cera, o Grande Deus Om não estava com disposição para brincadeiras. Além disso, do ponto de vista tartarugal, até o mais belo ser humano é apenas um par de pés, uma cabeça pontuda e distante e, em algum lugar lá em cima, o lado errado de um par de narinas.



— O que é isso? — rosnou.  
 — Isso é Irmão Nhumrod — disse Brutha. — Mestre dos noviços. Ele é muito importante.  
 — Eu não pedi para me trazer um velho gordo pederasta! — gritou a voz em sua cabeça. — Seus olhos serão cuspidos em poços de fogo por isso!  
 Brutha ajoelhou-se.  
 — Eu não posso ir até o Sumo Sacerdote — disse, tão pacientemente quanto possível. — Os noviços nem são admitidos no Grande Templo, exceto em ocasiões especiais. Eu teria de Aprender sobre os Erros de Meus Atos junto à Quisição se fosse pego. É a Lei.  
 — Tolo estúpido! — gritou a tartaruga.  
 Nhumrod decidiu que era hora de falar.  
 — Noviço Brutha — disse —, por que razão você está falando com uma pequena tartaruga?  
 — Porque... — Brutha hesitou. — Porque ela está falando comigo... não está?  
 Irmão Nhumrod olhou para a pequena cabeça de um olho só que saía do casco.  
 Era, em grande parte, um homem bondoso. Às vezes, demônios e diabos colocavam pensamentos inquietantes em sua cabeça, mas certificava-se de que ficassem por lá; não merecia, em nenhum sentido literal, ser chamado do que a tartaruga o chamara e, caso tivesse ouvido, teria pensado que era algo a ver com seus pés. Estava bem ciente de ser possível ouvir vozes atribuídas a demônios e, às vezes, a deuses. Tartarugas eram novidade. Tartarugas fizeram com que ficasse preocupado com Brutha, que sempre tomara como um amável idiota, que fazia tudo o que lhe pediam, sem qualquer tipo de queixa. Naturalmente, muitos noviços se ofereciam para limpar as fossas e os estábulos dos touros, graças a uma estranha crença de que santidade e devoção tinham algo a ver com estar com sujeira até os joelhos. Brutha nunca se ofereceu, mas se lhe pediam para fazer algo ele fazia, não por alguma vontade de impressionar, mas simplesmente porque lhe haviam pedido. E agora estava falando com tartarugas.  
 — Acho que preciso lhe dizer, Brutha — começou —, que ela não está falando.  
 — Você não está ouvindo?

— Haha. — Brutha riu obedientemente.  
 — Vou levá-la até a cozinha, para fora do seu caminho — disse o mestre dos noviços. — Elas dão uma sopa excelente. E então você não ouvirá mais vozes, pode acreditar. O fogo cura todas as loucuras, não é?  
 — Sopa?  
 — Er... — disse Brutha.  
 — Seus intestinos serão enrolados ao redor de uma árvore até que você esteja arrependido!  
 Nhumrod passou os olhos pelo jardim. Parecia cheio de melões, abóboras e pepinos. Estremeceu.  
 — Muita água fria, isso é o indicado — disse. — Muita mesmo. — Encarou Brutha mais uma vez. — Hein?  
 E afastou-se em direção à cozinha.

O Grande Deus Om estava de cabeça para baixo numa cesta em uma das cozinhas, soterrado por um monte de ervas e algumas cenouras.

Uma tartaruga de pernas para o ar vai tentar se arrumar primeiramente esticando seu pescoço ao máximo e usando a cabeça como alavanca. Se isso não funcionar, vai agitar as pernas freneticamente, caso isso a arraste para uma posição vertical.

Uma tartaruga de pernas para o ar é a nona coisa mais patética em todo o multiverso.

Uma tartaruga de pernis para o ar, que sabe o que vai acontecer com ela em seguida, é, bem, pelo menos a quarta coisa mais patética.

A maneira mais rápida de matar uma tartaruga em uma panela é mergulhá-la em água fervente.

Cozinhas, despensas e oficinas de artesãos pertencentes à população civil da Igreja preenchiam a Cidadela como uma enorme colmeia.\* Esta era apenas uma delas; um porão de teto escurecido pela fumaça cujo ponto

\* São necessários quarenta homens com os pés no chão para manter um homem com a cabeça no ar.

— Não estou ouvindo, Brutha.  
 — Ela me disse que era... — Brutha hesitou. — Ela me disse que era o Grande Deus.  
 Encolheu-se. Sua avó teria lhe acertado com alguma coisa pesada.  
 — Ah. Bem, veja você, Brutha — disse Irmão Nhumrod, tremendo suavemente —, isso não é uma coisa rara entre jovens que acabaram de ouvir o Chamado da Igreja. Ouso dizer que você ouviu a voz do Grande Deus quando foi Chamado, concorda? Hein?  
 Metáforas escapavam a Brutha. Lembrou-se de que ouvira a voz de sua avó. Ele não tinha sido tão Chamado assim, mas Enviado. No entanto, assentiu de qualquer maneira.  
 — E com o seu... entusiasmo, é bem natural que tenha pensado ouvir o Grande Deus falando com você — continuou Nhumrod.  
 A tartaruga subia e descia em seu casco.  
 — Vou feri-lo com raios! — gritou.  
 — Acho que exercício saudável é a solução — acrescentou Nhumrod. — E abundância de água fria.  
 — Contorça-se sobre as estacas da danação!  
 Nhumrod abaixou-se e pegou a tartaruga, virando-a. Suas pernas se debatiam de raiva.  
 — Como ela chegou aqui, hein?  
 — Eu não sei, Irmão Nhumrod — disse Brutha obedientemente.  
 — Sua mão murchará e cairá! — gritou a voz em sua cabeça.  
 — Esses bichos dão uma boa refeição, sabe? — disse o mestre de noviços.  
 Notou a expressão no rosto de Brutha.  
 — Veja desta forma — disse. — Será que o Grande Deus — fez os chifres sagrados — Om já se manifestou como uma humilde criatura deste tipo? Um touro, sim, claro, uma águia, com certeza, e acho que, em uma ocasião, um cisne... mas uma tartaruga?  
 — Seus órgãos sexuais criarão asas e voarão para longe!  
 — Afinal de contas — prosseguiu Nhumrod, ignorando o coro secreto na cabeça de Brutha —, que tipo de milagres uma tartaruga poderia fazer? Hein?  
 — Seus tornozelos serão esmagados nas mandíbulas de gigantes!  
 — Transformar alface em ouro, talvez? — sugeriu Irmão Nhumrod, no tom jovial daqueles abençoados com nenhum senso de humor. — Esmagar formigas com os pés? Hahaha.

focal era um forno em arco. As chamas rugiam pelo cano da chaminé. Cães viradores de espeto trotavam em suas esteiras.\* Cutelos subiam e desciam sobre as tábuas de cortar.

De um lado do enorme forno, entre vários outros caldeirões enegrecidos, um pequeno pote de água já estava começando a ferver.

— Os vermes da vingança comerão suas narinas enegrecidas! — gritou Om, contorcendo as pernas violentamente. A cesta balançava.

A mão cabeluda de alguém se estendeu e retirou as ervas.

— Falcões bicarão seu fígado!

A mão se estendeu de novo e pegou as cenouras.

— Será afligido por mil cortes!

A mão se estendeu mais uma vez e pegou o Grande Deus Om.

— Os fungos canibais de...!

— Cale a boca! — sussurrou Brutha, enfiando a tartaruga sob seu manto.

Ele esgueirou-se em direção à porta, sem ser notado em meio ao caos culinário geral.

Um dos cozinheiros olhou para ele e levantou uma sobrancelha.

— Só tenho de levar isso de volta — murmurou Brutha, mostrando a tartaruga e agitando-a amavelmente. — Ordens do diácono.

O cozinheiro fez uma careta e deu de ombros. Noviços eram considerados por todos a mais baixa forma de vida, mas ordens da hierarquia deveriam ser obedecidas sem questionamento, a não ser que o questionador quisesse ver-se confrontado por questões mais importantes, como se é ou não possível ir para o céu depois de ser queimado vivo.

Quando estavam no pátio, Brutha encostou-se à parede e suspirou.

— Seus globos oculares serão...! — começou a tartaruga.

— Só uma palavra a mais — disse Brutha — e voltará para a cesta.

A tartaruga ficou em silêncio.

— Na situação atual, provavelmente já terei problemas por perder a aula de Religião Comparada com Irmão Whelk — disse Brutha. — Mas

\* O Cão Virador de Espetos (*Turnspit Dog*) é uma raça já extinta de cães, de corpo comprido e pernas curtas. Foi usado nas cozinhas europeias entre os séculos XVI e XIX para correr em uma esteira que virava os espetos de carne que assavam. (N. T.)

o Grande Deus achou por bem tornar o pobre homem míope, e ele provavelmente nem vai notar que eu não estou lá, mas, se notar, terei de dizer o que fiz, porque mentir a um Irmão é pecado, e o Grande Deus vai me enviar para o inferno por um milhão de anos.

— Nesse caso em particular, eu poderia ser misericordioso — disse a tartaruga. — Não mais, do que mil anos do lado de fora.

— Minha avó me disse que devo ir para o inferno de qualquer maneira quando morrer — disse Brutha, ignorando aquilo. — Estar vivo é pecaminoso. Faz sentido, porque temos de pecar todos os dias quando estamos vivos.

Olhou para a tartaruga.

— Eu sei que você não é o Grande Deus — chifres sagrados — porque, se eu tocasse o Grande Deus — chifres sagrados — Om, minhas mãos queimariam e cairiam. O Grande Deus nunca se tornaria uma tartaruga, como disse Irmão Nhumrod. Mas o Livro do Profeta Cena diz que, quando ele estava vagando pelo deserto, os espíritos da terra e do ar falaram com ele, então imaginei que você fosse um deles.

A tartaruga encarou-o com seu único olho por algum tempo. Então, disse:

— Um camarada alto? De barba grande? Os olhos se mexendo pra lá e pra cá?

— O quê? — perguntou Brutha.

— Acho que me lembro dele — disse a tartaruga. — Os olhos se mexiam quando ele falava. E ele falava o tempo todo. Consigo mesmo. Sempre dava topadas nas pedras.

— Ele vagou pelo deserto por três meses — contou Brutha.

— Isso explica, então — disse a tartaruga. — Não há muito o que comer por lá além de cogumelos.

— Talvez você seja um demônio — disse Brutha. — O Septateuco nos proíbe de ter um diálogo com demônios. No entanto, resistindo aos demônios, segundo o Profeta Fruni, nossa fé fica mais forte...

— Seus dentes terão abscessos quentes como brasa!

— Perdão?

— Juro por *mim* que sou o Grande Deus Om, o maior dos deuses!

Brutha deu tapinhas no casco da tartaruga.

— Deixa eu lhe mostrar uma coisa, demônio.

Podia sentir sua fé ficando mais forte, se escutasse com atenção.

Aquela não era a maior estátua de Om, mas chegava perto. Ficava no subsolo, no nível dos poços reservados para prisioneiros e hereges. E era feita de chapas de ferro presas com rebites.

Os poços estavam desertos, exceto por um par de noviços empurrando um carrinho tosco a distância.

— É um grande touro — disse a tartaruga.

— A própria semelhança do Grande Deus Om em uma de suas encarnações terrenas! — exclamou Brutha com orgulho. — E você diz que é *ele*?

— Não tenho estado bem ultimamente — comentou a tartaruga.

Seu pescoço magro esticou-se ainda mais.

— Há uma porta na parte traseira dela — disse. — Por que há uma porta na parte traseira?

— Para que os pecadores sejam introduzidos por ali — respondeu Brutha.

— Por que há uma outra na barriga?

— Para que as cinzas purificadas tenham por onde sair — disse Brutha.

— E a fumaça é expelida pelas narinas, como um sinal para os ímpios.

A tartaruga esticou o pescoço para as fileiras de portas trancadas. Olhou para a fuligem incrustada nas paredes. Olhou para o fosso vazio onde acendiam as fogueiras, sob o touro de ferro. Chegou a uma conclusão. Piscou seu único olho.

— Pessoas? — disse, finalmente. — Vocês assam *peessoas* nela?

— Pronto! — exclamou Brutha, triunfante. — E assim você prova que não é o Grande Deus! Ele saberia que obviamente não queimamos as pessoas lá dentro. Queimar pessoas lá dentro? Nunca ouvi algo assim antes!

— Ah — disse a tartaruga. — Então o quê...?

— É para a destruição de materiais hereges e outros lixos afins — explicou Brutha.

— Muito sensato — disse a tartaruga.